

**Universidade Federal Fluminense
Centro de Estudos Gerais
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História**

**SÓ POR HOJE: UM ESTUDO SOBRE
NARCÓTICOS ANÔNIMOS, ESTIGMA SOCIAL
E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Ricardo Muniz Mattos Cardoso

Dissertação apresentada como
requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em História

Orientadora:
Prof^a Dr^a Adriana Facina

**Niterói
2006**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C266 Cardoso, Ricardo Muniz Mattos.
Só por hoje: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea / Ricardo Muniz Mattos Cardoso. – 2006.
113f.
Orientador: Adriana Facina Gurgel do Amaral.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense,
Departamento de História, 2006.
Bibliografia: f. 105-113.

1. Narcóticos Anônimos. 2. Drogas - abuso - tratamento. 3. Hedonismo. I.
Amaral, Adriana Facina Gurgel. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 362.29286

A
Sid Barrett
(the lost soul in a fish bowl)

AGRADECIMENTOS

A Adriana Facina por ter topado um projeto louco, dado indicações valiosas e ter tido paciência oriental e coração latino.

Aos membros da banca examinadora, professores Mário Jorge Bastos, Marcelo Badaró Mattos, Fernando Dumas dos Santos (da Fundação Oswaldo Cruz) e Marta Mega de Andrade (do Departamento de História da UFRJ).

Aos professores Sílvio de Almeida Carvalho Filho (dos departamentos de História da UERJ e UFRJ), Maria Conceição de Góes (Departamento de História da UFRJ), Sônia Regina de Mendonça, Virgínia Fontes, Paulo Faitanin (do Departamento de Filosofia da UFF), José Sávio Leopoldi (do Departamento de Antropologia da UFF) e Gilberto Velho (do Museu Nacional / UFRJ) pelas sugestões valiosas e correções de rota.

Aos funcionários e funcionárias do PPGH/UFF, que foram tão atenciosos e eficientes na resolução dos vários abacaxis burocráticos que surgiram ao longo do curso, e às funcionárias da ACS que foram tão prestativas com as fontes primárias.

À diretoria e à coordenação pedagógica da Escola Municipal Dalva de Oliveira, formada pelos professores Leny Mergulhão, Francisco Coelho e Regina Fernandes, pela compreensão e apoio irrestritos.

Aos amigos Miguel Masella, Mariana Aguiar, Patrícia Zanardi, Roberto Minadeo, João Malheiro, Luciano Mesquita, Quincas Rodrigues, Frederico Bonaldo, Vanessa Luiz, Viviane Dutra e André e Paula Ruttman, pelo carinho e incentivo constantes.

A minha irmã Monica, pelo companheirismo, e aos meus pais Emanuel e Geisa Cardoso, pelo exemplo de luta e amor de sempre.

A Titiá, por perdoar minha ausência. A Rita, Paulo, Luiza e Felipe pelo enorme afeto e pela delicadeza de um macarrão do qual nunca vou me esquecer.

Especialmente, ao pessoal do NA que em suas lutas cotidianas me ensinaram muito sobre como levar a vida.

Resumo

Este trabalho é uma análise histórica do programa de recuperação da drogadição promovido pela “irmandade” de ajuda mútua conhecida como Narcóticos Anônimos.

No primeiro capítulo, um histórico da entidade é traçado; assim como seu conceito de “adicção” e sua estrutura organizacional são apresentados.

No capítulo seguinte, são avaliados as estigmatizações sociais sobre a drogadição e os impactos destes nas representações sociais formuladas pelo NA. As convergências existentes entre a programação terapêutica do NA e a revigorada ética do trabalho da virada do século XX para o XXI também são avaliadas.

No último capítulo, as representações sociais formuladas pelo NA são confrontadas com os individualismos e o hedonismo da moderna sociedade de consumo.

Abstract

This paper is a historical analysis of the addiction recovering program promoted by the “brotherhood” known as Narcotics Anonymous.

In the first chapter, the history of the NA, as its concept of addiction and organizational structure are presented.

In the second chapter, the social stigmatization over drug-addiction and its impacts on NA’s social representations. The convergencies between the therapeutics program of NA and the new labor ethics (of the 21TH century) are studied.

The last chapter, the NA’s social representations are confronted with the individualisms and hedonism of the contemporary society.

SUMÁRIO

Introdução, p.9

Capítulo 1: Narcóticos Anônimos: história, programa e organização, p.24

I) História do NA, p.25

1 – Um breve histórico dos Alcoólicos Anônimos, p.25

2 – Surgimento e desenvolvimento do NA, p.31

II) O conceito de “adição” como base da programação do NA, p.37

III) A Estrutura de serviço do NA, p.40

1 – O grupo de NA, p.40

2 – Os comitês de serviço de área, p.45

3 – A estrutura de serviço da Região Brasil de NA, p.45

4 – Os Narcotics Anonymous World Services, p.47

IV) Visões acadêmicas sobre os doze passos, p.47

Capítulo 2: Narcóticos Anônimos, estigmas e deslocamentos de trajetórias, p.52

I) Da drogadição ativa à sala de NA, p.53

1 – Consumo de Drogas e Identidades Deterioradas, p.53

2 – A noção de “fundo do poço”, p.60

II) A luta pela readaptação, p.62

1 – Os primeiros passos no NA, p.62

2 – O inventário moral, p.71

Capítulo 3: Narcóticos Anônimos e mundo pós-moderno, p.76

I) O panorama pós-moderno, p.77

1 – Individualismo ou Individualismos?, p.80

2 – Hedonismo e Consumismo, p.82

II) A noção de “egocentrismo” em Narcóticos Anônimos, p.85

III) Ascetismo numa sociedade hedonista / consumista, p.88

Conclusão, p.93**Anexos, p.98**

Anexo I: Passos de Alcoólicos Anônimos, p.99

Anexo II: Tradições de Alcoólicos Anônimos, p.100

Anexo III: Passos de Narcóticos Anônimos, p.101

Anexo IV: Tradições de Narcóticos Anônimos, p.102

Anexo V: Perguntas do folheto *Sou um adicto?*, p.103

Bibliografia, p.105

Fontes Primárias, p.106

Fontes Secundárias, p.107

Introdução

Poucas temáticas são capazes de provocar, na atualidade, discussões tão acaloradas quanto a das drogas ilegais. Aqui no Brasil, por exemplo, o narcotráfico se tornou questão da ordem do dia, dado o clima de insegurança reinante em nossas grandes cidades. O tráfico, todavia, é apenas um dos aspectos do problema. Um olhar atento para o fenômeno das drogas revelará uma considerável complexidade sócio-cultural. O tema envolve questões diversas como criminalidade, violência policial, corrupção dos poderes públicos, miséria urbana, prevenção, controle social e racismo associados à repressão ao consumo, descriminalização/legalização, etc.

Esta dissertação é uma tentativa de compreender um dos aspectos da problemática das drogas: o tratamento da drogadição através de um programa específico de recuperação que é o dos grupos de auto-ajuda de **Narcóticos Anônimos**.

Meu envolvimento com o objeto de pesquisa começou no ano de 2002, numa cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Devo afirmar que não procurei este objeto de estudo e sim que esbarrei nele. Isto ocorreu quando um casal de alunos meus, com os quais estabeleci um forte vínculo de amizade, me confidenciaram o fato de que eram “adictos em recuperação” e me convidaram a participar de uma reunião aberta do NA.

Posso dizer que ali, naquela reunião, “abri as portas da percepção”. Um mundo novo, instigante e enigmático me convidava a desbravá-lo. E foi exatamente isso o que comecei a fazer, devorando desordenadamente tudo o que se referia a “drogas” e “drogadição” – de *Cristiane F.* à biografia de Kurt Cobain (Cross, 2002), das letras de Renato Russo aos textos do próprio NA.

O que me encantou no NA, foi percebê-lo diferente do que, na minha ignorância e preconceitos, imaginava. Para mim, tudo em Narcóticos Anônimos, assim como em quaisquer outros grupos de ajuda mútua, giraria em torno de idéias banais, ao estilo de Lair Ribeiro e Içami Tiba. Além disso, sempre achei que tais grupos fossem uma espécie de congresso de “losers” como aquelas convenções de aficcionados por *Jornada nas Estrelas*.

Certamente vi nas reuniões que freqüentei um pouco de filosofia lair-ribeiriana. Na verdade, até fãs de *Jornada nas Estrelas* eu encontrei no NA. Mas, por outro lado, conheci pessoas tão interessantes quanto aqueles alunos com os quais compartilhei esperanças, medos, alegrias e ilusões. Eram pessoas que se batiam por domar a vida e não o contrário. Conquistar a existência e não simplesmente deixar-se levar.

Vislumbrar este quadro foi uma experiência fantástica e, logo depois, pus a mão na massa e comecei a trabalhar em cima da possibilidade de desenvolver uma pesquisa em história sobre

Narcóticos Anônimos.

Todavia, muito cedo percebi que tratar a recuperação da drogadição como objeto de estudo histórico é uma tarefa bastante delicada, já que todo o universo das drogas é cercado por numerosos preconceitos. Realmente, as drogas **podem** causar dependência, mas deste fato decorreu toda uma gama de representações sociais moralistas que tornaram bastante difíceis as análises menos apaixonadas sobre o tema.

Foi ainda no século XVIII que os principais elementos da adição ao ópio tornaram-se conhecidos, assim como a classificação do alcoolismo como doença. Mas as origens das representações preconceituosas sobre a adição às drogas e ao álcool remontam ao século XIX, quando uma série de fatores de ordem econômica, social, política e científica foram responsáveis pela condenação da produção e do consumo de determinadas substâncias.

Um desses fatores foi o surgimento, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, de uma série de “movimentos de temperança”, de cunho marcadamente religioso, que associavam o consumo abusivo de álcool à imoralidade da classe operária. Tais movimentos rapidamente adotaram teses proibicionistas em relação à produção e ao consumo de drogas e álcool como estratégia de combate à adição.

Isto ocorreu num momento estratégico da História da Medicina pois, como nos lembra a historiadora Virginia Berridge, a “profissão médica vinha adquirindo status, especializando-se e reivindicando o reconhecimento de sua autoridade científica, através (...) do estudo de doenças particulares” como o alcoolismo (Berridge, 1994: 17). E no esforço de institucionalmente se consolidar, o discurso médico não se demorou em abraçar as teses proibicionistas apregoadas pelos “movimentos de temperança”.

O proibicionismo alcançou dimensão internacional graças aos embates imperialistas anteriores à Primeira Guerra Mundial. Interessados nas possibilidades de reprodução de capital no Pacífico, os Estados Unidos não viam com bons olhos o controle do mercado chinês que o comércio de ópio garantia à Inglaterra. Pressionada por uma série de conferências internacionais que visavam discutir o problema do tráfico de ópio, a Inglaterra resolveu incluir na berlinda sua maior rival continental, a Alemanha, que nessa mesma época produzia em grandes quantidades compostos químicos baseados na cocaína. Durante a guerra, as discussões foram suspensas, mas com a derrota alemã e, mais do que isso, com a confortável hegemonia política e econômica dos Estados Unidos decorrente do conflito, a proibição da produção e venda de ópio, cocaína e

derivados foi adotada em quase todo o mundo (Sparano, 2002: 58).

Com a “Lei Seca”, de 1919, a posição norte-americana se tornou ainda mais radical. Sua derrubada, em 1933, não significou um recuo do proibicionismo, e sim um redirecionamento. Seus novos alvos passaram a ser a cocaína e a maconha, drogas que simbolizavam os novos demônios da sociedade norte-americana: negros e latinos, posto outrora ocupado pelos imigrantes. Não é difícil supor que por trás desta nova repressão, cujo padrão manteve-se praticamente inalterado até a explosão da contracultura dos anos 60, estabeleciam-se diferentes estratégias de controle social sobre populações que ocupavam as posições mais baixas das hierarquias de classes.

Na segunda metade da década de 1960, a aliança estratégica de alguns setores da juventude de classe média com essas populações marginalizadas gerou a explosão de contestação e rebeldia da contracultura, momento de notória apologia do consumo de drogas como expansores da mente. Para os grupos que estavam no poder, mesmo diante da fragilidade de conteúdo que caracterizou a contracultura (cf. Cardoso: 2001), tal aliança representou uma séria ameaça, confirmada pela atuação política dos *Black Panthers* e pelos protestos anarco-pacifistas contra a Guerra do Vietnã. O contra-ataque conservador veio através da eleição do republicano Richard Nixon para a presidência. Com Nixon, inaugurou-se uma violenta ofensiva contra o tráfico e o consumo de drogas que cristalizou um modelo fielmente seguido pelos seus sucessores.

Dada a posição hegemônica dos Estados Unidos no cenário internacional, seu histórico de repressão às drogas acabou por determinar a postura da comunidade internacional em relação às drogas. Para o psicólogo Edward MacRae, “a questão vem sendo tratada no âmbito dos interesses políticos e econômicos das diferentes nações envolvidas e, na prática, as considerações estritamente voltadas para questões de saúde nem sempre têm recebido a atenção que lhes é atribuída no nível dos discursos oficiais” (MacRae, 2001: 29-30). Prova disso foram a *Convenção Única de Viena* (1961) e o *Convênio sobre Substâncias Psicotrópicas* (1971) que, sob forte pressão americana, estabeleceram quatro listas de substâncias proibidas internacionalmente. Estas listas agruparam, sob a classificação genérica de “psicotrópicos”, substâncias cujos efeitos são bastante diversos.¹ As da primeira lista, por exemplo, não causam

¹ “Destas, a primeira elenca as usadas pelos representantes da contracultura, a segunda inclui os derivados anfetamínicos e análogos, a terceira enumera alguns barbitúricos e um fármaco similar e a quarta inclui outros barbitúricos e alguns hipnóticos não barbitúricos” (MacRae, 2001: 30).

dependência, segundo MacRae, mas nem por isso são reprimidas com menos rigor do que outras muito mais perigosas como os remédios anti-depressivos ou mesmo o álcool.

O panorama exposto acima demonstra os jogos de interesse que historicamente estiveram presentes na repressão às drogas. Da moralização dos operários ao controle mais eficaz sobre negros e latinos, os “movimentos de temperança” e o proibicionismo sempre esconderam objetivos de manutenção da ordem e de reprodução de estruturas sociais injustas. Paralelamente, como já foi mencionado, interesses políticos e econômicos atuaram como fios condutores da repressão – fossem eles de médicos preocupados com seu *status* profissional, de comerciantes interessados no mercado asiático ou de autoridades empenhadas em impor o *american way of life* ao mundo.

Tudo isso é revelador da complexidade que envolve a questão das drogas. Há muito tempo, porém, abordagens simplistas e preconceituosas se encarregaram de demonizar tanto as substâncias quanto os usuários.

É interessante notar que, aqui no Brasil, existe uma relação bastante íntima entre estas abordagens e a atual profusão de programas governamentais e privados de prevenção às situações que podem pôr em risco a vida humana. Campanhas de prevenção contra acidentes de trânsito, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras, são corriqueiras e desempenham o importante papel de evitar uma ampliação desses problemas. No entanto, se dá tamanha importância a essas campanhas que parece impossível levar a cabo uma efetiva **educação** nessas matérias.

No que se refere às drogas, esta questão se torna ainda mais aguda posto que a abordagem preventiva tem ajudado a criar um clima de terror em relação às drogas, a obscurecer o debate sobre o tema, a desinformar a opinião pública e a justificar políticas proibicionistas. Em seu *O que é prevenção de drogas*, por exemplo, Roberto Wusthof chega a afirmar que “a família é o culpado número um”. Já Salete Maria Vizzolto, em seu *A droga, a escola e a prevenção*, discute alguns aspectos da personalidade da criança e do adolescente e as condições sócio-culturais do consumo de drogas para, em seguida, igualmente destacar o papel da escola e da família na prevenção (Wusthof, 1991 e Vizzolto, 1987).

Felizmente, a produção acadêmica mais recente tem dado contribuições decisivas para o esclarecimento de questões relacionadas às drogas e, por conseguinte, para crítica lúcida dos preconceitos que cercam o problema. Alguns autores trazem importantes contribuições para uma melhor delimitação entre **uso de drogas** e **uso problemático de drogas** (ou **abuso de drogas**).

Este é o caso de Jandira Masur que, num trabalho intitulado *O que é toxicomania*, resgata o caráter aprioristicamente motivacional da dependência. Além disso, a autora analisa o consumo dentro da relação que há entre indivíduo, cultura e sociedade, contextualizando a dependência química no interior do quadro geral de dependências humanas. Desta forma, Masur nos ajuda a entender que o problema do abuso de drogas não está no produto em si e sim nas motivações e dependências do usuário (Masur, 1985).

Passando para o campo das ciências sociais, a produção divide-se basicamente em três linhas de pesquisa: na primeira, a legislação e a política anti-drogas são analisadas como mecanismos de controle social. Na segunda, que se aproxima bastante da primeira, percebe-se no autoritarismo de traficantes e policiais ameaças à democracia e ao Estado Civil de Direito. A terceira investiga a estrutura e o funcionamento do tráfico de drogas, especialmente na região amazônica, e seus desdobramentos no mercado capitalista internacional.

Em 2002, Marco Sparano defendeu sua dissertação de mestrado *A Repressão às Drogas nas Páginas de Veja (1968 – 1982)*, trabalho complementar ao seu estudo anterior intitulado *A criminalização da maconha* (Sparano, 1998). Depreende-se da leitura dessas duas obras que a legislação anti-drogas teve, em nosso país, dois marcos significativos: 1938, quando a maconha se juntou ao rol de substâncias proibidas, e 1968, momento em que se criminalizou o porte de drogas para consumo pessoal. O autor destaca que em ambos os anos, o Brasil vivia tempos bastante conturbados de arbítrio: o Estado Novo e os “Anos de Chumbo” do AI-5. O autor aponta também para o fato de que, com a redemocratização, teria ocorrido uma importante inflexão na doutrina de segurança nacional: os “inimigos internos” da pátria teriam deixado de ser os “terroristas” de esquerda para converterem-se em traficantes de favelas e periferias.

Ao partir de um enfoque de viés marxista, Sparano conseguiu perceber a luta de classes subjacente à repressão das políticas públicas proibicionistas. Nas décadas de 1940 e 1950, criminalizar a maconha, droga de uso eminentemente popular durante o período, consistia em conferir aos pobres um elemento a mais de estigma e suspeita. O mesmo ocorreu com a repressão à cocaína, sistemática desde os anos 70.

Vera Batista, em sua dissertação de mestrado *Drogas e criminalização da juventude pobre no Rio de Janeiro*, confirma as análises de Marco Sparano demonstrando como os conceitos de classe social e “raça” se tornaram elementos determinantes nos processos do Juizado de Menores que envolviam drogas (Batista, 1997). Nilo Batista, Salo de Carvalho,

Maria Lúcia Karam e Rogério Rocco são outros autores preocupados em perceber os objetivos de manutenção da ordem e exclusão sociais existentes por trás da legislação e política anti-drogas.²

Desnudar o cunho autoritário e anti-democrático do tráfico e da polícia é uma tarefa que faz parte do rol de preocupações de Marcos Alvito e Elizabeth Leeds. Em sua tese de doutorado *As cores de Acari*, Alvito evidencia o clima de “terror” que existe tanto na convivência entre traficantes e moradores da favela de Acari, quanto na atuação repressiva dos órgãos de segurança pública. Como o papel do Estado tem se reduzido a este tipo de ação repressiva, criou-se uma teia de relações clientelistas **forçadas** entre traficantes e moradores (Souza, 1998). Elizabeth Leeds, por sua vez, considera que o poder dos traficantes se sobrepôs ao das associações de moradores, o que constitui uma séria ameaça à democracia local calcada nos movimentos sociais (Leeds, 1999). Outros dois autores que se aproximam dessa noção de “poderes paralelos” são Antônio Rafael Barbosa e Marcelo de Souza.³

Outra autora vinculada a esta linha de pesquisa é a antropóloga Alba Zaluar. Há anos ela se dedica a uma análise antropológica da estruturação do tráfico no Rio, analisando a hierarquia do tráfico no varejo (demonstrando como o crime organizado encontra no desenvolvimento da economia informal, inclusive do mercado de vendedores ambulantes, condições para crescer nas zonas mais pobres), os mecanismos perversos pelos quais o crime organizado recruta os jovens (trazendo perspectivas de poder e dinheiro), como o forte crescimento das taxas de homicídios não pode ser explicado pela migração (que na década de 60 já estava diminuindo), nem pela pobreza, entre outras questões de relevo (Zaluar, 1985, 1994a, 1994b, 2001a e 2001b).

Argemiro Procópio e Lia Osório Machado são os maiores expoentes da corrente que se preocupa com a estrutura de produção e comercialização de drogas e com suas implicações sociais e mercadológicas. Argemiro Procópio lembra, no livro *O Brasil no mundo das drogas*, que o tráfico de drogas tem sido importante na integração das economias da América Latina ao mercado globalizado. Lia Osório Machado, por seu turno, fez interessantes análises acerca das

² Destes autores posso citar as seguintes obras: BATISTA, Nilo. “A penalização do prazer”. In: SABINA, Maria (org.). *Maconha em debate*. São Paulo, Brasiliense, 1985. CARVALHO, Salo de. *A política criminal de drogas no Brasil: do discurso oficial às razões da descriminalização*. Niterói, Luam, 1997. KARAM, Maria L. “Legislação brasileira sobre drogas: história recente – a criminalização da diferença”. In: ACSELRAD, Gilberta (org.). *Avessos do prazer: drogas, AIDS e direitos humanos*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2000. ROCCO, Rogério. *O que é legalização das drogas*. São Paulo, Brasiliense, 1996.

³ Dos dois últimos autores, posso citar BARBOSA, Antônio C. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói, EDUFF, 1998. SOUZA, Marcelo de. “O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre ‘ordem’ e ‘desordem’”. In: *Cadernos de Geociências*, nº13. Rio de Janeiro, IBGE, janeiro/março de 1995.

relações entre lavagem de dinheiro do narcotráfico na Amazônia brasileira e sistema financeiro internacional (Procópio, 1999 e Machado, 1995). Roberto Araújo, Christian Geffray e Rebeca Steiman são outros autores vinculados a esta linha de pesquisa.⁴

Outro nome de fundamental importância é o do antropólogo Gilberto Velho. Este autor conduziu pesquisas pioneiras com usuários de drogas em pleno regime militar, como foi o caso de sua tese de doutoramento *Nobres & Anjos*, defendida em 1975. A grande contribuição de Gilberto Velho foi a de estudar o consumo de drogas sob a ótica da liberdade individual. Para ele o consumo de drogas está ligado a **visões de mundo** e a **estilos de vida** que devem ser respeitados – até porque são frutos do grau de complexidade e heterogeneidade cultural inerente à própria sociedade moderna (Velho, 2002: 57-62). Além disso, este autor fez importantes análises acerca da estigmatização de “drogados” do qual os usuários são vítimas, lembrando que atrás desta acusação de desvio existe um conflito político que se dá no campo da negociação da realidade.

As obras de Gilberto Velho tiveram considerável influência sobre estudiosos do fenômeno das drogas ligados ao campo da psicologia e da medicina. Tem se tornado recorrente entre os autores a preocupação em frisar que qualquer análise que se pretenda séria no tocante às drogas deve levar em consideração seus aspectos culturais e históricos. Edward MacRae, Márcia Totugui e, principalmente, Richard Bucher são alguns desses autores.

Baseando-se nos trabalhos de Gilberto Velho sobre a estigmatização de usuários, Richard Bucher considera que tais acusações de desvio cumprem uma função social encobridora. Os usuários são vistos como ameaças, pois podem contagiar os outros com o vício. São as “más companhias” para as quais as famílias devem manter vigilância. Esvazia-se com isso a drogadição de seu verdadeiro significado. A drogadição não é um fenômeno exclusivamente individual; um vício que se adquire por algum distúrbio na *psiqué*, desvio de caráter ou “más companhias”. É muito mais uma resposta desastrada à “valorização unidimensional da produção e do consumo, do desempenho e da competição”, que deixa “de escanteio dimensões fundamentais da vida social, afetiva e comunitária – dimensões essas que não se deixam monetizar ou encaixar em planos de desenvolvimento meramente econômico. Mas tampouco se deixam erradicar sem

⁴ ARAÚJO, Roberto. “Tráfico de drogas, economías ilícitas y sociedad en la Amazonia Occidental”. **In:** *Revista Internacional de Ciencias Sociales. N°169: Narcotráfico: dimensiones económicas y sociales*. Setembro de 2001. GEFFRAY, Christian. “Brasil: el tráfico de drogas en el Estado federado de Rondônia”. **In:** *Revista Internacional de Ciencias Sociales. N°169: Narcotráfico: dimensiones económicas y sociales*. Setembro de 2001. STEIMAN, Rebeca. *O mapa da droga*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

provocar prejuízos profundos” (Bucher, 1996: 53).

Aparentemente inexplorada por historiadores e cientistas sociais, esta é mais uma contradição da sociedade capitalista: a mesma sociedade que estigmatiza o usuário e as drogas, ideologicamente estimula padrões considerados abusivos de consumo. Mais do que isso, acredito que a terapia de “recuperação”, pelo menos nos moldes propostos pelos grupos de Narcóticos Anônimos, reproduz este caráter ambivalente. Por um lado, o drogadito em recuperação procura se ajustar a certos padrões comportamentais que são valorizados pela sociedade (especialmente àqueles padrões ascéticos informados pela moderna ética do trabalho). Por outro, entretanto, ele percebe ser fundamental, em sua busca de uma efetiva qualidade de vida, traçar um caminho alternativo ao consumismo e ao hedonismo tão caros à ética contemporânea.

É digno de nota, porém, que, conforme Colin Campbell demonstrou em seu *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno* (Campbell, 2001) o capitalismo contemporâneo forjou-se sobre duas bases espirituais. Uma é a da produção, da competição e da acumulação – base construída a partir da ética calvinista do trabalho, conforme a clássica demonstração de Max Weber. A outra é a do binômio prazer/consumo, construída a partir de uma ética romântica do consumo. Tais bases, e seus respectivos modelos éticos, ainda que ambivalentes, harmonizam-se de alguma forma.

O objetivo deste trabalho é entender o discurso e a prática do NA, como estes são informados pelos estigmas sociais que marcam o consumo de drogas ilegais e como se relacionam com os modelos éticos que forjaram a sociedade contemporânea.

Para a consecução do objetivo proposto, utilizei como fonte privilegiada de pesquisa a “literatura de recuperação” de Narcóticos Anônimos. Sob esta denominação de “literatura de recuperação”, encontra-se um conjunto de livros, manuais, guias, livretos e folhetos, traduzidos do inglês com a permissão de *Narcotics Anonymous World Services* (com sede em Van Nuys, California), que são estudados e discutidos pelos integrantes dos grupos de NA. Esses textos versam basicamente sobre dois problemas: o programa de recuperação propriamente dito e os princípios que ordenam a estrutura e o funcionamento interno do NA.

Mas, por ter como característica uma virtual “cristalização” no tempo e no espaço, este tipo de fonte apresentou sérios inconvenientes. No tempo, porque, esta literatura é composta por títulos bastante antigos. O chamado *Livreto Branco*, por exemplo, data de 1962.⁵ No espaço,

⁵ As atualizações da literatura são feitas somente nas Conferências Mundiais de Literatura (*World Literature Conferences*).

pelo rígido *copyright* de *Narcotics Anonymous World Services*. Foi necessário, portanto, recorrer à observação de algumas reuniões abertas de NA de modo a apreender como a “literatura de recuperação” é reinterpretada. Foi o que fiz ao freqüentar reuniões de um grupo localizado em Niterói e outro na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Tive de recorrer também a uma série de **conversas informais** com alguns membros do NA. De maneira geral, fui recebido de modo afetuoso e cordial nos dois grupos, mas encontrei uma resistência acentuada a uma pesquisa de caráter mais formal.

Concretamente, tal resistência se manifestou de múltiplas formas. Em suas formas mais delicadas, por assim dizer, confrontei-me com adiamentos sucessivos e evasivas constantes (ouvi muitas frases como “Depois a gente conversa melhor sobre isso!” ou “Não vai dar, não tenho tempo para isso.”). Nas formas menos delicadas (e mais raras, é justo dizer), alguns membros foram taxativos em sua recusa. Em duas ocasiões, meu trabalho foi desqualificado sob o argumento de que “só quem passou pela experiência da adicção pode entender o NA”.

Em outra ocasião, uma variante dessa argumentação me foi apresentada. Minha pesquisa junto ao grupo de NA localizado em Niterói já estava relativamente avançada, quando, depois de uma reunião, Courtney (estudante, 26 anos de idade, há oito no NA), Joey (desempregado, 37 anos de idade, há doze no NA) e eu pegamos uma carona para Icaraí com Greg (estudante de psicologia, 21 anos de idade, há oito no NA). No carro, a conversa girou em torno da minha pesquisa.

Demonstrando visível irritação, Greg me falou que tinha tentado fazer um trabalho sobre o NA na faculdade, mas não obtivera boa avaliação. Segundo ele, sua professora, “aquela maldita psicanalista!”, “nunca compreenderia o NA” por ter uma visão “preconceituosa demais sobre nós”. Greg afirmou ainda que os “preconceitos” cultivados por sua professora eram “típicos da psicanálise”. Nesse ínterim, iniciou-se uma acalorada discussão na qual Courtney defendia a psicanálise e Greg criticava-a.

Entretanto, a discussão não se restringiu apenas à psicanálise. Virando-se para mim, Greg afirmou que o problema enfrentado por ele na faculdade “extrapolava a psicanálise”. Para ele, o NA com toda sua feição espiritual seria “incompreensível para acadêmicos”. Por conseguinte, minha pesquisa “seria inútil”, pois “nem todo ferramental teórico” me ajudaria a compreender o NA. Depois, com ar de franco desafio, Greg me perguntou: “Por que razão você, um historiador, resolveu estudar o NA?”.

Esta perplexidade, aliás, foi manifestada por vários membros do NA. Mark (enfermeiro, 44 anos de idade, há vinte no NA), por exemplo, chegou a afirmar que eu deveria ter “algum tipo de relação com a adicção”. Quando lhe requisitei uma explicação maior sobre esta afirmação, Mark foi mais além dizendo que eu “**tinha algum tipo de adicção**” e que eu “**deveria procurar ajuda**”.

Avaliação bastante parecida com a de Jimmy (professor, 45 anos de idade, há doze no NA).⁶ Foi muito difícil, durante a pesquisa, convencê-lo de que não sou adito e que meu interesse no NA era de natureza acadêmica.

Percebi, então, que apenas através de conversas **informais** conseguiria desenvolver a pesquisa. Um esforço por cativar as “fontes” começou a ser implementado. Depois de cada reunião, eu saía com dois ou três membros de cada grupo, até o ponto de ônibus, por exemplo, e entabulava um diálogo qualquer. Via de regra, a conversa se dirigia ao mesmo assunto: minha pesquisa. Era a oportunidade adequada para que pudesse explicar calmamente a pesquisa, aonde gostaria que ela me levasse, quais eram minhas visões acerca do NA, etc. Desta forma, rapidamente consegui convencer alguns membros dos grupos observados a me ajudar.

Foi por intermédio de um conjunto de doze membros do NA que pude complementar os dados colhidos nas reuniões abertas e confrontá-los com a “literatura de recuperação”. Foram essas doze pessoas que protagonizaram a presente dissertação. Quatro delas freqüentavam, na época da pesquisa, o grupo de Narcóticos Anônimos localizado na cidade de Niterói:

Membros do grupo localizado em Niterói		
Courtney	26 anos	estudante
Jennifer	31 anos	bancária
Joey	37 anos	desempregado
Mark	44 anos	enfermeiro

Os outros oito membros da entidade que contribuíram com depoimentos freqüentavam o grupo de um bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro:

⁶ Membro do segundo grupo observado, isto é, aquele localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Membros do grupo localizado na Zona Sul do Rio		
Brian	32 anos	comerciário
Jimmy	45 anos	professor
Kurt	32 anos	estudante
Nancy	22 anos	estudante
Richard	41 anos	funcionário público
Sidney	39 anos	jornalista
Susan	17 anos	estudante
Tommy	37 anos	cabelereiro

Nos encontros que tive com essas doze pessoas, segui o seguinte roteiro temático para coleta de informações:

- Breve relato auto-biográfico.
- A experiência com as drogas (ou a “adicação ativa”).
- As relações humanas durante esse tempo.
- O chamado “fundo do poço”.
- A entrada no NA.
- A vivência do programa.
- O inventário moral do quarto passo.⁷
- Trajetória de vida posterior ao ingresso no NA.
- Avaliação do programa de doze passos.
- Vivência religiosa dentro e fora do NA.
- Participação na estrutura organizacional da entidade.

Os depoimentos foram coletados em circunstâncias bastante singulares. Os três primeiros, por exemplo, ocorreram numa noite na casa de Joey. Eu, Courtney, Jennifer e o próprio Joey fomos para lá depois de uma reunião aberta do NA. Conversamos durante quatro horas e voltamos para nossas casas por volta das duas horas da manhã. Na verdade, este encontro ocorreu de um modo um tanto acidental. Eu não esperava colher depoimento algum naquela noite

⁷ O quarto passo propõe ao membro do NA que ele realize um exame de vida conhecido como “inventário moral”. Este passo será analisado no capítulo II desta dissertação.

mas, como era sexta-feira e ninguém teria de acordar cedo no dia seguinte, resolvemos ir à casa de Joey.

Ao longo da conversa, cada tópico do roteiro foi respondido pelos presentes, com exceção de um que se revelou um tanto melindroso: o referente às relações humanas durante a época da “adicação ativa”. Jennifer e Courtney mostraram-se mais abertas ao diálogo descrevendo suas biografias de forma mais pormenorizada. Joey, por sua vez, mostrou-se um pouco mais reticente. Ocorreram outros dois encontros semelhantes com Jennifer, Courtney e Joey. O primeiro num bar em Icarai e o segundo no *campus* do Valonguinho da Universidade Federal Fluminense. Nessas reuniões, Jennifer e Courtney mantiveram a abertura demonstrada no contato inicial e Joey revelou estar cada vez mais a vontade com nossas conversas.

Nesse ínterim, comecei a estabelecer contato com Mark. Nossas conversas foram três ao todo – todas elas ocorridas em sua casa. Apesar de sua desconfiança sobre minha pretensa adição, nossas reuniões transcorreram num clima muito tranqüilo. Ao longo de quase dez horas de conversa e de incontáveis cafezinhos, Mark forneceu informações estratégicas para que eu pudesse compreender melhor a estrutura e o funcionamento do NA.

Mas foi Jimmy, do Rio de Janeiro, que me forneceu as informações mais importantes sobre a estrutura organizacional dos Narcóticos Anônimos. Tivemos, ao todo, seis encontros que totalizaram umas doze horas de conversa. De todos os membros do NA com os quais travei contato, Jimmy foi o que mais se predispôs a contribuir com a pesquisa. Ironicamente, ficou muito claro para mim que sua disponibilidade veio de sua vontade de me ajudar a conhecer o NA melhor, com vistas a um futuro ingresso meu. Ou seja, por mais que tentasse convencê-lo de que drogas não constituíam um problema para mim, ele insistiu durante muito tempo no contrário.

Nancy, Susan e Tommy foram os primeiros membros do grupo do Rio de Janeiro com os quais estabeleci algum tipo de relação. Logo depois da primeira reunião aberta do referido grupo que assisti, Susan, veio até minha direção, se apresentou e me apresentou aos outros dois. Nas reuniões seguintes, sentávamos os quatro juntos e, quando terminava a reunião, saíamos para conversar e comer alguma coisa. Na quarta vez que saímos, a pesquisa tornou-se o foco da conversa. A partir de então, esses encontros se repetiram em outras três ocasiões (todas elas ocorridas em bares da Cinelândia).

Kurt foi outro que abriu a porta de sua casa para mim. Tivemos três longas conversas sobre sua experiência. Como todos os outros, conheci o Kurt numa reunião do NA. Terminada

esta reunião, tivemos uma rápida conversa na qual expus minha pesquisa. Kurt prontificou-se imediatamente a participar. Trocamos telefones, agendamos um encontro em sua residência e começamos a trabalhar. Muito franco em seus depoimentos, Kurt foi um auxílio decisivo para a pesquisa.

Já com Brian, Richard e Sidney, os contatos foram bastante breves. A única conversa que tive com Brian foi no centro de Niterói. Por uma feliz coincidência, ele e Nancy eram conhecidos de Courtney. Então, à convite de Nancy, fui a Niterói quando os dois marcaram um cinema com Courtney. Conversamos durante todo o trajeto – da Praça XV, no Rio de Janeiro, até o cinema, na Praia de Icaraí .

Richard e Sidney, apesar do visível interesse demonstrado para com meu trabalho, sempre argumentaram excessiva ocupação para participar da pesquisa. “Estou atolado de trabalho!” foi uma frase que escutei repetidas vezes de Richard. No entanto, a disposição dos dois em ajudar sempre me pareceu bastante sincera. Então, depois de vários encontros marcados e desmarcados, consegui uma brecha de mais ou menos uma hora para falar com Sidney, antes de uma determinada reunião aberta. Já com Richard tive uma conversa que durou em torno de uma hora e trinta minutos, na saída de seu trabalho.

No geral, posso afirmar que, em maior ou menor grau, as pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa foram francas e solícitas; o que tornou meu trabalho uma experiência bastante enriquecedora. Experiência que, combinada com a observação das reuniões abertas e a análise da “literatura de recuperação” tornou possível montar (parte d)este quebra-cabeças conhecido como Narcóticos Anônimos.

Esta dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, pretendo analisar a história do NA, seu programa terapêutico, sua estrutura e seu funcionamento. Foi necessário iniciar este capítulo com um breve histórico dos Alcoólicos Anônimos, pois o NA deve sua existência ao desenvolvimento do próprio AA. Além disso, as raízes do AA estão mergulhadas nos movimentos religiosos de temperança do século XIX. Isto será de fundamental importância para a compreensão do caráter protestante de Narcóticos Anônimos.

Depois de apresentar o NA, meu esforço no Capítulo II foi o de avaliar os estigmas sociais que informam a cosmovisão dos membros do NA assim como da entidade como um todo. Outra preocupação foi resgatar as influências do protestantismo ascético na programação terapêutica da entidade, assim como compreender a vivência do programa por parte de seus

membros. Desta forma foi possível perceber as aproximações existentes entre a concepção de **trabalho** difundida pela programação de doze passos e a revigorada **ética contemporânea do trabalho**.

Inicialmente, no terceiro capítulo, me preocupei em avaliar o caráter competitivo, individualista, hedonista e consumista da sociedade atual, considerando suas implicações no atual quadro de desmobilização política. Em seguida, discuti representações sociais formuladas por Narcóticos Anônimos confrontando-as com os individualismos e o hedonismo da moderna sociedade de consumo.

Como Richard Bucher, acredito que o abuso de drogas carrega dentro de si valiosos ensinamentos sobre a estrutura e os infortúnios da sociedade capitalista (Bucher, 1996: 46). Estudá-lo é trazer à tona esses ensinamentos. Espero ter contribuído significativamente para isso com esta dissertação.

Capítulo 1

Narcóticos Anônimos: história, programa e organização

“NA é uma Irmandade ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos. Este é um programa de total abstinência de todas as drogas. Há somente um requisito para ser membro, o desejo de parar de usar. Sugerimos que você mantenha a mente aberta e dê a si mesmo uma oportunidade. Nosso programa é um conjunto de princípios escritos de uma maneira tão simples que podemos segui-los nas nossas vidas diárias. O mais importante é que eles funcionam.

Não tem subterfúgios. Não somos filiados a nenhuma outra organização, não temos matrículas nem taxas, não há compromissos escritos, nem promessas a fazer a ninguém. Não estamos ligados a nenhum grupo político, religioso ou policial e, em nenhum momento, estamos sob vigilância. Qualquer pessoa pode juntar-se a nós, independente da idade, raça, identidade sexual, crença, religião ou falta de religião” (*Texto básico*, página 10).

I) História do NA:

1 – Um Breve Histórico de Alcoólicos Anônimos:

Se um dia a ficção científica virasse realidade e uma nave alienígena desembarcasse aqui na Terra, seus tripulantes chegariam à conclusão de que este é um planeta muito doido. Eles ficariam espantados ao ver nossas prateleiras repletas de livros de auto-ajuda. Ficariam intrigados com o número de pessoas que procuram psicólogos para dar algum rumo às próprias vidas. Contariam piadas, talvez, sobre o tempo que dispensamos aos psicanalistas. Demonstrariam perplexidade ao ver a quantidade de associações anônimas que criamos para resolver os mais diferentes problemas de ordem psicológica ou comportamental.

Ou não. Pode ser que, entre uma viagem intergaláctica ou outra, eles lessem seus próprios gurus da inteligência emocional. Seja como for, Narcóticos Anônimos, Introversos Anônimos, Neuróticos Anônimos, Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Comedores Compulsivos Anônimos, Jogadores Compulsivos Anônimos, Fumantes Anônimos, Mulheres que Amam Demais Anônimas, Co-dependentes Anônimos e Devedores Anônimos são apenas algumas das associações de ajuda mútua de uma lista capaz de surpreender qualquer alienígena.

Todas estas associações têm um substrato em comum: o programa de doze passos de Alcoólicos Anônimos. As origens deste programa, porém, são bastante anteriores ao próprio nascimento desta associação. Elas remontam ao início do século passado, quando um jovem pastor protestante da Filadélfia, Frank Buchman, passou por uma experiência espiritual que transformou sua vida.

Buchman estava participando de uma convenção religiosa na cidade de Keswick, na Inglaterra, quando escutou uma conversa sobre a Cruz de Cristo e percebeu que sua vida era diferente demais da vida de Jesus. Resolveu, então, adotar padrões absolutos de pureza, amor honestidade e altruísmo.

Decidido a desenvolver uma atividade apostólica, Buchman fundou um grupo religioso composto por vários estudantes da Universidade de Oxford. Rapidamente, o chamado “Grupo Oxford” cresceu, transformando-se em um importante movimento religioso. Num espaço de apenas vinte anos, já existiam Grupos Oxford na Inglaterra, Escócia, Holanda, Suíça, Estados Unidos, África do Sul, Egito, Índia, China e América do Sul.

Em 1931, Roland Hazard, um banqueiro e ex-senador alcoólatra de Connecticut, viajou para Zurique com o intuito de se tratar com o renomado psiquiatra Carl Gustav Jung. Durante o tratamento, Hazard alternou momentos de melhoras com várias recaídas. Três anos depois, Jung, já bastante desanimado com o caso, avisou-lhe que seu problema seria resolvido mediante apenas a uma profunda experiência espiritual, a uma **conversão religiosa de personalidade**.

Hazard voltou para os Estados Unidos e começou a freqüentar os Grupos Oxford que lá existiam. Nos Estados Unidos, os Grupos Oxford eram liderados pelo reverendo anglicano⁸ Samuel Shoemaker, convertido ao movimento pelo próprio Frank Buchman, na China, em 1918. Hazard e Shoemaker foram fundamentais na criação dos Alcoólicos Anônimos. Hazard parou de beber e começou a formar equipes que tinham a função de converter alcoólatras aos Grupos Oxford. Shoemaker, por sua vez, formou equipes semelhantes.

Um desses convertidos foi um homem de Vermont que estava prestes a ser preso por embriaguez: Ebby Thatcher, que rapidamente parou de beber e resolveu dedicar sua vida a Igreja do Calvário, quartel-general dos Grupos Oxford nos Estados Unidos.

Na Igreja do Calvário, Thatcher dava testemunhos sobre como Deus havia ajudado-o a alcançar a sobriedade. Depois de assistir a um desses testemunhos, Bill Wilson, um corretor da Bolsa de Valores de Nova York, resolveu procurá-lo para solucionar seu próprio alcoolismo. Não achando-o na igreja, Bill Wilson o encontrou numa equipe do Grupo Oxford que trabalhava junto a alcoólatras em tratamento no Towns Hospital. Ele também parou de beber e começou a receber formação religiosa de Hazard, Thatcher e Shoemaker.

Wilson, no entanto, percebeu que a maioria dos alcoólatras não conseguia abster-se do álcool através dos Grupos Oxford. A resistência que eles ofereciam aos padrões absolutos de pureza, honestidade, amor e altruísmo fixados por Buchman era uma das razões deste fato. Além disso, o caráter confessional dos Grupos Oxford não contemplava alcoólatras de outras denominações religiosas. Bill Wilson observou também que os alcoólatras sentiam-se melhor compartilhando suas dificuldades e seus avanços entre si do que com outros membros dos Grupos Oxford.⁹

Tudo isso veio à tona em 1935, quando, na cidade de Akron, Ohio, ocorreu o famoso encontro de Wilson com o doutor Bob Smith, um cirurgião alcoólatra que também freqüentava os Grupos Oxford mas não tinha conseguido largar o álcool até então. A partir deste encontro,

⁸ Nos Estados Unidos os anglicanos são conhecidos como “episcopalianos”.

⁹ Sobre os Grupos Oxford, ver Burns, 1995 e <http://www.aa-areasp.org.br/sp/oxford.htm>

ambos começaram a trabalhar juntos para recuperar os alcoólatras internados no Hospital Municipal de Akron, constituindo o que se tornou o primeiro grupo de AA da História.

No mesmo ano, um segundo grupo foi criado em Nova York e, em 1939, o terceiro em Cleveland. Num espaço de quatro anos, o AA contava com apenas cem alcoólatras sóbrios em suas fileiras. Mas, o ano de 1939 foi estratégico para sua história. Primeiramente, porque Bill Wilson escreveu o livro *Alcoholics Anonymous*, onde o programa de recuperação foi codificado nos célebres “doze passos” (ver Anexo I). Além disso, Bill Wilson e Bob Smith criaram, em Nova York, uma Junta de Custódios com o objetivo de administrar o AA, atender os pedidos de ajuda e informações e distribuir o livro de Wilson.¹⁰

Os Alcoólicos Anônimos também se beneficiaram de matérias elogiosas publicadas pela imprensa. Ainda em 1939, o *Cleveland Plain Dealer* publicou uma série de artigos elogiando a atuação do AA. Com isso, o grupo de AA na cidade cresceu de 20 membros para 500. A revista *Liberty* fez o mesmo, o que gerou mais 800 pedidos de ajuda ao escritório de Nova York.

No ano seguinte, John Rockefeller Jr., que fazia parte do conselho administrativo da Junta de Custódios, organizou um jantar para divulgar o AA, gerando uma nova onda de pedidos. No final de 1940, o AA já era composto por 2.000 membros, número que triplicou no ano seguinte. Mas este crescimento do AA, que nos anos seguintes manteve-se num ritmo cada vez mais acelerado, impunha uma espinhosa questão: como manter a eficácia do programa e a unidade da associação se o número de grupos não parava de crescer? Foi para resolver este dilema que Wilson enunciou as “doze tradições” (ver Anexo II), uma fórmula que se revelou bastante segura para garantir a unidade e o funcionamento tanto dos grupos, quanto do AA como um todo.

Porém, os Alcoólicos Anônimos tiveram de enfrentar outro desafio. No final dos anos 40, o escritório de Nova York começou a acumular uma quantidade muito elevada de tarefas: atividades de relações públicas; aconselhamento dos novos grupos de AA; cooperação com hospitais, prisões, e outros organismos voltados ao tratamento do alcoolismo; publicação de livros, folhetos e da revista *AA Grapevine*; supervisão das traduções destas publicações para

¹⁰ “O livro *Alcoólicos Anônimos* (...) é um dos maiores sucessos da história de publicação de livros; em 1985, no ano do cinquentenário de AA, cinco milhões de volumes foram vendidos. Os *royalties* dos livros de Wilson dariam para ele e sua esposa, Lois, uma confortável renda de US\$ 30.000,00 a US\$ 40.000,00 anuais no fim dos anos 60, e, até a sua morte, em 1971, quase US\$ 56.000,00 por ano. (...) [Estes números deixaram] Lois muito bem financeiramente. Em 1986, ela recebeu US\$ 912.500,00 das vendas dos livros de AA que seu marido escreveu” (ROBERTSON, N. *Getting Better – Inside Alcoholics Anonymous*. New York, William Morrow and Company, 1988; p. 83; apud. Burns, 1995: 31-32, nota nº29).

outros idiomas; etc. Mas a única ligação da Junta de Custódios com o AA era a presença de Bill Wilson e Bob Smith. Assim sendo, era necessário que se encontrasse um jeito de vincular a Junta de Custódios ao AA.

A solução deste problema se deu com a convocação, em 1951, de uma “Conferência de Serviços Gerais”, uma assembléia constituída por delegados dos Estados Unidos e do Canadá. Os Custódios dos Serviços Mundiais de AA (atual Junta de Serviços Gerais de AA) passaram a se subordinar a esta conferência. A partir daí, a “irmandade”, como os Alcoólicos Anônimos costumam se auto-denominar, conquistou sua autonomia.¹¹

De fato, a influência dos Grupos Oxford sobre o AA foi determinante:

“Os Grupos Oxford queriam modificar o mundo modificando as pessoas, e utilizavam o que consideravam métodos dos primeiros cristãos para esse fim. Os ‘cinco procedimentos’ desse grupo foram adaptados aos Doze Passos posteriormente, e incluíram: (1) Entrega a Deus; (2) Ouvir a orientação de Deus; (3) Compartilhar essa orientação com outros membros; (4) Fazer reparação para as pessoas que tem prejudicado; (5) Depois de um exame cuidadoso, contar seus defeitos a outros (como testemunho de sua mudança ou como um método para livrar-se da culpa)” (Burns, 1995: 33).

Foi o reverendo Shoemaker que ajudou Bill Wilson a adaptar estes procedimentos a um incipiente programa de recuperação composto por seis passos:

“1 – Admitimos que estávamos derrotados, que éramos impotentes perante o álcool.
2 – Fizemos um inventário moral de nossos defeitos ou pecados.
3 – Confessamos ou compartilhamos nossas imperfeições com uma ou outra pessoa de forma confidencial.
4 – Reparamos o mal feito às pessoas nas ocasiões de bebedeira.
5 – Tentamos ajudar outros alcoólatras, sem buscar recompensa em dinheiro ou prestígio.
6 – Pedimos a Deus, na forma em que achávamos que existia, a força para praticar esses preceitos” (Burns, 1995: 34).

Além desta adaptação, o AA também se aproveitou de duas outras características dos

¹¹ Com a expansão do AA, a Conferência de Serviços Gerais passou a ser formada por delegados do mundo inteiro. Sobre a história dos Alcoólicos Anônimos, ver Burns, 1995 e <http://www.aa.org.br>

Grupos Oxford: as reuniões caseiras e a simplicidade do programa de “mudança de vida” que este movimento propunha; o que evitava debates demasiadamente abstratos dentro dos grupos. Desta forma, assim como nos Grupos Oxford, os Alcoólicos Anônimos beneficiaram-se de uma “filosofia” que poderia ser acompanhada por pessoas dos mais diferentes estratos sócio-culturais. Isto possibilitou uma expansão muito rápida da “irmandade”.

É preciso, no entanto, ir além dos Grupos Oxford. O surgimento do AA insere-se numa história mais ampla que é a dos movimentos de temperança do século XIX e do início do século XX. Sabemos que este é um período marcado pelos violentos efeitos da Primeira Revolução Industrial que, acompanhada por um crescimento urbano socialmente segregacionista, alastrou entre os trabalhadores europeus uma verdadeira epidemia de alcoolismo (Hobsbawm, 1994: 224). Em contrapartida, a *belle-époque* burguesa assistiu à disseminação do ópio como um sofisticado bem de consumo da *hight society* europeia, que chegava a ser considerado como uma droga potencializadora “dos talentos e virtudes dos homens públicos como políticos, médicos, pastores ou escritores, que o tomavam habitualmente” (Carneiro, 2005: 80).¹²

Mas, ao invés de perceber a gênese do alcoolismo na transição traumática da cultura tradicional para a modernidade capitalista-industrial ou na miséria que obrigava as famílias mais pobres a penhorar “a cada semana seus cobertores até o dia do pagamento” (Hobsbawm, 1994: 223), foi muito mais fácil, por parte da burguesia e de setores da classe média, associá-la à imoralidade da classe operária.

Espalharam-se, então, pela Europa, movimentos de temperança que visavam moralizar os comportamentos da classe operária, mas também das elites consumidoras de ópio, com o intuito de curar a sociedade da embriaguez. Na França, por exemplo, iniciou-se, em 1873, uma campanha antialcoólica para “debelar esta nova peste que desorganiza a família, (...) favorece o despovoamento, acelera a degeneração da raça, atíça a desordem social (...) [e] atenta contra a grandeza da pátria” (Corbin, 1997: 579).

Nos Estados Unidos, esses movimentos associavam a disseminação do ópio entre os ricos à “falta de civilidade” dos imigrantes chineses. Eles também contribuíram para estigmatizar imigrantes de origem irlandesa, associando-os ao abuso de álcool. Essas estigmatizações, por conseguinte, refletiam conflitos existentes entre imigrantes de diferentes procedências (Sparano,

¹² Sobre a epidemia de alcoolismo que atingiu o operariado britânico no período, ver também Engels, 1981: 358-359 e 388-389.

2002: 57) e gerações.¹³

Além disso, tais movimentos atuavam como partidos, conquistando importantes vitórias no plano institucional. Uma delas foi a proibição da produção e do consumo de ópio, cocaína, maconha e derivados. Esta conquista se deu com amplo apoio da classe médica. Isto porque aquele era um momento em que a medicina ainda estava adquirindo *status* científico. Na luta para que a autoridade da medicina fosse definitivamente reconhecida, os médicos engajaram-se em acirradas disputas que visavam uma demarcação nítida de fronteiras entre os profissionais de saúde – médicos, farmacêuticos, herbolários, fabricantes de remédio, etc. Esta demarcação se deu através de uma negociação política que envolveu os movimentos de temperança. Em troca de um firme posicionamento dos médicos na defesa do discurso sobre os malefícios do consumo de drogas e álcool, o poderoso *lobby* no Congresso dos movimentos de temperança se dispôs a atender suas demandas (MacRae, 2001: 29).

Uma vitória ainda maior ocorreu no ano de 1919, com a aprovação da “Lei Seca”. De resultados notoriamente desastrosos – aumento significativo da criminalidade e da corrupção associados à máfia e, também, dos casos de envenenamento decorrentes da má qualidade das bebidas artesanais que eram contrabandeadas –, a “Lei Seca” foi revogada em 1933, sem que isso significasse um recuo ideológico do proibicionismo.¹⁴

É dentro desse contexto que nascem os Alcoólicos Anônimos. Fundado dois anos após a revogação da “Lei Seca”, o AA foi duplamente influenciado pelos movimentos de temperança: diretamente, pela inspiração ideológica dos Grupos Oxford e, indiretamente, pelas vitórias institucionais desses movimentos.

Trata-se, obviamente, de duas vias que entrecruzam-se, mas vê-las separadamente é bastante útil. Pela primeira, o AA herdou a religiosidade e o conceito de abstinência enquanto meta. Pela segunda via, o AA confirmou sua aposta na abstinência (aposta assumida a partir de 1920 pelo próprio governo norte-americano), assim como também herdou um modo próprio de

¹³ O *Washington Temperance Society* foi o movimento norte-americano de temperança de maior destaque do século XIX. Fundado por seis alcoólatras de Baltimore, Maryland, os washingtonianos tinham por objetivo “ajudar as pessoas com problemas relacionados à bebida e passar à população mensagens de temperança e proibição” (Toscano Jr., 2001: 16). Conseguiu, desta forma, empolgar a imprensa, que publicou várias reportagens sobre os mais de cem mil alcoólatras que ajudavam-se mutuamente a permanecer abstêmios. Entretanto, num espaço muito curto de tempo, praticamente desapareceu. Por volta de 1857, tudo o que lhe restou foi o *House for the fallen* de Boston. Numa palestra sobre as doze tradições, Bill Wilson afirmou que o fracasso do movimento foi motivado por seu envolvimento com políticos que tentaram capitalizar o sucesso do movimento em causa própria. Isto lhe servia para demonstrar que as tradições eram a salvaguarda do AA. Especialmente a 10ª e a 12ª Tradições que se referem ao não envolvimento do AA em controvérsias públicas e ao anonimato de seus membros.

¹⁴ A 18ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos (a “Lei Seca”) foi aprovada no dia 16 de janeiro de 1919, mas só entrou em vigor no ano seguinte.

se relacionar com o Estado ampliado ou não.¹⁵

Em outros termos, a espiritualidade ascética e o parâmetro de abstinência do AA têm como fontes o protestantismo dos Grupos Oxford e, em certa medida, seus padrões éticos absolutos. Igualmente, não é gratuito que essa mesma abstinência tenha sido proposta num contexto em que ela era avalizada tanto pelo discurso médico quanto pelo sistema de justiça.

Isso definiu um tipo específico de relação dos Alcoólicos Anônimos com órgãos da sociedade política e entidades da sociedade civil. Por um lado, o AA sempre manteve um grau bastante elevado de autonomia. Seu financiamento é exclusivamente interno, o anonimato é um princípio mantido com bastante seriedade e sua recusa em se intrometer em controvérsias de caráter público tem garantido esta autonomia. Mas, por outro lado, segundo seu 12º Passo:

“Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades” (<http://www.aa.org.br>).

Logo, sempre foi função dos grupos de AA transmitir sua mensagem a alcoólatras que estivessem em quaisquer lugares. O fato que as equipes de conversão, montadas por Hazard e Shoemaker antes do surgimento dos Alcoólicos Anônimos, operarem num momento histórico em que a “Lei Seca” tratava o alcoolismo como, no mínimo, uma contravenção penal, fez com que, mais tarde, o AA rapidamente acostumassem a se relacionar com o sistema prisional norte-americano. O mesmo ocorreu com o sistema público de saúde, pois, naquela época, a internação era um dos meios de intervenção mais adotados pelos médicos.

Desde então, o AA oferece serviços de recuperação a detentos e pacientes de hospitais. Em contrapartida, diversos profissionais de saúde (médicos ou psicólogos), conhecidos como “amigos-profissionais”, são convidados a dar palestras em reuniões do AA (Garcia, 2003: 91-94). Deste modo, os Alcoólicos Anônimos conseguiram arrancar aplausos da classe médica e dos poderes públicos que reconhecem e recomendam sua metodologia de recuperação.

2 – Surgimento e Desenvolvimento do NA:

¹⁵ Refiro-me aqui, às relações do AA com entidades da sociedade civil – especialmente as de cunho religioso que mantinham hospitais e instituições psiquiátricas voltadas ao tratamento de alcoólatras – e da sociedade política – instituições estatais *stricto sensu* como hospitais e presídios – pertencentes, conforme a clássica formulação de Antonio Gramsci, ao Estado **ampliado** ou **não**, respectivamente.

A História dos Narcóticos Anônimos tem origens bastante obscuras. Em primeiro lugar, por causa das fontes. Há muito tempo, membros do NA tem se ressentido da inexistência de uma História da associação, mas as fontes referentes aos primeiros dias da organização estão dispersas em mãos de particulares. Uma parte importante da documentação foi reunida quando familiares de Jimmy Kinnon, um dos fundadores do NA, doou para o *World Service Office* (WSO), o escritório mundial da entidade, as caixas em que ele guardava inúmeros registros sobre os primeiros anos dos Narcóticos Anônimos. Mas o trabalho de catalogação deste material está no começo e não ainda foi possível colher seus frutos.

De qualquer forma, algumas informações fundamentais acerca dos primórdios do NA são bem conhecidas. A primeira reunião de Narcóticos Anônimos que se tem notícia aconteceu, em 1947, na cidade de Lexington, Kentucky, como parte de um programa de saúde pública do governo federal. No entanto, essa experiência fracassou sem deixar mais registros.

Ocorreram outras tentativas de criação de uma associação de ajuda mútua voltada para a recuperação de drogaditos, como os “Aditos Anônimos” ou os “Grupos de Drogas Formadoras de Habituação”, ambas igualmente fracassadas.

Um dos inconvenientes que esses grupos tinham de enfrentar era a impossibilidade de divulgar suas reuniões, em função da adição a drogas proscritas. Suas reuniões tinham de ser clandestinas, um dia no apartamento de um membro do grupo, outro dia noutro. Pouquíssimas pessoas sabiam onde eram as reuniões. Não foi por acaso, portanto, o insucesso desses grupos em sobreviver.

Então, muitos aditos começaram a freqüentar reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Lá, eles podiam procurar ajuda sem correr o risco de serem presos. Todavia, isto começou a gerar um problema para o AA. Na interpretação de seus membros, uma das razões do sucesso desta entidade residia no fato de que, em suas reuniões, existia uma nítida identidade coletiva. Quando alguém compartilhava suas dificuldades com o álcool, todos compreendiam. A participação, por conseguinte, de pessoas que sofriam com a adição a outras drogas, prejudicava a atmosfera de identificação do AA. Mas, por outro ângulo, o AA não poderia simplesmente expulsar essas pessoas que pediam ajuda.

A solução se deu “num espírito de ‘cooperação, não afiliação’”, o que “pavimentou o caminho para o desenvolvimento da irmandade de Narcóticos Anônimos”.¹⁶ Desta forma, membros do AA começaram a estimular os drogaditos que freqüentavam suas reuniões a fundar

¹⁶ *Quadro de Custódios do Serviço Mundial, Boletim nº13.*

a sua própria “irmandade”. Foi isso que, em 1953, Jimmy Kinnon e outros freqüentadores drogaditos do AA fizeram, ao fundar o grupo “Narcóticos Anônimos e Alcoólicos Anônimos do Vale de San Fernando”. Eles contactaram a Junta de Custódios do AA pedindo para utilizar o nome “Alcoólicos Anônimos”, mas isto lhes foi negado. Em compensação, o AA licenciou a utilização dos seus passos e das suas tradições. Os Narcóticos Anônimos poderiam, a partir daí, dar seus primeiros passos. Mas antes, o NA tinha de resolver o problema da vigilância policial. Este primeiro grupo de NA resolveu tratar do assunto diretamente com a polícia local. Nas palavras de Jimmy Kinnon:

“Não conseguíamos encontrar uma sala para nos reunirmos. Ninguém nos queria. Não confiavam em nós de nenhuma forma. E é triste irmos de um sítio para outro quando se tem algo de real a construir e ninguém nos deixa usar uma sala. Por fim acabamos por encontrar uma sala do Exército de Salvação e eles deixaram-nos utilizá-la por cinco dólares por mês. (...) Não era que nós temêssemos as autoridades, mas os recém-chegados temiam. Fiz um cartaz e afixei-o na porta da igreja, dizia reunião de NA hoje às 20h30. E depois abríamos as portas (...). E depois havia um carro que se aproximava devagar e olhavam para o cartaz e fugiam. Ninguém confiava em ninguém – eles achavam que estávamos sob vigilância. Não acreditavam quando lhes dizíamos que não. E nós próprios acabávamos por não estar muito seguros de não estarmos. Pois como grupo decidimos (...) [ir até a] Divisão de Narcóticos e dissemos-lhes, não lhes perguntamos, dissemos-lhes que íamos realizar uma reunião de adictos. E eles levantaram as sobrancelhas, mas nós éramos cinco. Um tipo lá, já não me lembro se era tenente ou capitão, ouviu-nos e disse, ‘Já não era sem tempo que isto acontecesse. Há anos que tento ajudar adictos, sem conseguir. Eu não consigo ajudar ninguém’. E ele chamou um outro tenente para nos ouvir. E ele (...) tinha a certeza que nenhum de nós conseguia recuperar. E ele ouvia o outro dizer, ‘Gosto desta idéia.’, ‘Apoio esta iniciativa.’, ‘Farei tudo o que possa para vos apoiar.’ (...) [Até que resolveu falar:] ‘Isso não vai resultar, uma vez drogado, sempre drogado. Nunca houve nenhum a ficar melhor. Não me importa o que digas, não me importa o que estas pessoas digam, isto não vai resultar’. Por isso olhou para nós e eu não sabia o que dizer. Olhei para os outros, ninguém sabia o que dizer, até que o Pat, que estivera sempre calado, abriu a boca e disse, ‘Tenente, o meu nome é fulano de tal, nasci e cresci em tal sítio, fui pela primeira vez preso em tal sítio, e fui condenado a tantos anos. E gostaria, por isso, que fosse confirmar o meu cadastro. Já estive em todas as penitenciárias federais do país, exceto uma. E não uso

drogas há 18 anos. Há 18 anos que não conheço as cadeias. E este programa resulta para mim. (...) E o tipo não sabia o que dizer. Não sei se o tipo foi confirmar tudo isto, mas a verdade é que o departamento da polícia e a Divisão de Narcóticos mantiveram a sua palavra. E nunca nos vigiaram, nunca fizeram nenhuma rusga, nunca nos apanharam a ir ou a vir de reuniões” (Depoimento de Jimmy Kinnon no vigésimo aniversário do NA, 18/09/73, in: <http://www.na.org.br/csacaminhodomar>).

Com a permissão de adaptar os passos e as tradições dos Alcoólicos Anônimos e com o problema da repressão policial resolvido, os Narcóticos Anônimos puderam se desenvolver. Paulatinamente, a nova “irmandade” começou a crescer, mas este crescimento, comparado com o do AA, foi bastante vagaroso. Somente em 1978, foi reunida sua primeira assembléia de representantes locais. Neste ano, havia menos de 200 grupos registrados em apenas três países. Em 1983, quando ocorreu a primeira publicação oficial de seu *Texto Básico*, o NA realizava 2.966 reuniões semanais em pouco mais de dez países. Mas, nas décadas de 1980 e 1990, o NA conheceu taxas vertiginosas de crescimento. Em 1989, o NA já existia em quase 100 países e suas reuniões semanais já ultrapassavam a marca de 22.500. Em 2002, o NA apresentou os impressionantes números de cerca de 20.000 grupos registrados, em mais de cem países, realizando quase 31.000 reuniões.¹⁷

Mas, diferentemente do AA que cresceu através da divulgação seu programa pelo mundo, o NA cresceu, em grande parte, pela incorporação de grupos locais de ajuda mútua voltados para o tratamento da drogadição. Foram os casos, por exemplo, do “Drogas Anônimas”, da Irlanda; dos “Adictos a Drogas Anônimos”, do Peru; e do movimento iniciado na Polônia pelo padre Marian, um sacerdote alcoólatra que tentava recuperar dependentes químicos através do contrabando de literatura do AA.¹⁸

Este padrão de expansão do NA se repetiu aqui no Brasil. Os dados referentes aos primeiros dias do NA no Brasil são bastante conflitantes. Algumas afirmam que, em 1976, teriam ocorrido as primeiras reuniões de ajuda mútua de aditos a drogas no país. Outras fontes, porém, afirmam que essas primeiras reuniões teriam acontecido em 1978. O fato é que, nos anos 70, já existia uma associação conhecida como Dependentes Químicos Anônimos (DQA). Assim como nos Estados Unidos, o caráter clandestino do DQA era um grande problema:

¹⁷ Fonte: *Informações sobre NA*. Rio de Janeiro, ACS, s./d.

¹⁸ *The NA Way Magazine*, v.17, nº2, abril de 2000; pp. 3-7.

“Um dos nossos companheiros mais antigos, o Joaquim, contou-nos como no começo se pedia aos membros que entregassem suas armas e facas no início da reunião, para que ninguém se ferisse ou acontecesse coisa pior durante as brigas que freqüentemente ocorriam durante as reuniões de recuperação. As primeiras reuniões eram realizadas secretamente. Quando uma estava programada, um companheiro ia pela cidade de caminhão, apanhando todos os outros membros pelo caminho” (Dora S., *The NA Way Magazine*, v. 17, nº 2, abril de 2000; p. 7).

Esses grupos de DQA existiam basicamente no eixo Rio-São Paulo. Em 1983, um médico que atendia gratuitamente alcoólatras e drogaditos em Porto Alegre introduziu o DQA no Rio Grande do Sul. O DQA começou a se espalhar também para outros estados. Neste período, a literatura de recuperação utilizada era composta por traduções não-autorizadas da literatura do NA. Essas traduções, via de regra, eram feitas por médicos, psicólogos e familiares de drogaditos. Parte desses textos, mais do que simples traduções, eram escritos pelos próprios médicos envolvidos com os primeiros grupos de DQA.

Notava-se, por conseguinte, a necessidade de maior uniformização do DQA e de maior independência em relação à atuação de médicos e familiares. Foi por isso que, em meados de 1985, os grupos de DQA fundiram-se em torno de um novo nome: Toxicômanos Anônimos.

Uma das primeiras medidas do TA foi convocar, em 1986, uma “pré-convenção” com o intuito de reunir drogaditos em recuperação do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Esta “pré-convenção” deu início a um longo processo de adesão do TA à “irmandade” mundial de NA. Foi crucial para tal, a visita, ocorrida em 1989, de membros do *Narcotics Anonymous World Services* ao Brasil. Eles ajudaram os membros do TA a melhor organizar a entidade e a prepará-la para o definitivo ingresso no NA. Foi o que ocorreu no ano seguinte: os grupos brasileiros de Toxicômanos Anônimos finalmente se uniram aos Narcóticos Anônimos.

A partir de então, o crescimento da associação no Brasil foi realmente espantoso. Nos dias de hoje, a Região Brasil de NA contabiliza mais de 700 encontros semanais, o que significa ser o terceiro país em número de reuniões, perdendo apenas para os Estados Unidos e Canadá.¹⁹

Deve-se destacar também que este elevado ritmo de crescimento do NA em todo o

¹⁹ No artigo “Crescendo juntos no Brasil”, Dora S. afirmou que, no ano 2000, a Região Brasil de NA contabilizou 1.200 reuniões semanais, o que tornaria nosso país o segundo do mundo, ao lado do Canadá, em número de reuniões. No mesmo ano, teriam sido distribuídas 18.000 fichas brancas, o que significa, descontando o retorno de membros recaídos, um considerável ingresso de novos membros (*The NA Way Magazine*, v.17, nº2, abril de 2000; p. 7).

planeta coincidiu com uma forte tendência de queda do consumo de drogas nos Estados Unidos. Apesar da massiva campanha de demonização das drogas, levada a cabo pelo governo norte-americano e pelos meios de comunicação de massa, aparentar o contrário; a década de 1980 registra uma queda acentuada no consumo de drogas. Em 1979, 24,3 milhões de indivíduos consumiam regularmente todos os tipos de drogas. Este número caiu para 12,5 milhões, em 1994. Neste período, a quantidade de consumidores regulares de maconha caiu de 22,5 milhões para 10,1 milhões de pessoas. Os de cocaína variou de 4,2 milhões, em 1982, para 1,3 milhões, em 1994 (Kopp, 1998: 29-30).²⁰

Essas estatísticas não sugerem uma ligação da queda no consumo de drogas com o crescimento do NA. Os norte-americanos não pararam de consumir para freqüentar reuniões do NA. Mas, é possível que a retração do consumo e a expansão planetária do NA, nos anos 80, sejam informadas por um ambiente cultural marcado pelo declínio, pelo menos no Primeiro Mundo, de movimentos sociais que tinham no consumo de drogas um de seus elementos constituintes. Refiro-me ao movimento *hippie* que, nos anos 70, já demonstrava sinais de cansaço e, durante a década seguinte, quando não perdia espaço para o ideário *yuppie*, era devorado pela indústria cultural. Do mesmo modo que o movimento *punk* – cuja ótica sobre as drogas variava da contestação niilista ao puro hedonismo – perdia força, a partir da segunda metade da década de 1980, refugiando-se no universo *underground* ou adotando uma postura mais suave (a chamada *new wave*).²¹

Somente uma investigação mais apurada poderá revelar se o crescimento dos Narcóticos Anônimos e o declínio dos movimentos *hippie* e *punk* são fatos que guardam algum tipo de relação. De qualquer forma, aparentemente os anos 80 ofereceram um ambiente bastante propício para o crescimento de uma entidade de ajuda mútua da natureza do NA. Seja como for, os Narcóticos Anônimos se tornaram uma bem sucedida entidade de recuperação de drogaditos. Nos dias de hoje, o NA conta com um bom número de grupos no Continente Americano, na Europa Ocidental, na Nova Zelândia e na Austrália. E não pára de crescer. Novos grupos têm se formado em várias partes do mundo, como Europa Oriental, Sri Lanka, Paquistão, Bangladesh, Afeganistão, Sudeste Asiático, Oriente Médio e África.

²⁰ Não existem estatísticas para o consumo regular de cocaína em 1979.

²¹ Sobre o movimento *hippie*, ver Pereira, 1983 e Paes, 1997. Sobre os *punks*, ver Bivar, 1988; Essinger, 1999; Bollon, 1993 e Caiafa, 1983.

II) O conceito de “adicção” como base da programação do NA: ²²

Quando os fundadores do NA estavam adaptando os doze passos do AA para seu próprio programa terapêutico, fizeram uma alteração radical no enunciado do primeiro passo. Enquanto, para os Alcoólicos Anônimos, o primeiro passo propõe o reconhecimento de uma impotência perante o **álcool** (ver Anexo I), no NA, o primeiro passo propõe uma admissão da impotência perante à “**adicção**” (ver Anexo III).

Ou seja, o foco foi desviado das **drogas** para a “**adicção**”. Esta alteração serviu para resolver um problema que, em seus primeiros anos de existência, o NA teve logo de enfrentar: como criar uma identidade de grupo se as “drogas” constituem um grupo muito variado de substâncias? Ou seja,

“Quando adictos se reúnem e focalizam as drogas, estão em geral focalizando **suas diferenças**, porque cada um de nós usávamos uma droga diferente ou combinação de drogas diferentes. A coisa única que todos partilhamos é a **doença da adicção**” (*Quadro de Custódios do Serviço Mundial Boletim Nº13; g. m.*).

Entretanto, para manter sua atmosfera de identificação, o NA sempre deixou claro que “adicção” significa “drogadicação”, e não qualquer tipo de adição. O objetivo era impedir uma abertura da entidade para adições diversas que incluíssem jogo, comida, sexo, trabalho, lazer, etc. Isto ficou claramente definido na terceira tradição da “irmandade” (“O único requisito para ser membro é o **desejo de parar de usar**”), que refere-se claramente a um “desejo de parar de usar” drogas.²³

O primeiro passo do NA tem trazido, em alguns países, críticas muito severas ao nome “Narcóticos Anônimos”. Ora, se o objetivo era garantir a identidade da associação focalizando o programa na “adicção”, e não em qualquer categoria de droga, então, por que a entidade tem seu nome baseado num tipo específico de droga? Aqui no Brasil, por exemplo, a troca do nome “Toxicômanos Anônimos” para “Narcóticos Anônimos” gerou controvérsias bastante longas e acaloradas. Outros países, mantiveram a tradução de “Narcóticos Anônimos” para “Adictos Anônimos” ou “Drogadictos Anônimos”.

Num texto do NA, intitulado “O que é adicção?”, admite-se que existe uma certa

²² Optei pela grafia “adicção” sempre quando me referi à representação de adição construída pelo NA.

²³ *Texto Básico*, p. 65; g. m.

incongruência no nome da organização. Mas, argumenta-se que, para caracterizar com maior clareza o desligamento do AA, o nome “*Addicts Anonymous*” (AA) foi rejeitado. Argumenta-se também que:

“Naquela época, ‘narcóticos’ se referia a todas categorias de drogas, e, portanto, ‘Narcóticos Anônimos’ foi uma escolha razoável como nome da nossa irmandade. Assim, o título original refletia de fato nossa filosofia de não estar focalizado numa droga específica ou drogas em geral. Infelizmente, mais tarde, a palavra ‘narcóticos’ tornou-se associada com uma categoria particular de drogas” (*Quadro de Custódios do Serviço Mundial Boletim N°17*).

Mas, para além do nome da “irmandade”, a adaptação do primeiro passo reflete um importante aspecto das representações sociais do NA acerca do conceito de drogadição. Mais do que uma disfunção biológica ou um conjunto de sintomas, a doença, qualquer doença, é um acontecimento humano que, como tal, precisa ser interpretada individual e coletivamente. “Para toda a sociedade, a doença é um problema que exige explicação” (Nascimento, 1996: 83).

É exatamente isso que o NA faz ao construir suas representações sociais acerca da drogadição. Ainda mais se tratando de um fenômeno que se presta a tantas significações sociais. O professor Thomas Babor, da Universidade de Connecticut, por exemplo, fez um interessante levantamento das diferentes definições populares, médicas, psicológicas e psiquiátricas de dependência química existentes atualmente (Babor, 1994).

Esse estudo demonstra a completa falta de consenso entre os especialistas sobre o conceito de drogadição. Aliás, alguns autores, principalmente no campo da psicanálise, preferem fazer referência ao conceito de “toxicomania”. Outros, por sua vez, referem-se à “dependência química”. Dependendo da orientação teórica e da filiação ideológica, esta terminologia reveste-se de um sentido ou doutro. Uma falta de consenso, portanto, que é informada por diversos embates ideológicos. Ademais, desde o século XIX, diferentes concepções acerca da adição a drogas sucederam-se de acordo com as diversas relações entre ciência e poder forjadas ao longo do tempo (Berridge, 1994).

Mas, a recusa dos Narcóticos Anônimos em se intrometer em controvérsias públicas faz com que a entidade formule uma representação própria acerca do fenômeno da dependência química.

A psicóloga social francesa, Denise Jodelet, caracteriza representações sociais em quatro

pontos básicos: elas são “uma forma de saber prático que liga um sujeito ao objeto” (elas são, por conseguinte, representações, não só de objetos, mas também de sujeitos); elas mantêm com os objetos uma relação de simbolização e interpretação que lhes possibilitam substituir estes mesmos objetos; elas “mobilizam” os objetos representados (informando, por exemplo, decisões sobre como agir em relação a eles) e desempenham, não raro, o papel de guia “no ajuste prático do sujeito a seu ambiente”.²⁴

É fácil perceber isto quando analisamos o conceito de “adição” formulado pelo NA. Pouco importam os debates teóricos sobre a precisão do conceito. O que é relevante é se a representação “adição” tem serventia ou não na vida dos membros:

“Existe uma grande discussão pública sobre a questão da adição ser ou não uma doença, e escolhemos não nos envolver nessa discussão. Entretanto, faz parte da compreensão e da experiência coletiva da nossa irmandade que a adição é, de fato, uma doença. Não temos razão para contestarmos essa percepção agora. Ela tem nos servido bem” (*Quadro de Custódios do Serviço Mundial Boletim Nº17*).

Mais concretamente, como a representação de “adição” do NA tem “servido bem” a seus membros? Ou, em outros termos, como tem contribuído para o ajuste prático destes em relação ao mundo?

Ao reformular o primeiro passo, o NA ampliou o foco do processo de recuperação. A luta, ao invés de se concentrar no puro e simples “deixar de usar”, expande-se para contemplar os aspectos da vida que foram “prejudicados” pela “adição ativa” e que contribuem para a mesma. Assim, o abuso de drogas é interpretado como sintoma e não como doença em si. Doença que é interpretada como sendo física (“uso compulsivo de drogas”), mental (“desejo incontrolável que nos leva a usar”) e espiritual (“total egocentrismo”).²⁵

Assim sendo, tais grupos constroem uma representação que liga o objeto-drogadição, cujo consenso dentro da comunidade científica inexistente, ao sujeito-adicto. Esta representação substitui o objeto, atribuindo-lhe características físicas, mentais e, principalmente, espirituais. Além disso, tais representações, asseguram “um capital cognitivo comum aos membros de um mesmo grupo” (Cardoso, 2000: 23), o que facilita a comunicação e o agir humanos. No caso em questão, a representação de drogadição garante aos integrantes de Narcóticos Anônimos um

²⁴ Jodelet, D. *Folies et représentations sociales*. Paris, PUF, 1989, p. 43; apud. Cardoso, 2000: 30.

²⁵ *Texto Básico*, p. 22.

substrato conceitual comum que, por exemplo, interpreta “egocentrismo” e “compulsão” como notórios comportamentos aditivos.

O que foi exposto até aqui sobre o conceito de “adicção” cumpre o propósito simples de **apresentar as representações formuladas pelo NA sobre o tema**. Deste modo, noções como “adicção” e “drogadicção” foram abordadas acriticamente até o presente momento. Os dois aspectos mais problemáticos das representações de “adicção” formuladas pelo NA serão considerados nos capítulos II e III desta dissertação. Um deles é o fato de que a identidade grupal da “irmandade” e pessoal de cada membro do NA é dada pelo que a sociedade estigmatiza. Isto será contemplado pelo capítulo II. O outro aspecto é a noção de “egocentrismo” presente na representação de “adicção”. No capítulo III, esta noção será confrontada com um quadro mais amplo definido pelos **individualismos** existentes na sociedade contemporânea.

III) A Estrutura de Serviço do NA:

1 – O Grupo de NA:²⁶

O Grupo de NA é a estrutura básica de organização dos Narcóticos Anônimos. Ele é formado por dois ou mais aditos que se reúnem regularmente com o objetivo de recuperar-se da drogadição.²⁷ Ele proporciona a cada membro a oportunidade de escutar e de partilhar experiências de recuperação. Para tal, o Grupo de NA promove reuniões fechadas voltadas apenas para drogaditos ou pessoas que acreditem ter problemas com drogas. Estas reuniões são fechadas porque, deste modo, proporcionam um ambiente no qual os participantes possam se sentir mais seguros para partilhar e porque haverá, seguramente, uma identificação entre eles.

Os grupos adotam uma variedade de formatos de reunião. A maioria delas dura uma hora ou uma hora de meia. Alguns grupos seguem uma escala, sendo numa semana reunião de estudo de passos e, na outra, reunião de partilha e assim por diante. Há vários formatos de reunião: participativas, na qual os membros partilham experiências ligadas à recuperação, temáticas, que são sobre assuntos pré-estabelecidos pelo líder, de estudo, quando os Doze Passos e outras literaturas aprovadas pelo NA são discutidas, para recém-chegados, e de perguntas e respostas, com questões relacionadas à recuperação e à organização do NA como um todo.

²⁶ Baseado no *Livreto do Grupo*.

²⁷ Existem grupos, principalmente nos Estados Unidos, que funcionam em praias, praças, etc.

Mas os grupos de NA também podem organizar reuniões abertas voltadas a amigos, familiares ou qualquer pessoa que esteja interessada em assistir. Nessas reuniões, pude presenciar uma **prática ritualizada**. Para a interpretação das reuniões do NA como “prática ritualizada”, tomo emprestado a análise de Sylvie Fainzang sobre um grupo de ex-bebedores:

“... um ritual não é qualquer comportamento estereotipado ou repetitivo. Ele se define como um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. Ele é caracterizado por uma configuração espaço-temporal, pelo recurso à uma série de objetos, por sistemas de comportamentos, de linguagens e de signos com funções emblemáticas, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. Acrescentaria que, se esses elementos são portadores de um sentido específico, a supressão de um deles é de natureza a modificar ou a suprimir os sentidos do ritual. Com efeito, não é suficiente que uma palavra ou um gesto se encontre a preencher um papel específico para constituir um ritual. É preciso que esses elementos sejam a tal ponto portadores de sentido que sua supressão retire sentido da cerimônia ou do ato realizado. O fato de se repetirem e terem uma função não é suficiente para entrarem na categoria dos ritos. É bem mais exato falar de práticas ritualizadas, que de ritual no senso estrito, na medida em que a receptividade dos gestos e dos elementos que os compõem não são suficientes a dar um senso específico e unívoco ao conjunto da seqüência”.²⁸

As reuniões são coordenadas por um “líder” que, normalmente, dá boas-vindas aos presentes e solicita um momento de silêncio pelo “adicto que ainda sofre” (que dura de 10 a 20 segundos). Então, todos rezam a “Oração da Serenidade”:

“Concedei-me, Senhor,
a serenidade para aceitar as coisas
que eu não posso modificar,
a coragem para modificar aquelas
que eu posso,
e a sabedoria para distinguir
umas das outras”.
(*Livreto Branco*, p. 1.)

Então, o líder explica que, sendo uma reunião aberta, qualquer não-adito presente deve se sentir à vontade:

²⁸ FAINZANG, Sylvie. *Ethnologie des anciens alcooliques: la liberté ou la mort*. Paris, PUF, 1996, p. 97; Apud. Garcia, 2003: 59

“Esta é uma reunião ‘aberta’ de Narcóticos Anônimos, o que significa que amigos não-adictos, parentes e membros da comunidade são bem-vindos para assistir. Outras reuniões de NA poderão ser fechadas para não-adictos. (...) Pedimos que respeitem o propósito primordial desta reunião, que é proporcionar um local onde adictos a drogas possam partilhar sua recuperação uns com os outros” (*Livreto do Grupo*, pp. 18-19).

Em algumas reuniões, o que se segue é um breve esclarecimento acerca da questão do anonimato. Este esclarecimento, feito tanto pelo líder quanto por algum outro membro do grupo, pode ser conduzido de várias formas, desde uma simples explicação até a citação da 11ª Tradição (ver Anexo IV).

Então o líder solicita que, “para proteção” do grupo, “bem como do local de reunião”, todas as “drogas” ou “objetos relacionados com drogas” não estejam presentes.²⁹

O líder seleciona algum membro do grupo para ler algum texto da “literatura de recuperação” e, em seguida, começam os depoimentos, que normalmente seguem a mesma fórmula: “Meu nome é *Fulano*, sou um adicto em recuperação há *n* dias”... (“semanas”, “meses” ou “anos”). Daí, os presentes respondem:

— Boa noite, *Fulano*.

E, com as mãos fechadas, batem em mesas ou cadeiras em sinal de respeito e apoio.

Prossegue, então, o depoimento, caracterizado, na maioria das vezes, por um nítido tom emocional. Histórias de sofrimentos e perdas são constantemente repetidas, assim como outras de alegrias recém-descobertas graças ao programa de doze passos e ao apoio dos companheiros de “irmandade”. Outros depoimentos, por sua vez, versam sobre as dificuldades quotidianas em seguir o programa terapêutico da entidade.

Concluído o depoimento, os participantes da reunião respondem:

— Obrigado, *Fulano*.

E repetem o gesto de bater nas mesas e cadeiras da sala de reunião.

Cerca de dez minutos antes de acabar a reunião, o líder anuncia que ela está chegando ao fim. Depois de agradecer a presença de todos, o líder passa a sacola para que os membros da entidade doem dinheiro ao grupo. Enquanto a sacola está sendo passada, o líder cita a 7ª Tradição (“Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora”) de forma a deixar claro que os participantes não-aditos da reunião estão impossibilitados de doar

²⁹ *Livreto do Grupo*, p. 19.

recursos financeiros ao grupo.

Após a passagem da sacola o líder encerra a reunião. A fórmula de encerramento varia de grupo para grupo podendo ser, desde a repetição da “Oração da Serenidade”, até outra breve citação da “literatura de recuperação”.

As reuniões do grupo, sejam elas abertas ou fechadas, devem se realizar em locais públicos e de fácil acesso. Elas acontecem, via de regra, em locais administrados por organizações religiosas ou cívicas. Mas, como o NA não pode receber qualquer tipo de ajuda externa, esses locais são alugados. A recomendação é de que as reuniões não sejam realizadas em casas de membros dos grupos.

Um tipo específico de reunião é a de serviço, que tem o propósito de coordenar os assuntos relacionados aos serviços realizados no interior do grupo e à divulgação da “mensagem da recuperação”. A eficácia do grupo em divulgar o programa, a consistência das reuniões do grupo, a frequência das reuniões, entre outras, são algumas das questões que podem ser abordadas nesse tipo de encontro.

O trabalho necessário para realizar as reuniões é relativamente simples, mas não é tarefa para apenas uma pessoa. Por isso são nomeados membros que se tornam “servidores de confiança” para ajudar a cumprir as tarefas. Esses “servidores” ocupam os cargos de secretário, que organiza os assuntos; tesoureiro, que responde pelo dinheiro do grupo; e de representante de serviço do grupo (RSG), que faz a ponte entre o grupo e os níveis mais elevados da estrutura organizacional do NA.

Os serviços levados a cabo pelo NA – informação ao público; divulgação em hospitais, presídios e outras instituições; tradução e distribuição da “literatura de recuperação”; etc. –, são financiados com recursos recolhidos entre os grupos. Cada grupo considera como deve prover os fundos de serviço de NA para seu funcionamento. Depois de cobertas as despesas do grupo, os fundos excedentes são doados para o serviço de área local, para o Comitê de Serviço Regional ou para o *Narcotics Anonymous World Services*. Novamente deve-se notar que os grupos não aceitam doações de terceiros. Todos os recursos dos grupos e os que são repassados para as instâncias superiores do NA devem ser recolhidos junto aos membros dos próprios grupos. O único serviço oferecido pelo grupo individualmente é a sua própria existência. Desta forma, o grupo disponibiliza à comunidade um local onde seus drogaditos possam se recuperar da adicção.

É importante lembrar que, assim como os grupos de Toxicômanos Anônimos do Brasil

só foram reconhecidos como uma “Região de NA” depois do aval dos *Narcotics Anonymous World Services*, os novos grupos somente são reconhecidos como pertencentes à “irmandade” depois de tratativas semelhantes com o escritório regional de NA.

O perfil social dos grupos de NA é bastante variável. O grupo pelo qual conheci o NA é um exemplo disto. Como era o único grupo do município em que se localizava, a origem social de seus integrantes era bastante ampla. Era nítida a presença de jovens letrados, a maioria formada por estudantes, com um nível de renda intermediário para os padrões locais e com hábitos de consumo de bens culturais de relativa sofisticação (eles eram conhecidos como os “roqueiros”).

Mas este grupo de NA também contava com um contingente significativo de pessoas pertencentes a estratos mais populares. Funcionários públicos de baixa qualificação profissional, comerciários, desempregados e, inclusive, dois camponeses faziam parte deste contingente.

Nos grupos observados durante a pesquisa, este padrão, de certa forma, se repetiu. Em Niterói, por exemplo, o grupo pesquisado reúne membros de várias partes da cidade e até de São Gonçalo. Com isso, seu perfil social é igualmente amplo. Por um lado, foi possível perceber a presença de pessoas com elevado nível de instrução formal (ensino superior). Essas pessoas, em seus depoimentos em reuniões abertas, demonstraram habilidade no uso de normas da língua culta e, um pequeno número delas, a julgar por aspectos meramente exteriores, tais como roupas e automóveis, deram a impressão de ocupar posições de alguma proeminência social. Mas, por outro lado, indivíduos pertencentes a segmentos de menor renda são maioria no grupo pesquisado.

O grupo do Rio de Janeiro também demonstrou semelhante amplitude em seu perfil social. Entretanto, a presença de pessoas de baixa renda revelou-se mais significativa do que em Niterói. Isto se explica, por um lado, pela existência de algumas comunidades faveladas na região onde este grupo está localizado.

Durante a pesquisa foi possível perceber também uma diferença bastante sutil entre os dois grupos. No grupo localizado em Niterói, percebi uma integração maior entre seus membros. No final das reuniões todos saíam juntos conversando animadamente. Certas clivagens sociais não pareceram constituir obstáculos para a formação e consolidação de relações próximas entre os membros do grupo. Alguns depoimentos colhidos em conversas informais confirmaram este fato. No grupo do Rio de Janeiro, no entanto, tal integração pareceu ser bem menor. No final de cada reunião, pequenos grupos dirigiam-se ao ponto de ônibus mais próximo. Outros iam

imediatamente para suas casa à pé e quem possuía algum automóvel ou motocicleta não perdia muito tempo em fazer o mesmo.³⁰

2 – Os Comitês de Serviço de Área:

Um conjunto de grupos de NA, geograficamente próximos, forma uma Área de NA. Por exemplo, os grupos de Porto Alegre formam a Área Porto Alegre de NA. Em cada área, existe um CSA (Comitê de Serviço de Área) cuja composição é semelhante ao Comitê de Serviço da Região (CSR).

3 – A Estrutura de Serviço da Região Brasil de NA:

Nosso país constitui uma única **região de NA**. Para se ter uma idéia, algumas cidades dos Estados Unidos têm mais de uma, ao passo que Nova York e Los Angeles possuem várias regiões. Representantes de todas as regiões do mundo reúnem-se, a cada dois anos, na *World Service Conference (WSC)*, como comentaremos mais tarde.

O Comitê de Serviço Regional (CSR) “é um corpo de serviço composto por uma estrutura padrão de servidores” – a “mesa regional” –, pelos subcomitês regionais (Hospital & Instituições, Informação ao Público, tradução de literatura, longo alcance e linha de ajuda), pelos RSAs, pelos RSGs dos Grupos sem área e pela ACS (Associação para Comitês de Serviço).

Com mandato, via de regra, de um ano, a função primordial do CSR é servir de ponte entre Narcóticos Anônimos como um todo e os serviços de NA disponíveis no Brasil. Em outros termos, o CSR reúne e desenvolve os serviços de NA utilizados pelas Áreas e pelos Grupos independentes.

Em suas reuniões, define-se o *feedback* entre a Região Brasil, as Áreas e os grupos. Os RSGs e RSAs trazem informações acerca de seus respectivos Grupos e Áreas, possibilitando que o CSR melhor distribua os recursos de serviço disponíveis, ao mesmo tempo em que divulgam as informações concernentes à Região e às atividades internacionais da “Irmandade”.

Outra responsabilidade do CSR é organizar a “Assembléia Anual Regional de Serviço”.

³⁰ Por curiosidade, visitei duas vezes um outro grupo de NA. Este se localiza num bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro notoriamente conhecido como sendo habitado por pessoas que ocupam posições sociais bastante privilegiadas. À primeira vista, este grupo reproduz em seus quadros um quantitativo considerável de membros com elevado nível de renda e instrução formal.

Esta assembléia elege os novos membros do CSR, escolhe um RSR (Representante de Serviço da Região) e um RSR suplente para a *World Service Conference* e se posiciona em relação aos assuntos presentes no *Conference Agenda Report*, relatório que, antes da WSC, é enviado para todas as Regiões do NA para ser estudado e ter suas moções votadas. É por isso que, geralmente, a assembléia regional ocorre um ou dois meses antes da WSC.³¹

A função do Subcomitê Regional de Hospital & Instituições (H&I) é divulgar o NA e organizar reuniões de NA em locais em que existam drogaditos que não possam freqüentar as reuniões convencionais da entidade (hospitais, presídios, comunidades terapêuticas, etc.). Seu *modus operandi* é, portanto, bastante semelhante ao das equipes de conversão de alcoólatras dos Grupos Oxford, excetuando-se, é claro, a natureza confessional destas.

O Subcomitê Regional de Informação ao Público (IP) tem a responsabilidade informar a sociedade sobre Narcóticos Anônimos – funcionamento do NA, localização dos grupos, etc. Além disso, o subcomitê de IP é responsável pela representação dos Narcóticos Anônimos junto aos meios de comunicação. Sua tarefa, portanto, é de relações públicas do NA.

O Subcomitê Regional de Tradução de Literatura tem a função de traduzir os textos do NA e revisá-los de modo a deixá-los prontos para publicação e distribuição em português.

O Subcomitê Regional de Longo Alcance oferece um serviço interno para o NA. Sua função é proporcionar os serviços do NA aos grupos geograficamente afastados e/ou isolados. Portanto, “a intenção do serviço de Longo Alcance é simplesmente assegurar que qualquer grupo, reunião ou adicto que desejem ser colocados em contato com a (...) estrutura de serviço [do NA], recebam orientação e, por conseqüência, participem (...) [da própria] estrutura de serviço”.³² Para cumprir suas funções, este subcomitê se utiliza de ferramentas tais como telefone, malas diretas, correspondências, etc.

Finalmente, o Subcomitê Regional de Linha de Ajuda se responsabiliza pelo serviço telefônico de informações do NA. Qualquer pessoa, drogadita ou não, pode contactar a linha de ajuda do NA para obter informações acerca da “irmandade”.

A Associação para Comitês de Serviço (ACS) garante à Região Brasil de NA uma presença física. Este escritório importa “literatura de recuperação”, garante espaço para reuniões dos subcomitês e para a linha de ajuda, arquiva documentos, etc.

Seu quadro diretor (presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário e representante) é

³¹ Sobre organização do CSR ver *Manual de Procedimentos do CSR Região Brasil*, pp. 2-3 e Renata S., s./d.: 3.

³² *Manual de Longo Alcance*, p. 2.

formado por drogaditos voluntários. Eles servem à ACS durante um mandato de dois anos. Mas, além desse quadro, a ACS pode contratar funcionários especializados.

4 – Os *Narcotics Anonymous World Services*:

Os *Narcotics Anonymous World Services* têm uma estrutura semelhante ao das regiões: uma mesa diretora; diversos subcomitês de serviços e Representantes de Serviços das Regiões (RSRs); e o *World Service Office*. A cada dois anos, uma *World Service Conference* é convocada para escolher os membros dos *Narcotics Anonymous World Services* e para tratar de assuntos diversos referentes aos Narcóticos Anônimos como um todo.

IV) Visões acadêmicas sobre os doze passos:

É ainda muito recente o interesse dos meios acadêmicos sobre programas de ajuda mútua inspirados nos doze passos de Alcoólicos Anônimos. Na introdução desta dissertação, alguns trabalhos em Antropologia sobre Alcoólicos Anônimos foram citados (ver página 17). Mas a quantidade de publicações, tanto sobre o AA quanto acerca de quaisquer associações de ajuda mútua inspiradas nos doze passos ainda é de pequena relevância.³³

Surpreendentemente, em medicina e psicologia, onde se esperaria uma produção maior, o silêncio sobre as entidades de ajuda mútua é igualmente retumbante. Sobre Narcótico Anônimos a produção é praticamente inexistente. Não foi possível, durante a pesquisa, encontrar obras que tratassem especificamente do NA. Toda literatura acadêmica sobre o NA, trata a entidade em conjunto com o AA. Acaba confundindo, desta forma, os dois programas de recuperação como se eles fossem uma coisa só. Diferenças significativas, inclusive de caráter epidemiológico, entre alcoolismo e drogadição e entre os programas terapêuticos do AA e do NA são ignoradas, prejudicando seriamente o conhecimento científico sobre temas tão importantes. De qualquer maneira, mesmo a produção sobre o AA é bastante reduzida.³⁴

A resistência no caráter “espiritual” dos doze passos é apontada por John Burns como provável motivo para o relativo distanciamento da classe médica em relação ao AA (Burns,

³³ Um trabalho ainda embrionário, mas bastante interessante, é o de Viviane Dutra da Silva sobre os grupos de Comedores Compulsivos Anônimos (Silva, 2004).

³⁴ Nesta dissertação, a necessidade de referências ao AA vem de sua história e de restrições bibliográficas.

1995: nota nº8). Mas, mesmo não sendo conhecida a razão para a atual situação do estado de arte acadêmico sobre grupos de ajuda mútua, são perceptíveis as resistências de pesquisadores e de membros do AA e do NA a aproximações de qualquer tipo. Eu mesmo encontrei, por parte dos membros dos grupos observados, resistência a minha pesquisa.

Esta situação é particularmente grave em Narcóticos Anônimos. No AA, muitas barreiras já foram quebradas. O relacionamento entre grupos de AA e os chamados amigos-profissionais (médicos, psicólogos, assistentes sociais, etc.) é, em muitos casos, bastante harmonioso. No NA, porém, não existem contatos desta natureza em nenhum grupo convencional.³⁵

É por isso que o AA se presta melhor a pesquisas de natureza acadêmica do que o NA. As informações sobre Narcóticos Anônimos que circulam entre os profissionais de saúde têm como origem, muito mais o *know-how* clínico, do que os laboratórios de pesquisa e os gabinetes universitários.

Um dos estudiosos dos fenômenos ligados à dependência química a abordar grupos de ajuda mútua, Jesse Milby, concorda com esta avaliação. Lembrando que as “organizações de auxílio mútuo têm sido muito firmes em não permitir que profissionais avaliem seus esforços”, o autor alega que desconhecimento é a opinião mais razoável sobre a eficácia desses grupos. Mesmo assim, ele também afirma que a experiência clínica não se cansa de classificar o programa de doze passos como altamente eficaz (Milby, 1988: 212).

Outra autora que dedicou algumas linhas à eficácia dos Alcoólicos Anônimos foi Jandira Masur. Ela nos lembra que a premissa norteadora do AA é a noção de que o alcoolismo seria uma doença análoga ao diabetes. Em outras palavras, “da mesma forma que o organismo do diabético tem uma incompatibilidade com o açúcar, o organismo do alcoólatra a tem com o álcool” (Masur, 2004:45).

Conseqüentemente, o alcoolismo é visto no AA como uma doença **incurável**, que pode ser **tratada**, jamais **curada**. Nesta perspectiva, inexistem ex-alcoólicos, termo substituído por “alcoólicos em recuperação” ou “alcoólicos passivos”, em contraposição aos “alcoólicos ativos”. Segundo a representação de alcoolismo formulada pelo AA, uma linha muito tênue, traçada pela ingestão ou não do primeiro gole, separaria estes dois tipos de alcoólicos. Daí o lema “*first drink then drunk*”, adaptado no Brasil para “evite o primeiro gole”.

Com base nesta premissa, o programa terapêutico de doze passos só poderia se estruturar em torno da **abstinência** enquanto meta a ser alcançada. Segundo Masur, existem indicações de

³⁵ Deve-se repetir que a exceção à regra são os subcomitês de H&I e IP.

que a eficácia da recuperação nesses moldes é proporcional ao grau de dependência do alcoólatra que busca tratamento. A experiência clínica tem demonstrado que o programa é mais eficaz no tratamento de indivíduos bastante comprometidos com o álcool. Mas, pessoas que ainda não atingiram o “fundo do poço”, porque seu grau de dependência não é severo, costumam adaptar-se pouco ao AA.

Para Maria Angélica Gambarini, o AA tem sido uma instituição de tratamento eficaz e simples. Ela ressalta que o trabalho tem como pano de fundo o conceito de alcoolismo como **doença**, sem deixar de observar suas **implicações em outras áreas da vida do indivíduo**.

A autora, em seu artigo sobre o AA presente no mundo difundido *Alcoolismo Hoje*, de Sérgio de Paula Ramos e José Manoel Bertolote, descreve o funcionamento do AA e engrossa o coro dos médicos que consideram os doze passos uma tecnologia bastante eficaz de tratamento do alcoolismo. Ela nos lembra que, através da troca de depoimentos, a recuperação se concentra no confronto sobre mecanismos de defesa do “alcoólico passivo” e de auto-avaliação.

Além disso, o AA contribui para uma melhora substancial na auto-estima do alcoólico através de uma recepção respeitosa e carinhosa; algo de importância crucial já que as dificuldades nos relacionamentos interpessoais são enormes no momento em que se chega a pedir ajuda. É importante lembrar que, em inúmeros casos, tais dificuldades persistem, mesmo depois do ingresso no AA.

A autora também considera que “a divisão de responsabilidades, a identificação com outros companheiros, a expectativa depositada nele de melhora na qualidade de vida ou, ainda, a necessidade de estar presente e apoiar as pessoas que chegam procurando ajuda, são fonte de gratificação e abrem novos horizontes frente à vida” (Gambarini, 1990: 212).

A flexibilidade na oferta de tratamento é outra vantagem citada pela autora. Mesmo sendo um serviço não-profissional, a disponibilidade de horários e dias, combinada à gratuidade do programa – fundamental em comunidades que não podem contar com o serviço público de saúde –, garante ao “alcoólico passivo” a possibilidade de conseguir ajuda em qualquer momento de crise. Isto constitui um mecanismo de prevenção a recaídas da maior importância.

O cirurgião e consultor em dependência química Emanuel Ferraz Vespucci publicou, em 1999, com o jornalista Ricardo Vespucci, *O revólver que sempre dispara*, livro que, além do título apocalíptico, conta com uma análise sobre cada passo e tradição do AA. Sem grandes elaborações teóricas, esta análise abre mão da crítica ao ideário do AA para reproduzi-lo.

O mesmo ocorre com *Alcoolismo: o que você precisa saber*, escrito por Donald Lazo, um médico norte-americano que, aqui no Brasil, se tornou alcoólatra. Depois de conhecer o AA, Donald Lazo criou a primeira comunidade terapêutica do Brasil e se tornou um nome bastante conhecido no que se refere à recuperação do alcoolismo. No livro, sua principal preocupação ao abordar o AA foi justificar o caráter espiritual do programa de doze passos. No entanto, ao invés de problematizar a questão, simplesmente incorporou representações do AA sobre Deus. Num relato auto-biográfico, Lazo discute o AA por meio de uma “lição de vida”:

“A primeira coisa que Dorothy [uma alcoólatra recuperada pelo AA no Rio de Janeiro] me respondeu que eu a lembrava de um homem que estava se afogando no mar e gritando, ‘Socorro, socorro, pelo amor de Deus, me ajudem!’ Nisso, encosta um barquinho e alguém no barco joga um salva-vidas verde que cai na água ao lado do homem que está se afogando. O homem dá uma olhada no salva-vidas e empurra-o, dizendo que não gosta da cor verde!

(...)

— É, Dorothy – respondi. – É que esse negócio de Deus eu já experimentei, *e de nada me serviu*.

(Eu estava pensando nas milhares de orações que havia feito, em que pedia coisas a Deus e as quais nunca recebi.)

Foi aí que Dorothy me deu a maior lição de minha vida:

— Espere um momento, meu amigo. Quem ensinou a você que Deus está lá em cima para servir a você? Será que nunca lhe explicaram que você é que está aqui para servir a ele? Experimente, e veja se dá resultado” (Lazo, 1989: 110-111).

Um trabalho diametralmente oposto é o do renomado psicanalista Eduardo Mascarenhas: *Alcoolismo, Drogas e Grupos Anônimos de Mútua Ajuda*. Neste trabalho, uma interpretação psicanalítica bastante interessante da programação de doze passos é feita pelo autor. A questão da espiritualidade, por exemplo, é reinterpretada como **religação com a sexualidade, com a poesia, a vida, a liberdade**, etc. (Mascarenhas, 1990).³⁶

Finalmente, *O caminho dos doze passos*, de John Burns é o trabalho que apresenta a análise mais sistemática (e científica) sobre os doze passos. Depois de um histórico sobre os Alcoólicos Anônimos; esta obra descreve o “Modelo Minnesota”, um método **profissional** de

³⁶ Sobre interpretações psicanalíticas da toxicomania ver Gurfinkel, 1995; Kalina *et alii*, 1999; Olievenstein, 1990 e Santiago, 2001.

atendimento a alcoólatras baseado nos doze passos; discute o conceito de dependência química e faz uma análise pormenorizada de cada passo do AA. O papel da família na recuperação é o assunto do último capítulo do livro. Trata-se, então, de uma obra de referência. Mas, apesar disso, em inúmeras passagens, o livro de Burns se aproxima das análises acríicas de Lazo e dos Vespucci. Isto parece refletir um posicionamento generalizado, mas não unânime, de psicólogos clínicos engajados no atendimento de alcoólatras e drogaditos.

A drogadição, portanto, não é um fenômeno alienígena. Ela é, em certa medida, gestada por olhares sociais historicamente marcados por preconceitos de difícil remoção.

Da mesma forma, os fundadores dos Narcóticos Anônimos não eram astronautas. Eles construíram a “irmandade” sobre alicerces já existentes e profundamente bem estabelecidos. Em outras palavras, a tecnologia de recuperação do NA não poderia passar incólume por ingerências sociais. Sua fórmula terapêutica reproduz necessariamente estigmatizações bem sedimentadas acerca do uso/abuso de drogas. Além disso, é bastante claro que as representações formuladas em Narcóticos Anônimos deitam raízes profundas nas concepções de salvação forjadas pela ética protestante. Esses são assuntos sobre os quais nos debruçaremos a seguir.

Capítulo 2

Narcóticos Anônimos, estigmas e deslocamentos de trajetórias

Só por hoje eu não quero mais chorar
Só por hoje eu espero conseguir
Aceitar o que passou e o que virá
Só por hoje vou me lembrar que sou feliz

Hoje já sei que sou tudo que preciso ser
Não preciso me desculpar e nem te convencer
O mundo é radical
Não sei onde estou indo
Só sei que não estou perdido
Aprendi a viver um dia de cada vez

Só por hoje eu não vou me machucar
Só por hoje eu não quero me esquecer
Que há algumas pouco vinte quatro horas
Quase joguei minha vida inteira fora

Não não não não
Viver é uma dádiva fatal
No fim das contas ninguém sai vivo daqui mas
Vamos com calma!

Só por hoje eu não quero mais chorar
Só por hoje eu não vou me destruir
Posso até ficar triste se eu quiser
É só por hoje, ao menos isso eu aprendi

Yeah!

(Renato Russo)

I) Da drogadição ativa à sala de NA:

1 – Consumo de Drogas e Identidades Deterioradas:

Numa noite de junho de 2002, fui a uma animada festa de NA ocorrida num clube da Zona Norte do Rio de Janeiro. Aparentemente, a absoluta falta de bebidas alcoólicas era a única coisa que tornava aquela festa diferente de qualquer outra. As pessoas dançavam, cantavam, conversavam e se divertiam como em qualquer feijoada ou churrasco de domingo.

Subitamente, porém, o clima da festa se modificou. Bastou o *DJ* pôr “Só por hoje”, do conjunto de *rock* Legião Urbana, para que a dança e a cantoria aumentassem sensivelmente. Quem estava sentado, foi para a pista de dança; quem estava conversando, também; e, quem já estava dançando, cantou a plenos pulmões. Todos estavam emocionados e, por um momento, pareciam compartilhar algo muito próprio – algo com o qual todos se identificavam.

De fato, “Só por Hoje” é praticamente um hino do NA. Vários elementos do programa e da experiência da adição estão presentes na letra. Os cinco primeiros passos, por exemplo, estão claramente sinalizados na canção, quando Renato Russo afirma que, só por hoje, cultivava a esperança de conseguir aceitar o passado e o futuro. Na programação terapêutica dos Narcóticos Anônimos, a adição, as falhas de caráter e a docilidade perante a um “Poder Superior” são partes daquilo que cada membro do NA deve aceitar.

Mas o verso “Hoje já sei que sou tudo que preciso ser” sempre me deixou intrigado. Na verdade, esta questão da **identidade** é uma constante no NA. Nas reuniões abertas que assisti, ouvi muitos aditos em recuperação afirmando que, no apogeu da adição ativa, **não sabiam o que eram**. Discurso semelhante ao da jovem Christiane F. em seu depoimento aos jornalistas Kai Hermann e Horst Rieck:

“Chegamos ao ano de 1977. Não vi o tempo passar. Mal percebia se era inverno ou verão, Natal ou Ano-novo; para mim, todos os dias eram quase iguais. Ganhei dinheiro como presente de Natal, o que me permitiu fazer um ou dois clientes a menos. De todo jeito, nesse período de festas quase não havia procura. Passei algumas semanas totalmente pirada. Não pensava em nada, não percebia mais nada. Estava totalmente fechada em mim mesma, mas não sabia quem eu era. Às vezes não sabia nem mesmo se estava viva” (Hermann & Rieck, 2002: 150).

Essa “ausência de identidade” seria fruto de uma progressiva desconstrução. Pelo menos é interpretada desta forma por Sidney, 39 anos, jornalista:

“Você sabe como é que é, né... depois de três anos, a loucura era tão grande, a insanidade era tão grande, que já não sabia nada. Mas tudo foi bem devagarinho. Farra, farra, né e aí, quando vi, eu fazia tanta m[...] pra conseguir pó, que já nem sabia que tipo de cara que eu era. Eu sempre descia um degrau no caminho da degradação, um de cada vez” (Sidney, 39 anos, jornalista).

Brian, 32 anos, comerciário, interpreta o problema de forma semelhante. Para ele, a “perda da identidade” é gerada por uma trajetória sem fim de declínio:

“A insanidade da adicção é que nem um saco sem fundo. Primeiro a gente vai perdendo a moral, roubando dinheiro do pai, da mãe... Depois se mete em coisa barra pesada. Aí, o cara já tá casado com a droga. Faz tudo o que ela quer. Não tem cara que até se prostitui? Aí, você se olha no espelho e não consegue mais reconhecer quem tá lá! Foi nessa hora que resolvi pedir ajuda. Eu fazia tanta coisa errada que eu me perguntava: quem sou eu? A coisa é muito doida, ô cara. Eu não agüentava mais”.

Alguns autores tendem a interpretar este processo como decorrente do caráter ilícito de algumas drogas. Este é o caso do cientista social holandês Jean-Paul Grund que pesquisou o consumo de heroína e cocaína em Roterdã. Grund observou que o acesso abundante de drogas e recursos financeiros, além da necessidade de manutenção de uma **estrutura de vida**³⁷ compatível com as necessidades do tráfico, faziam com que traficantes antilhanos e surinamenses tivessem problemas bem menores em decorrência do uso, do que os enfrentados pelos consumidores holandeses. Estes, diante da ilegalidade do consumo de heroína e cocaína, tinham um acesso bastante restrito a estas substâncias. Por conseguinte, eram obrigados a consumir perigosas misturas de drogas (que aumentavam, sobremaneira, o risco de complicações médicas) e a viver em função da obtenção das mesmas.³⁸

³⁷ “Por ‘estrutura de vida’ são entendidas as atividades regulares, tanto as convencionais quanto as relacionadas à droga, que estruturam os padrões da vida cotidiana. Aí também se incluem as relações pessoais, os compromissos, obrigações, responsabilidades, objetivos, expectativas etc., mesmo que não primariamente direcionados à droga” (MacRae, 2001: 32).

³⁸ GRUND, Jean-Paul. *Drug use as a social ritual-functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation*. Rotterdam, Instituut voor erslavingsonderzoek (IVO), Erasmus Universiteit, 1993. Citado em MacRae, 2001: 32-33.

Segundo Grund, portanto, a restrição ao acesso de drogas erodia a estrutura de vida dos consumidores holandeses. Estes eram obrigados a desenvolver estratégias de obtenção de drogas com tamanha constância que, progressivamente, todos os aspectos de suas vidas eram afetados. Este processo parece demonstrar que problemas na definição da identidade pessoal e estratégias dramáticas de obtenção de drogas estão profundamente imbricadas. Aparentemente, as análises de Grund vêm de encontro aos depoimentos de Sidney e Brian. Também, é sintomático que a incapacidade de Christiane F. em reconhecer-se no turbilhão da “adicção ativa” insira-se num quadro mais amplo que é o de seu envolvimento com o universo da prostituição infantil.

Deve-se atentar, porém, para os mecanismos diversos que concorrem para a elaboração de relatos biográficos envolvendo membros do NA e pessoas que tiveram relações problemáticas com drogas ilegais no passado. Em seu artigo “A Ilusão Biográfica”, Pierre Bourdieu adverte que esta é uma preocupação que deve-se ter em qualquer construção biográfica. Segundo o autor, é fundamental que historiadores ou cientistas sociais fiquem atentos para certas noções do senso comum que entram “como contrabando no universo científico” (Bourdieu, 2005: 183).

Os relatos de “histórias de vida” são um campo privilegiado para este contrabando. Um bom exemplo é a idéia, muito presente no senso comum, de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (Bourdieu, 2005: 184). Idéia que implica, via de regra, em relatos lineares e coerentes como se uma vida tivesse uma trajetória igualmente linear e coerente.

Em relação aos depoimentos coletados durante a pesquisa, foi perceptível uma forte tendência a uma reconstrução biográfica onde a “recuperação da adicção” assume a posição estratégica de **sentido da vida**. As biografias têm em comum o ingresso no NA como momento divisor de águas. Conseqüentemente, percebe-se tudo depois do ingresso na “irmandade” como límpido e cristalino; ao passo que as experiências anteriores são julgadas turvas e lamacentas.

No que tange à questão da identidade pessoal, este padrão se repete. Representa-se o passado como simples procura de drogas. Em outras palavras, não se resgata a vida anterior ao NA em toda sua natural complexidade. A “literatura de recuperação” igualmente reproduz esta redução do passado ao consumo de drogas. Um exemplo disto é a resposta do *Texto Básico* do NA à pergunta “Quem é um adicto?”:

“A maioria de nós não precisa pensar duas vezes sobre esta pergunta. **NÓS SABEMOS!** Toda a nossa vida e nossos pensamentos estavam centrados em drogas, de uma forma ou de outra – **obtendo, usando e encontrando maneiras e meios de conseguir mais.** Vivíamos para usar e usávamos para viver. Um adicto é simplesmente um homem ou uma mulher cuja vida é controlada pelas drogas” (*Texto Básico*, p. 3; **g. m.**).

Então, nas representações de Narcóticos Anônimos sobre drogas está presente a idéia de que seu consumo abusivo provoca, entre outros malefícios, uma perda da identidade pessoal. Mas essa possível perda de identidade não seria produzida exclusivamente pela busca obsessiva de drogas. É o que pensa Nancy, 22 anos, estudante:

“Antes da droga, a maior m[...] que a galera fazia era comer o bolo todo da festa. Depois da droga, a gente começou a jogar o bolo no chão. A insanidade era muito grande. Eu ficava com qualquer um. Era fácil pra qualquer mané. Depois batia a culpa. Mas não é nenhum papo de moralismo, não. Cada um faz o que quer. Eu só sei que não gostava. Machucava namorado, machucava amiga, tudo por causa da traição. Eu ficava [com os outros] pra me sentir bem e só conseguia passar mal” (Nancy, 22 anos, estudante).

Para Nancy, jogar “o bolo no chão” significava ter um comportamento afetivo/sexual com o qual não concordava ou não queria ter. Se tal modo de proceder lhe causava desconforto por ser estigmatizado, isto é secundário em seu ponto de vista. O que ela privilegia, ao avaliar seu passado, é que sua “adição” teria sido capaz de inflacionar uma maneira de agir com a qual ela não se identificava.

Ao longo da pesquisa, múltiplos caminhos dessa pretensa perda de identidade foram mapeados: degradação física, desperdício dos anos de estudo, constrangimento familiar, falta de vontade própria; etc. Um exemplo é o de Kurt, 32 anos, estudante:

“O que eu mais lamento é que joguei fora meus anos de colégio. (...) Quem disse que maconha não vicia? Ela me viciou! Depois de um tempo, eu nem dava bola pros amigos. Eu só queria ficar no meu canto, pensando na vida, com meu baseadinho. Eu queria estudar, mas não conseguia. Eu tinha idéias na cabeça... pro futuro, sabe? Mas só conseguia fumar. Eu vivia pra droga (...). Eu tinha saudade do antigo (...) [Kurt], mas ele virou outra pessoa”.

As representações sociais formuladas e reproduzidas pelo NA nos obriga a repensar as relações existentes entre identidade e estigmas sociais. Ervin Goffman é um autor fundamental para a compreensão desta relação. Ele nos lembra que a sociedade constantemente cria meios de categorizar pessoas e atributos considerados “naturais” para os indivíduos pertencentes a cada uma dessas categorias estabelecidas. E nós, baseando-nos nessas preconceções, transformamos tais atributos em rigorosas expectativas normativas. Ora, tal categorização corresponde a uma **“identidade social virtual”**, ao passo que a categoria e os atributos que os indivíduos provam realmente ter pode ser classificada como uma **“identidade social real”**.

Para o autor, o estigma social é uma discrepância específica entre identidade social virtual e identidade social real. Discrepância esta, caracterizada pela imputação de desqualificadores atributos a um determinado indivíduo. O estigma, então, é aquele elemento que veta ao indivíduo a possibilidade de ser recebido com facilidade na relação social cotidiana. Em outros termos, o estigmatizado “possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aquele que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (Goffman, 1988: 14). Graças ao estigma, por conseguinte, deixamos de considerar o estigmatizado como “criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (Goffman, 1988: 12).

Goffman estabelece ainda uma tipologia de estigmas:

“Em primeiro lugar, há as deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linguagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (Goffman, 1988: 14).

Em última análise, a “característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado (...) [é] uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de ‘aceitação’” (Goffman, 1988: 18). Obviamente, refere-se aqui aos universos tanto da “aceitação” social quanto ao da “auto-aceitação”. Nesse sentido, é possível interpretar a incansavelmente repetida “perda de identidade” como sendo uma manipulação biográfica da identidade deteriorada. Em outras palavras, estou querendo afirmar que a desaprovação social do consumo de drogas e de hábitos

arbitrariamente conexos, a estigmatização nos termos de Erving Goffman, é capaz de deteriorar a identidade social virtual e esta não é aceita por muitos dos estigmatizados. Parece preferível, portanto, negar a identidade deteriorada, acreditando em sua pretensa “perda”. É o que sugere Goffman num trecho fundamental de seu estudo sobre o *Estigma*:

“Parece também possível que um indivíduo não consiga viver de acordo com o que foi efetivamente exigido dele e, ainda assim, permanecer relativamente indiferente ao seu fracasso; isolado por sua alienação, protegido por crenças de identidade próprias, ele sente que é um ser humano completamente normal e que nós é que não somos suficientemente humanos. Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido por fazê-lo. (...)”

Na América atual, entretanto, **os sistemas de honra separados parecem estar decadentes. O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos**” (Goffman, 1988: 16; g. m.).

Nesse sentido, a avaliação de Nancy acerca de seu comportamento afetivo/sexual e as lamentações de Kurt sobre seus anos de estudo jogados no lixo são exemplos emblemáticos. O mesmo se pode dizer de Christiane F. e de sua inabilidade em reconhecer-se relacionada a uma atividade altamente estigmatizada como a da prostituição.

Porém, esta avaliação não é exclusiva de Goffman. Existe toda uma tradição sociológica que tenta dar conta das pressões que atuam sobre o agir humano. É impossível deixar de lembrar, por exemplo, que, na formulação clássica de Émile Durkheim, **fatos sociais** “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir **exteriores** ao indivíduo, dotadas de um **poder de coerção** em virtude do qual se lhe impõem” (Durkheim, 1987: 3; g. m.).

Mas, além do inconveniente da exterioridade dos fatos sociais, é sabido que para Durkheim estes definem uma **normalidade social**. Logo, o caráter conflitivo das sociedades humanas é encarado como trágico por ser patológico. Mais do que isso, escapa ao funcionalismo do autor a natureza processual da vida social.

Percorrendo um caminho alternativo, Pierre Bourdieu desenvolveu os conceitos de **doxa** e **violência simbólica** para tratar dessas pressões. A violência simbólica se dá na imposição de formas de ver o mundo social para garantir a própria reprodução da ordem social. Essas categorias de percepção constituem a *doxa*, um conjunto de obviedades indiscutíveis, verdades absolutas, crenças dominantes, etc. A *doxa* inclui, também, nomenclaturas e classificações

preconceituosas sobre grupos marginalizados.

Cabe ressaltar que Bourdieu trouxe a grande contribuição de nos fazer notar que *doxa* não age sobre nós por osmose ou por outro processo semelhante, já que ativamente incorporamos seu discurso. Para o autor, “toda essa história de internalizar e legitimar o poder autoritário é em si uma questão complexa, que exige capacidade, inteligência” (Bourdieu & Eagleton, 1996: 273).

Isto significa que a *doxa* é, em última análise, uma prática social que exige de nós uma certa dose de criatividade subjetiva. Ela é traduzida e reproduzida habitualmente através de estratégias muito pessoais. Quando, por exemplo, reproduzimos relações clientelistas em nosso cotidiano, o fazemos através de estratégias montadas por nós, e não pelos outros – **mesmo que disso não tenhamos consciência**. Isto define um importante *feedback*. Por exemplo, numa sociedade historicamente marcada pelo clientelismo, somos impelidos a desenvolver relações sociais clientelistas. Mas, assim agimos conforme estratégias definidas por nós – puxando sacos, fazendo parte de um determinado séquito, defendendo certas políticas, oferecendo jantares ou vantagens, pedindo dentaduras, vendendo o corpo, etc. E, ao proceder desta maneira, garantimos nossa chancela pessoal ao mesmo clientelismo. Obviamente podemos seguir a direção contrária, mas sempre dentro de um espectro simbólico existente *a priori*, pois não podemos lutar contra o clientelismo numa sociedade em que ele inexistente. Isto seria enfrentar gigantes onde na verdade só existem moinhos de vento.

Ademais, diferentemente do funcionalismo, o conflito não é visto em Bourdieu como uma anomalia. A *doxa* está no **centro dos conflitos simbólicos inerentes à vida social**. Idéia semelhante à de Howard S. Becker e de sua **teoria interacionista do desvio**. Para Becker, as mais diferentes acusações de desvio carregam, em seu cerne, conflitos políticos que envolvem diversas percepções da realidade social. Conflitos encaminhados, via de regra, pelos **empreendedores morais**; aqueles que, ao problematizar certas questões de ordem social, tentam impor um determinado modelo de moralidade. Esta persuasão tem como foco a criação e a implementação de novas regras de conduta (na maioria dos casos, através da legislação).

A atuação do empreendedorismo moral pode ir mais longe, convertendo-se numa **cruzada moral**. Nesse caso, o que se tem é um verdadeiro movimento social em torno de classificações ético-comportamentais. Movimento que tenta, além de moldar comportamentos, promover agitação política no que se refere a certos embates simbólicos (Becker, 1997).

Dos “movimentos de temperança” ao *war on drugs* nixoniano, as cruzadas morais

sempre foram eficazes em estigmatizar o uso do álcool e drogas e em conquistar importantes vitórias no plano institucional. No Brasil, como Marco Sparano muito bem demonstrou, o panorama foi semelhante.

Bourdieu e Becker, ao lado de Goffman, nos ajudam, portanto, a compreender o quadro no qual insere-se a manipulação biográfica e as representações formuladas por Nancy, Kurt e outros membros do NA. Nos depoimentos colhidos durante a pesquisa foi possível perceber que, normalmente, esta manipulação aponta para uma situação-limite na qual os estigmas a respeito do uso de drogas se tornaram insuportáveis. Esse momento de dor é representado pelos membros do NA como sendo o “fundo do poço”.

2 – A noção de “fundo do poço”:

O “fundo do poço” é uma espécie de “ponto mais baixo da trajetória de vida” que é mobilizado nas representações sociais dos Narcóticos Anônimos de modo a servir como gancho para uma “mudança radical” na própria trajetória. Segundo Angela Garcia, “Toda a prática institucional de Alcoólicos Anônimos (...) faz sentido se os *alcoólicos passivos* [alcoólicos em recuperação] incorporam a noção de *fundo do poço* como ponto extremo de uma trajetória de decadência” (Garcia, 2003: 74).

A autora nos lembra que a “noção de *fundo do poço* está presente em vários sistemas de crenças para caracterizar uma recuperação ou um deslocamento de trajetória. Um exemplo seria o das igrejas pentecostais, que são também concebidas por seus frequentadores como eficientes na recuperação de acometidos, tanto do alcoolismo como de outras drogas ou outros comportamentos condenados socialmente, como prostituição, jogo, roubo (...). Neste e em outros contextos, a idéia de *fundo do poço* pode manifestar-se por variados signos de sofrimento impressos nos termos fracasso, derrota, estar por baixo, estar acabado, pedir socorro. (...) Para os *alcoólicos passivos*, esta noção expressa ainda a potencialidade da construção de um novo modo de vida: uma conversão pela adesão a um novo universo social, através da pressuposição de ruptura absoluta com a forma de vida anterior” (Garcia, 2003: 74).³⁹

³⁹ Em relação às interpretações dos protestantes afiliados a igrejas pentecostais acerca da recuperação dos desvios citados, a autora se valeu das análises de Cecília Mariz (MARIZ, C. L. “Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo”. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas e pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994) e Delma Pessanha Neves (NEVES, D. P. *As “curas milagrosas” e a idealização da ordem social*. Rio de Janeiro, CEUFF/PROED, 1984). Ver Garcia, 2003: 74, nota nº1.

Em outra perspectiva de análise (que não exclui a anterior, vale dizer) mais do que uma incorporação, a noção de “fundo do poço” pode sugerir outra interpretação. Como qualquer outra representação social, a idéia de um “fundo do poço” possibilita que o “adicto em recuperação” reinterprete sua trajetória pessoal, sua “adicção ativa” e sua perda de identidade, de modo a efetivamente mobilizá-los no deslocamento de trajetória da qual Angela Garcia se refere.

O “fundo do poço” é aquele momento estratégico no qual, para determinado indivíduo, o estigma se tornou tão doloroso, que o deslocamento de trajetória converteu-se numa necessidade vital. Para Nancy, por exemplo, passar uma noite na cadeia foi seu “fundo de poço”. Para Sidney e Brian, ser “esculachado” (ser humilhado) pela polícia e por traficantes, respectivamente, foi o bastante para procurar o NA. Mas, além da repressão policial e da atuação de traficantes, pressões econômicas e familiares tiveram grande ingerência no “fundo do poço” de outros membros da entidade. Assim foi com Jimmy, 45 anos, professor:

“Eu procurei o NA porque cheirei uma casa, cheirei um iate, cheirei toda grana que eu tinha. Perdi a mulher e as crianças. Meu mundo caiu. Até mendigo virei! Foi quando virei mendigo que meu Poder Superior resolveu dizer: ‘Vou pegar esse filho da p[...] aqui e dar um jeito nele!’ Foi assim, quando eu estava no meio do meu **fundo de poço**, que eu conheci o NA” (Jimmy, 45 anos, professor).

No entanto, existem trajetórias informadas por questões ligadas à saúde. Este foi o caso de Jennifer, 31 anos, bancária, que afirmou que o pior momento da sua vida foi quando quase morreu de *overdose*. Já para Joey, 37 anos, desempregado, a drogadição teria trazido prejuízos de ordem física diferentes:

“Pô, eu era um cara bonito, sabe? Mas aí, comecei a ficar velhão. E meus dentes? Tudo zoadado. Perdi uns três por causa da coca. Isso é o que mais lamento da ativa. Mas, graças ao meu Poder Superior, conheci a Irmandade de NA e só por hoje estou limpo” (em reunião aberta).

Outro tipo de “fundo do poço” está ligado à questão do “descontrole” que é central nas representações do NA sobre “adicção”. A descrição feita por Courtney de seu “fundo do poço” é um exemplo disso:

“A dor veio mesmo quando perdi o controle. Quando me senti escravizada, saca? Na ativa eu dei muita cabeçada, me meti em muita roubada; mas dor mesmo, só quando eu senti que tinha perdido o controle sobre a droga. Eu vi que não podia mais usar só quando tinha vontade. Eu vi que ela mandava em mim e eu não podia fazer mais nada. Eu tava viciada. Aí bateu o desespero! Minha vida escapava pelas minhas mãos” (Courtney, 26 anos, estudante).

Está claro que o “descontrole” possui uma dimensão social, referente a inabilidade no trato dos estigmas que cada membro do NA não pôde suportar. Esse caleidoscópio de fracassos econômicos e acadêmicos, violências simbólicas e acusações de desvio é capaz de produzir uma dor de difícil mensuração. A dor de quem perdeu todo controle sobre sua própria subjetividade. É nesse estágio que algumas pessoas procuram ajuda numa sala do NA.

II) A luta pela readaptação:

1 – Os primeiros passos no NA:

Teoricamente, o indivíduo que entra pela primeira vez numa sala de NA está dando o primeiro passo sugerido pelo programa terapêutico da entidade:

“Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis” (1ºPasso de NA; *Texto Básico*, p. 18).

Este passo consiste numa tripla admissão. Em primeiro lugar, o indivíduo deve aceitar sua incapacidade em lidar com drogas, sejam elas quais forem. Mas, como vimos no capítulo anterior, o NA desloca o foco da recuperação das drogas para a “adicção”. Desta forma, mais do que admitir inapetências de ordem fisiológica, o novato em NA deve reconhecer o descontrole de sua vida como um todo.

Mas a admissão mais importante é a de um **sistema classificatório**, ou seja, a pessoa que entra no NA passa a avaliar seu passado e seu presente em função de representações pré-estabelecidas pelos Narcóticos Anônimos. O indivíduo passa a se classificar como “**adicto em recuperação**” em contraposição a seu passado de “**adicção ativa**”.

Para ajudar o novato a saber se é ou não um “adicto”, a entidade distribui um folheto de

informação ao público (IP) intitulado *Sou um adicto?*. Este folheto possui uma lista de vinte e nove perguntas que englobam inúmeros aspectos da “adicção ativa” (ver Anexo V).

Algumas perguntas, por exemplo, contemplam fenômenos de dependência química, como o **uso múltiplo de drogas** e a **dependência cruzada** (“Você já usou uma droga para rebater os efeitos de outra?”). A **dependência psicológica** também é abordada (“Alguma vez você usou drogas devido a dor emocional ou ‘stress’?”). Outras perguntas referem-se à ultrapassagem de fronteiras legais (“Você já roubou drogas ou roubou para conseguir drogas?”; “Alguma vez você foi preso em consequência do seu uso de drogas?”); à busca obsessiva por drogas (“Você pensa muito em drogas?”; “Você coloca a compra de drogas à frente das suas responsabilidades?”); a constrangimentos nas relações sociais (“Você evita pessoas ou lugares que não aprovam o seu consumo de drogas?”; “Você já se sentiu na defensiva, culpado ou envergonhado por seu uso de drogas?”) – ; etc.⁴⁰

Um universo bastante amplo de possibilidades é esquadrihado pelo questionário. Um universo com o qual, de uma forma ou doutra, todos os novos membros do NA se identificam. Todavia, independente dos rumos traçados por cada trajetória individual, eles se inter cruzam no reconhecimento do sistema classificatório estipulado pela entidade.

Deve-se notar que o reconhecimento desse sistema é fundamentalmente subjetivo. Até onde a pesquisa pôde verificar, é opinião unânime entre os membros do NA que pressões familiares ou institucionais pela recuperação não têm serventia alguma se o indivíduo em questão não reconhece o sistema e não aceita as implicações deste reconhecimento.⁴¹

⁴⁰ Não existe um número determinado de respostas “Sim” para que uma pessoa seja considerada “adicta”. O próprio folheto explica: “O número de respostas positivas não é tão importante **quanto aquilo que sentíamos e a maneira como a adicção tinha afetado nossas vidas**” (*Sou um adicto?* IP N°7-BR, g. m.). O que importa, por conseguinte, é a aceitação do sistema classificatório da entidade acerca da “adicção ativa”.

⁴¹ A única exceção a regra é o trabalho junto a hospitais e instituições (H&I). Mas este é um trabalho tão específico do NA, que a imensa maioria dos seus membros tem um conhecimento restrito ao “ouvir dizer”. Nos grupos pesquisados, por exemplo, não travei contato com nenhum membro do NA que tivesse experiência em H&I.

Por ser um trabalho muito específico, as atividades de H&I possuem algumas peculiaridades. Quando um centro de recuperação solicita, junto aos Narcóticos Anônimos, uma exposição sobre o programa para seus pacientes, o Subcomitê de H&I organiza esta apresentação. Depois da apresentação, o subcomitê pode organizar reuniões regulares no hospital. Mas, como o hospital tem suas próprias regras de funcionamento, via de regra um funcionário **atua como observador das reuniões**. Então no H&I, ao contrário do que ocorre normalmente nos grupos, **reuniões fechadas são muito raras**.

A especificidade mais importante do H&I, porém, é o fato de que algumas instituições obrigam seus pacientes a participar das reuniões. A resposta no NA para problemas deste tipo é: “No trabalho de H&I levamos a mensagem de recuperação de Narcóticos Anônimos a diferentes tipos de instituições que têm diferentes métodos e objetivos. Não tentamos decidir quais são os mais ou os menos apropriados. Por princípio não desafiamos esta prática. Por outro lado, se surgir algum problema específico com relação a algum participante que perturbe constantemente a reunião, pode ser oportuno discutir o problema com a instituição” (*Manual de Hospitais & Instituições*, pp. 10-11).

Ao entrar no NA, o novato deve abrir mão de vários ganhos secundários existentes em sua trajetória de “adicação ativa”. Entenda-se por **ganhos secundários** vários prazeres, convicções, relacionamentos, entre outros elementos, conexos (pelo menos) à época de “adicação ativa”. Presenciei, em muitas salas de NA, mensagens de que certos hábitos, pessoas e lugares da “ativa” devem ser evitados, isto é, certos divertimentos, companhias, espaços, práticas, modos de ver o mundo, etc. devem ser deixados para trás. Isto se dá através de uma reconstrução da memória individual (seguramente manipuladora, nos termos de Goffman):

“Fazendo uma retrospectiva, muitos de nós percebemos que, quando usávamos, nossas idéias de diversão eram bastante extravagantes. Alguns de nós podiam se vestir e ir para um clube local. Podíamos dançar, beber e usar outras drogas até o dia amanhecer. Em mais de uma ocasião, ocorreram tiroteios. O que então chamávamos de diversão agora chamamos de insanidade” (*Só Por Hoje*, p. 42).

Sem sombra de dúvidas, esta reconstrução se mostrou de grande eficácia. Courtney, numa conversa comigo, Nancy e Brian, citou a perda de contato com “sua melhor amiga” que “ainda estava na ativa”. Jimmy, por sua vez, numa reunião aberta, listou várias renúncias que teve de fazer, incluindo hábitos noturnos, relacionamentos sexuais, etc. Outros depoimentos seguem na mesma direção. Em termos de relacionamentos humanos, foi bastante nítido que as rupturas de laço foram pacíficas, mas definitivas. Em outras palavras, se elas não foram conflitantes, geraram “universos” completamente separados.

Ora, para abrir mão desses ganhos secundários, não basta simplesmente que os prejuízos primários (estigmas, acusações de desvio, etc.) sejam maiores. É necessário que o indivíduo perceba a maior envergadura destes e a impossibilidade de administrá-los. Objetivamente, a família pode pressionar o déficit, mas esta contabilidade se dá no campo da subjetividade de quem paga a conta. A noção de “sorriso *botox*”, de Richard, pode nos ajudar a entender esta economia:

“Antes de entrar no NA, eu achava que todo mundo ali tinha um sorriso *botox*. Eu pensava: ‘Ah, qual é... eu vou deixar de sair com a galera pra andar com aquele bando de caretas que acham que a vida é muito legal?’ Meu pai falava do NA, minha esposa enchia o saco, mas eu sempre dizia: ‘tô fora!’” (Richard, 41 anos, funcionário público que, segundo suas próprias palavras, só entrou para o NA depois de “muita insanidade”).

Para pagar a conta da recuperação, o reconhecimento do problema e a disposição em solucioná-lo são variáveis muito pessoais (o que configura um conhecido lugar comum quando o assunto é terapia e psicologia). Deve-se atentar para o fato de que o programa de doze passos proposto por Narcóticos Anônimos, além de ser não-profissional, não é institucionalizado. Camisas-de-força, internações, sessões de análise, regressão e hipnose não fazem parte de seu repertório. Ele está calcado unicamente no esforço individual e intransferível de cada um de seus membros.

A espiritualidade do programa torna este quadro ainda mais complexo. Feitas as duras renúncias que o deslocamento de trajetória exige, cria-se um vácuo que é preenchido por um “Poder Superior” segundo a “literatura de recuperação”:

“Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade” (2º Passo de NA; *Texto Básico*, p. 18”).

Essa relação entre espiritualidade e recuperação de padrões considerados abusivos de consumo de drogas tem dividido especialistas no tema. Eliana Freire, professora de “Toxicomanias” do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, por exemplo, considera a drogadição um fenômeno bio-psicossocial e **espiritual**:

“Posso afirmar que há uma relação muito íntima da espiritualidade com o tratamento da dependência química. Há muitos exemplos de pessoas dependentes químicas que passaram por momentos anteriores (...) [de] procura de uma espiritualidade. Buscas em religiões e filosofias que promovam algo no caminho da transcendência, fato muito comum antes da instalação da dependência” (Matos, s/d.).

Outros autores, no entanto, atacam violentamente alguns tratamentos que se utilizam de estratégias religiosas para recuperar drogaditos – especialmente quando tais tratamentos seguem o modelo comportamental de atendimento a toxicômanos. Richard Bucher e Priscila Fernandes Costa, por exemplo, chegam utilizar termos como “troca de dependência”, “re-intoxicação ideológica” e “submissão ao Senhor Jesus” como componente da “droga de substituição” para abordar o assunto (Bucher & Costa, 1988: 74).

Uma passagem da “literatura de recuperação” é bastante útil para o entendimento da representação de espiritualidade formulada por Narcóticos Anônimos:

“Embora todos nós trabalhemos os mesmos passos, cada um de nós vivencia o conseqüente despertar espiritual de uma maneira própria. (...)

Para alguns de nós, o despertar espiritual prometido no Décimo-Segundo Passo ⁴² resultará em um renovado interesse em religião ou misticismo. Outros irão despertar para um entendimento da vida daqueles à sua volta, experimentando empatia, talvez pela primeira vez. Outros ainda irão reconhecer que os passos os têm despertado para seus próprios princípios morais e éticos” (*Só Por Hoje*, p. 97).

De fato, a pesquisa se deparou com uma multiplicidade de experiências religiosas: ⁴³

Práticas Religiosas Auferidas	
Brian	evangélico
Courtney	umbandista
Jennifer	católica “não-praticante”
Jimmy	umbandista
Joey	sem religião
Kurt	católico “não-praticante”
Mark	católico “praticante”
Nancy	sem religião
Richard	católico “não praticante”
Sidney	ateu
Susan	católico “não-praticante”
Tommy	sem religião

Por mais que o universo pesquisado seja bastante reduzido, ele fornece uma noção da multiplicidade da qual me referi. Foi interessante notar que os cinco católicos registrados pela pesquisa, fizeram questão de se classificar como “praticante” ou não. Isto não significa, porém, que Brian, Courtney e Jimmy tenham uma vivência religiosa tão sistematizada quanto Mark

⁴² “Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades” (12º Passo, *Texto Básico*, p. 19).

⁴³ As pessoas citadas na tabela falaram de suas experiências religiosas em conversas informais que tiveram comigo. A pesquisa não pôde avaliar a religiosidade de outros membros dos grupos pesquisados.

disse ter.⁴⁴

Courtney, por exemplo, afirmou ter uma frequência bastante irregular em seu “centro espírita”, como ela própria denominou. Caso diferente ao de Jimmy, um pouco mais constante em sua opção religiosa. Brian, por sua vez, afirmou ter deixado “sua igreja há muito tempo”.

O que ficou bastante evidente foi que, em termos de religiosidade, os efeitos dos doze passos foram diversos. No caso de Mark, por exemplo, seu deslocamento de trajetória acarretou uma maior sistematização/institucionalização de sua prática religiosa. Em outras palavras, depois do NA, Mark passou a levar “Cristo mais a sério”, como ele próprio afirmou. Processo semelhante ao ocorrido com Jimmy.

Tanto para Brian e Courtney, quanto para Jennifer, Kurt, Richard e Susan, que se autodenominaram católicos “não-praticantes”; e Joey, Nancy e Tommy, que afirmaram não possuir religião alguma; a frequência aos seus grupos de Narcóticos Anônimos significou um mergulho espiritual de caráter mais pessoal. “O NA é a minha religião!” foi uma frase corriqueira entre eles. Inclusive no que tange aos aspectos morais e ascéticos de suas espiritualidades. Tanto eles, quanto Jimmy tentavam seguir, mesmo que de uma forma bastante pessoal, um programa ético tal qual delineado pela programação de doze passos. Neste caso, Mark parece ser a exceção à regra. Nele, a moralidade e a ascese inerentes à programação terapêutica do NA aproximam-se significativamente das existentes no catolicismo.⁴⁵

Um caso à parte foi o de Sidney, que se declarou ateu. Para ele, as alusões da “literatura de recuperação” a um “Poder Superior” mereceram uma interpretação muito própria. Em sua concepção, a “irmandade” é o seu “Poder Superior”. Quando, por exemplo, o segundo passo propõe a crença em um poder que lhe devolverá a sanidade, isto é reinterpretado como crença de que a “irmandade”, o NA como um todo, será capaz de lhe devolver controle que a drogadição lhe roubou. Mas a criatividade desta reinterpretação é bastante relativa, já que ela é sugerida pela própria “literatura de recuperação”:

“A nossa compreensão de um Poder Superior fica a nosso critério. Ninguém vai decidir por nós. Podemos escolher **o grupo, o programa, ou podemos chamá-lo de Deus**. A única diretriz sugerida é que este Poder seja amoroso,

⁴⁴ Mesmo classificando-se “praticante”, Mark disse que “não podia comungar como os outros fiéis” por ter um relacionamento amoroso doutrinalmente irregular (um segundo casamento).

⁴⁵ Isto ficou muito claro numa conversa informal que tivemos. Deve-se salientar porém que, em reuniões abertas, Mark sempre fez questão de claramente separar sua opção religiosa de seu cotidiano no NA. Como todos os outros membros da entidade, aliás.

cuidadoso e maior do que nós. **Não precisamos ser religiosos para aceitarmos esta idéia**” (*Texto Básico*, p. 26; g. m.).

Seja como for, como a pesquisa contemplou um universo muito reduzido de pessoas, considero arbitrárias conclusões mais definitivas sobre a questão da religiosidade dos membros do NA. No entanto, a “literatura de recuperação”, o que inclui publicações regulares como o boletim *Só Por Hoje*⁴⁶ e o *The NA Way Magazine*, confirma a idéia de uma múltipla religiosidade e de uma espiritualidade ascética integradora do ateísmo. Informação também confirmada por diversos depoimentos em reuniões abertas.

A aceitação de um “Poder Superior” cumpre uma função: a de conduzir o deslocamento de trajetória do membro de Narcóticos Anônimos:

“Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos” (3º Passo de NA; *Texto Básico*, p. 18).

Este é o passo que introduz o ascetismo do programa. Entregar a vontade a um “Poder Superior” significa, em última análise, **conversão**. Em outros termos, toda uma série de novos modos de agir devem ser praticados para garantir o sucesso da recuperação. É neste momento, também, que o caráter protestante da programação vem à tona com toda sua força.

Para entendermos melhor esta questão devemos revisitar o clássico estudo *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, de Max Weber. Neste livro, Weber nos mostra que o “espírito” capitalista fundamentou-se em vários elementos éticos do protestantismo:

“... o decisivo para nossa consideração sempre foi a concepção do ‘estado de graça’ religioso, encontrada em todas as denominações [protestantes], precisamente como um estado (*status*) que separa o homem do estado de danação em que jaz tudo quanto é criatura, ou seja, separa do ‘mundo’, mas cuja posse só se pode garantir – seja lá como tenha sido obtida, e isso depende da dogmática da respectiva denominação – não por um meio mágico-sacramental de qualquer espécie, nem pela descarga na

⁴⁶ Não se deve confundir o livro de meditações diárias *Só Por Hoje* com o boletim informativo de mesmo nome. As citações com o título “*Só Por Hoje*”, seguido pelo número da página, referem-se ao livro de meditações diárias (NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Só Por Hoje: meditações diárias para adictos em recuperação*. Van Nuys, World Service Office, 2000). Já o depoimento de Renata S., presente no capítulo 1 desta dissertação, é referente ao boletim (RENATA S. “Partilha de Serviço”. **In:** *Só Por Hoje: Boletim Informativo da Região Brasil de NA*. Porto Alegre, Sub-Comitê de Informação ao Público do CSR Brasil, s/d).

confissão nem por obras pias isoladas, mas somente pela *comprovação* em uma conduta de tipo específico, inequivocamente distinta do estilo de vida do homem ‘natural’. É daí que provém para o indivíduo o *estímulo* ao *controle metódico* de seu estado de graça na condução da vida e, portanto, à sua impregnação pela *ascese*. Esse estilo de vida ascético significava, porém, como vimos, precisamente uma conformação *racional* de toda a existência, orientada pela vontade de Deus. E essa ascese *não* era mais um *opus supererogationis*, mas um feito exigido de todo aquele que quisesse certificar-se de sua bem-aventurança. Essa singular vida dos santos, cobrada pela religião e distinta da vida ‘natural’, passava-se – o decisivo é isto – não mais fora do mundo em comunidades monásticas, senão *dentro* do mundo e suas ordens. Essa *racionalização* da conduta de vida no mundo mas de olho no Outro Mundo é o efeito da *concepção de profissão* do protestantismo ascético” (Weber, 2004: 138-139).

Weber nos ensina, portanto, que o grande legado do protestantismo foi uma concepção de luta ascética **racional (metódica), estrutural e intramundana**. Mas, nesta concepção de ascese o papel da ação divina não é muito claro. A falta de elementos sacramentais característicos do catolicismo, faz com que, pelo menos nas vertentes mais radicais do calvinismo, Deus seja uma figura absolutamente distante por já ter tomado, aprioristicamente, a decisão de quem merece o céu e quem vai se danar no inferno. Daí o caráter **estrutural** da ascese protestante. Ela, na melhor das hipóteses, constitui apenas a garantia de que a decisão divina foi benévola para quem segue suas regras **permanentemente**.

A teoria terminista é uma das concepções mais radicais deste Deus-Juiz. Nela, Deus concede a graça uma única vez. Caberia ao livre arbítrio humano agarrar a oportunidade ou se preparar para a calorosa recepção do inferno (Weber, 2004: 121).

Concepções como esta, classificam a humanidade em dois grupos antagônicos: os salvos e os perdidos. Uma clivagem bastante típica da sociedade na qual os doze passos surgiram. Refiro-me às noções de *winner*s e *loser*s, tão comuns nos Estados Unidos. Um modo de ver os homens que plasmou na “literatura de recuperação” um olhar semelhante sobre os membros da entidade:

“Frequentemente ouvimos dizer nas reuniões de devíamos ‘colar com os vencedores’ Quem são os vencedores em Narcóticos Anônimos? Os vencedores são facilmente identificados. Eles têm um programa de recuperação ativo,

vivendo na solução e ficando fora do problema” (*Só Por Hoje*, p. 360).

Ora, como se não bastasse o rompimento de algumas relações construídas durante a época de adição ativa, os relacionamentos dos membros do NA também são (auto)regulados depois da entrada na “irmandade”. Uma inconfidência de Courtney é demonstrativo disso:

“Ih, (...) [fulano] é muito deprê! Tá em processo de recaída! Não dá pra andar com ele não...” (Courtney, 26 anos, estudante).

Portanto, na concepção do NA incorporada por Courtney, é fundamental que as relações estabelecidas, depois do ingresso na entidade, sejam “construtivas”. Para tal, o melhor critério é avaliar a seriedade com a qual o programa de recuperação é levado por este ou aquele membro da entidade. Nesta avaliação, a “vigilância” deve ser considerada:

“Como permanecemos vigilantes com nossa recuperação? Primeiro, nos dando conta de que temos uma doença que teremos sempre. Não importa quanto tempo estivermos limpos, não importa quão melhor nossas vidas se tornaram, não importa a extensão de nosso alívio espiritual, ainda somos adictos. Nossa doença espera pacientemente, pronta a nos armar ciladas, se lhe dermos a chance.

A vigilância é uma realização diária. (...) Não que devamos viver com um medo irracional de que alguma coisa horrível irá nos possuir, caso baixemos nossa guarda por um momento; simplesmente tomamos as precauções normais. Oração diária, frequência de reuniões e a escolha de não comprometer princípios espirituais em troca do caminho mais fácil são atos de vigilância” (*Só Por Hoje*, p. 1).

Esta representação de vigilância possui evidentes fundamentos na ascese protestante. Da mesma forma que a confirmação do bom grado de Deus passa pela constância da luta ascética, a garantia do sucesso da “recuperação” passa pela manutenção diária de práticas ascéticas como a “oração diária”, a assiduidade nas reuniões do grupo e a escolha de caminhos “corretos”, ainda que longos e tortuosos. Nancy, faz uma curiosa analogia entre esta vigilância constante e a existência de dois cães dentro de nós:

“Todos nós possuímos dois cães dentro de nós. Um deles é bom; o outro é mau. Todos os dias decidimos pra qual dos dois damos comida” (Nancy, 22 anos, estudante).

Mas este dilema deve ser resolvido no meio do mundo. É na faculdade, em casa, entre os amigos que Nancy deve decidir que cão alimentar. E não em algum espaço fora do mundo. Além disso, este dilema exige muita reflexão. Uma análise muito criteriosa acerca das decisões que devem ser tomadas é uma constante na vida do membro do NA. Para os Narcóticos Anônimos, esta reflexão sobre as formas de agir no meio do mundo exige um sofisticado auto-conhecimento. Este é o papel de um dos passos mais estratégicos da programação terapêutica do NA: o quarto.

2 – O Inventário Moral:

O deslocamento de trajetória que se opera no interior de Narcóticos Anônimos exige uma verdadeira conversão espiritual. Na verdade, no programa de doze passos existe um *feedback* entre deslocamento de trajetória e de convicções. Mudam-se visões de mundo para se modificar comportamentos. Hábitos são alterados no esforço de se transformar idéias. E em meio a esse processo, o NA propõe uma aceitação radical da vida como ela é:

“As drogas costumavam servir para amortecer em nós a força da vida. Quando paramos de usar drogas e começamos a recuperação, nós nos confrontamos diretamente com a vida. Podemos experimentar os sentimentos de decepção, frustração ou raiva. As coisas podem não acontecer da forma que gostaríamos que acontecessem. O egocentrismo que cultivávamos em nossa adicção distorceu nossa percepção da vida; é difícil abrir mão de nossas expectativas e aceitar a vida como ela é” (*Só Por Hoje*, p. 180).

Mas, para um deslocamento de cosmovisão tão radical, é necessário estruturalmente readaptar-se. Convicções e comportamentos devem ser convertidos. Logicamente, isto não é automático. Exige o conhecimento das convicções anteriores – e dos comportamentos que as informavam –, a “conscientização” dos “equivocos” inerentes a estas convicções e a introdução de convicções novas. Em conformidade com seus fundamentos protestantes, este procedimento ocorre através de um **metódico** inventário moral, que tem a serventia de apontar inaptações, desvios e falhas de caráter. O quarto passo de Narcóticos Anônimos tem a seguinte formulação:

“ Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos” (4º Passo de NA; *Texto Básico*, p. 18).

A “literatura de recuperação” tem, inclusive, um guia prático para o cumprimento do quarto passo. Este guia propõe sete seções a serem inventariadas: “ressentimentos”, “relações”, “auto-obsessão e egocentrismo”, “sentimentos de vergonha e culpa”, “medo”, “qualidades” e uma intitulada “situações em que nos sentimos vítimas”. Para cada uma das seções, existe uma lista de perguntas e indicações para respondê-las.

Mas é logo na primeira seção (“ressentimentos”) que o esforço de readaptação mostra sua face:

“Os nossos ressentimentos causaram-nos dor. (...) Precisamos de escrever agora sobre esses ressentimentos, para vermos o **papel que tivemos na sua criação**. (...) *Faz uma lista das pessoas, das organizações e dos conceitos que ressentis*. A maioria de nós começa com a infância, mas qualquer ordem serve, desde que esteja completa. Inclui todas as pessoas (pais, irmãos, amigos, inimigos, nós próprios, etc.); organizações e instituições (**prisões, polícia, hospitais, escolas**, etc.) e conceitos (**religiões, grupos políticos, costumes sociais, Deus**, etc.) que ressentis. (...) *Faz uma lista da causa ou causas de cada ressentimento*. (...)

- Os meus sentimentos foram feridos devido ao **orgulho**? (...)
- A **minha ambição** pôs-me em conflito com os outros?”
(*O Quarto Passo em Narcóticos Anônimos*, pp. 5-6; g. m.)

Por mais que se possa admitir falhas em algumas organizações e instituições e em certos conceitos, o guia do quarto passo foca a responsabilidade pessoal do “adicto em recuperação” nos ressentimentos causados. Violências simbólicas e materiais, acusações de desvio levadas a cabo por empreendedores éticos ou cruzadas morais políticas e religiosas, não são levadas em consideração nos ressentimentos que ajudaram a provocar.

Esta é, seguramente, uma das razões para que o inventário moral seja adiado e contornado por muitos dos membros do NA. Dos doze membros do NA que entrevistei, apenas três afirmaram ter cumprido o quarto passo (Mark, Sidney e Susan). Entretanto, todos foram unânimes ao afirmar que este passo é de fundamental importância. Tommy chegou a dizer que “não cumprir o quarto passo é muito perigoso”, pois pode ser um caminho para a recaída.

Porém, mesmo contornando o quarto passo, a idéia de uma conversão de vida é tão forte no NA, que suas ferramentas ascéticas são efetivamente utilizadas pelos integrantes da entidade. Existe uma propaganda constante, presente na “literatura” do NA e reproduzida pelos discursos

proferidos nas reuniões, de que as regras do jogo social são válidas, devem ser cumpridas e da melhor maneira possível. E por isso, os membros do NA devem se tornar cidadãos exemplares.

“Nem todos decidem de repente que se tornarão modelos de cidadãos, honestos e produtivos, no momento que chegamos em Narcóticos Anônimos. Mas logo percebemos, em recuperação, que não nos sentimos confortáveis fazendo muitas das coisas que fizemos, sem pensar duas vezes, quando estávamos usando” (*Só Por Hoje*, p. 100).

Nesse conformismo de auto-ajuda, a lógica capitalista é intocada. O que é proposto pelos grupos de NA é a sobrevivência no mundo e não sua reformulação em novas bases. E, da mesma forma que na ética protestante, o trabalho profissional é a ferramenta básica para a formação desse membro do NA que tenta integrar-se ao mundo e tornar-se **modelo de cidadão, honesto e produtivo**:

“... podemos encontrar oportunidades para servir em quase todas as áreas de nossas vidas. Nossos empregos são uma forma de servir à comunidade, não importa nossa atividade. (...) Nossos esforços de servir realmente fazem uma diferença! Se duvidamos disso, poderíamos imaginar como seria o mundo se ninguém se desse o trabalho de servir aos outros. Nosso trabalho serve à humanidade. A mensagem que levamos transcende as salas de recuperação, afetando tudo que fazemos” (*Só Por Hoje*, p. 381).

Novamente o ciclo se fecha. Toda pregação puritana, de que o trabalho profissional constitui o caminho por excelência ao céu, está presente nas representações de recuperação formuladas pelo NA. Seus membros, como não poderia deixar de ser, reproduzem esta pregação em suas palavras e em suas ações quotidianas. Nas reuniões abertas, os membros da “irmandade” não perdem a oportunidade de discorrer sobre a seriedade com a qual já conseguem encarar o trabalho profissional ou a luta para isto conquistar:

“Depois que conheci a irmandade, consegui um emprego. Tento dar o melhor de mim. Chego na hora e trabalho com vontade. Às vezes é difícil, sabe? Mas sei que a idéia de jogar tudo pro alto é minha insanidade tentando me tirar do rumo. Às vezes, na tentativa de acertar, eu faço tudo errado. Eu sei que não posso falar palavrão pros alunos mas, é tanta vontade de fazer tudo certo, que acabo

falando. Mas eu tenho que ter serenidade. Sem pressa. Eu sei que vou melhorando a cada dia” (Jimmy, em reunião aberta).

Não podemos esquecer que discursos como este sobre o trabalho ocorrem num contexto em que uma revigorada ética da vida profissional tem se fortalecido enormemente.

A Terceira Revolução Industrial, marcada pelo advento da informática e da cibernética, teve efeitos catastróficos para a classe trabalhadora pela supressão de postos de trabalho que promoveu. Além disso, a reestruturação capitalista posterior aos choques do petróleo dos anos 70 também se fez sentir. Na Inglaterra, Margaret Thatcher cortou gastos públicos, aumentou o desemprego e reprimiu com violência os sindicatos. Nos Estados Unidos, Ronald Reagan fez o mesmo, assim como na Alemanha, onde Helmut Kohl destruiu o mais eficiente *Welfare State* do mundo. A maciça propaganda neoliberal fez com que países que vinham formando uma sólida tradição social-democrata, tais como França, Espanha e Suécia, adotassem as políticas de exclusão inauguradas por Thatcher. Com tudo isso, os anos 80 presenciaram uma progressiva desarticulação do movimento sindical dos dois lados do Atlântico Norte.

Na década de 1990, o receituário neoliberal foi seguido à risca em nosso país. Fernando Collor de Mello, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente, implementaram medidas de ajuste fiscal, desregulamentação das relações de trabalho e abertura de mercado que enfraqueceram sobremaneira o movimento sindical na medida em que favoreceram o crescimento do desemprego, do subemprego e da precarização do trabalho formal. Desta forma, os tempos das greves-gerais lideradas por Jair Meneghelli ficaram perdidos em recantos bem esquecidos da memória.

Como resultado, sofremos com aquilo que, ao levantar as diferenças entre modernidade líquida e sólida, Zygmunt Bauman chamou de **falência do antigo modelo de modernização institucional**:

“A primeira [diferença] é o colapso gradual e rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido (...), algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos (...).

A segunda mudança é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão

humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado ('individualizado'), atribuído às vísceras e energia individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos. Ainda que a idéia de aperfeiçoamento (ou de toda modernização adicional do *status quo*) pela ação legislativa da sociedade como um todo não tenha sido completamente abandonada, a ênfase (...) se trasladou decisivamente para a auto-afirmação do indivíduo. (...)

As esperanças de aperfeiçoamento, em vez de convergir para grandes somas nos cofres do governo, procuram o troco nos bolsos dos contribuintes. Se a modernidade original era pesada no alto, a modernidade de hoje é leve no alto, tendo se livrado de seus deveres 'emancipatórios' (...). 'Não mais a salvação pela sociedade', proclamou o apóstolo do novo espírito da empresa, Peter Drucker. 'Não existe essa coisa de sociedade', declarou Margaret Thatcher, mais ostensivamente. Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida – sua astúcia, vontade e poder" (Bauman, 2001: 37-38).

A crescente globalização da economia acirrou a concorrência capitalista e trouxe como conseqüências o recrudescimento do desemprego e a desregulamentação do trabalho. Neste contexto, a modernização (emancipação) pela via sindical inviabiliza-se cada vez mais. Este fato garantiu amplo acolhimento para o discurso neoliberal do investimento em capital intelectual. Este discurso defende a tese de que a relação capital/trabalho dos tempos de Marx seria algo do passado. O que teríamos hoje seria uma autêntica relação capital/capital, onde a força de trabalho seria substituída por capital intelectual. Se o trabalhador vier a investir em sua própria capacitação técnica, ele terá a possibilidade de negociar quase de "igual para igual" – assim como qualquer engenheiro de *software* da Microsoft graduado pelo MIT.

Num contexto como este, de privatização das tarefas modernizantes e de apostas no cassino da transformação pessoal via capacitação profissional, é nítida a existência de uma revigorada ética do trabalho. As representações de recuperação, luta e moralidade formuladas pelos Narcóticos Anônimos guardam profundas semelhanças com esta ética. As convergências são claras e não poderia deixar de ser assim, já que, numa sociedade que estigmatiza o uso e o abuso de drogas, é fundamental abraçar algumas coisas que este mundo valoriza tão ciosamente. Especialmente no que tange à ética do trabalho. Como bem observou Gilberto Velho, o trabalho é um campo privilegiado onde ocorre a acusação de desvio "drogado" (Velho, 1999: 63).

Capítulo 3

Narcóticos Anônimos e mundo pós-moderno

“Um dia, irmão, comemoraremos nossa vitória com um banquete. Todos os que lutaram ou que só usaram o barrete. E bêbados de nós mesmos, a mesa coberta com destroços do combate – difícil dizer o que é sangue e o que é molho de tomate –, brindaremos as cadeiras vazias dos que lá não estão. Os fantasmas de uma geração. Um que morreu no exílio e foi devorado por vermes estrangeiros.

Um que enlouqueceu um pouco e tem delírios passageiros.

(...)

O que era anarquista e acabou na IBM.

O que era poeta maldito e acabou na MPM.

(...)

Um que ia mudar o mundo, e se mudou.

O que ia ser era o melhor de nós todos, e vacilou.

Nossa Rosa Luxemburgo, que abriu uma butique.

Nosso quase Che Guevara, que hoje vive de trambique.

Restaremos você e eu, irmão.

E os balões circundarão nossas cabeças como velhos remorsos. (...) E os garçons olharão o relógio e desejarão nossa morte.

Seremos sentimentais e um pouco arrogantes.

Danem-se as nossas trapalhadas, estivemos nas barricadas!

Esta civilização nos deve, pelo menos, outra rodada. (...)

Não temos placas na rua como heróis da Resistência, mas temos consciência de que os bárbaros não passaram.

(...)

[Então] você me dirá (...):

— Como, heróis? Como, não passaram? Meu querido, não te falaram? (...) Os bárbaros ganharam”.

(Luis Fernando Veríssimo).

I) O Panorama Pós-Moderno:

No dia 17 de julho de 1994, data que ficou marcada pela conquista do tetra-campeonato mundial de futebol pela Seleção Brasileira, dois homens e uma mulher, reunidos em torno de uma mesa de bar, lêem melancólicos um poema escrito dezessete anos antes por um amigo que acabara de falecer. Exilado em Paris, Bastos, o amigo falecido, desencanta-se no poema com os resultados da luta revolucionária travada na década de 1970. Depois de enumerar os fantasmas de sua geração, como o “que morreu no exílio e foi devorado por vermes estrangeiros” ou o “que enlouqueceu um pouco e tem delírios passageiros”, conclui amargamente seu poema: “Os bárbaros ganharam”!

É desta forma que Jorge Furtado encerra o episódio *Apenas Bons Amigos* da série *A Comédia da Vida Privada*, exibida pela Rede Globo de Televisão em 1995 (Furtado, 1995). Neste episódio, quatro jovens – Bastos, Manuela, Ataíde e Cardoso – têm suas biografias contadas, tendo como pano de fundo as Copas do Mundo disputadas entre 1970 e 1994 e as transformações políticas ocorridas no Brasil durante este período. A trajetória das quatro personagens caminha no sentido de um crescente individualismo, especialmente durante os anos 80 e 90, em detrimento das utopias acalentadas na juventude. Ataíde, por exemplo, se tornou um empresário que teve seu nome envolvido com escândalos de corrupção do governo Collor. Cardoso, ex-guerrilheiro e ator de teatro revolucionário, entusiasmou-se com a possibilidade de desempenhar um papel insignificante numa novela da Globo (com a desculpa de “lutar contra o sistema ‘por dentro’”). O próprio Bastos trocou sua carreira de psicólogo e economista por um programa de rádio voltado a esclarecimentos sexuais de discutível qualidade. Depois de abrir uma clínica de aconselhamento sexual, faleceu, em decorrência da descontrolada voltagem de seu “acumulador de orgônio”.

Ironicamente, o desencanto de Bastos, em 1977, lhe serviu de epitáfio pois, como tantos outros, ele também se tornou um “quase Che Ghevara” que passou a “viver de trambique”. Sua trajetória e de seus amigos conta um pouco do que foi a história do capitalismo nos anos 80 e 90. Neste período, nos inscrevemos naquilo que alguns autores denominam **pós-modernidade**.⁴⁷

⁴⁷ Na verdade, não existe consenso em torno do conceito **pós-modernidade**. Diferentes autores adotam categorias diversas no esforço de analisar a sociedade contemporânea. Anthony Giddens, por exemplo, utiliza o conceito de **modernidade tardia** (Giddens, 2002). Já Marc Augé refere-se à **supermodernidade** por considerar que o diferencial da sociedade contemporânea é o exagero (Augé, 1994). Zygmunt Bauman, por sua vez, opõe à modernidade sólida (fordista e burocratizada) uma **modernidade líquida**.

Via de regra, a avaliação dos mais diversos autores acerca da pós-modernidade é bastante negativa. Em quase sua totalidade, fazem questão de salientar que a competitividade e o consumismo da sociedade contemporânea têm sido responsável pelo crescimento das multidões reciprocamente indiferentes.⁴⁸

Uma descrição das transformações mais recentes do capitalismo internacional parece justificar o pessimismo com o qual uma parcela considerável da *intelligentsia* avalia esses tempos pós-modernos.

A queda do Muro de Berlim, em 1989, nos trouxe a sensação de que qualquer esperança de se construir uma sociedade justa foi jogada por terra. Está claro que isto significou um acirramento na crise da teoria crítica, mas não o fim das grandes ideologias. Pelo contrário. Se, sobre os escombros da crise de paradigmas, se deu a concordata (e não falência) de um modelo ideológico alternativo – o socialismo –; o fortalecimento do capitalismo enquanto ideologia, de um modo talvez inédito em sua história, foi o mais óbvio corolário desta concordata.

Fortalecimento ideológico reforçado, em grande parte, pela capacidade demonstrada pela economia capitalista de transformar manifestações culturais em produtos vendáveis. E deve-se atentar para isso num contexto *sui generis* de reestruturação capitalista como o que vivenciamos nas décadas de 1980 e 1990. Nesse período, a indústria do entretenimento foi uma das que mais cresceram nos Estados Unidos. Grandes conglomerados de mídia foram formados, como o grupo *AOL Time Warner*; acordos foram assinados entre empresas ligadas aos ramos fonográfico, cinematográfico e de alta tecnologia, etc. Num quadro como esse, a capacidade de fabricação de consenso foi otimizada a níveis alcançados, talvez, apenas durante a paranóia anti-comunista do macarthismo.

Além da concordata do pensamento socialista e da consolidação da indústria cultural com seus grandes conglomerados de *mass media*, os abalos sofridos pelo sindicalismo nos dias atuais devem ser levados em conta como outro elemento significativo.

A crise sindical dos anos 80 e a conseqüente privatização de tarefas modernizantes através da estratégia do investimento pessoal em capital intelectual, em detrimento do investimento coletivo em “capital” político de classe, maximizaram o caráter competitivo da sociedade contemporânea.

⁴⁸ Talvez, a exceção mais significativa fique por conta de Michel Maffesoli. Para ele, a única utilidade de análises desta natureza (por ele qualificadas como “sarapatel moral”) é expressar “a profunda confusão de intelectuais que não compreendem mais nada da sociedade que é sua razão de ser” (Maffesoli, 1987: 102).

Acresce-se a isto o fato de vivermos num mundo *high-tech*. Novas tecnologias são aplaudidas como símbolos de uma nova liberdade no universo do trabalho. Para muitos, o emprego acabou. O escritório e a repartição estariam se tornando refugos de uma antiga relação capital/trabalho. Muito em breve, todos trabalharão em casa, cercados da mais moderna parafernália eletrônica – fax, computador, internet –, uma verdadeira bolha digital. Em todos os níveis, os espaços públicos da *polis* esvaziam-se. O *playground* torna-se obsoleto ao passo que as salas virtuais de bate-papo estão cada vez mais concorridas.

Mas isto não é exclusividade de trabalhadores-internautas. Basta lembrar da indústria têxtil que há anos vem internacionalizando sua mão-de-obra através da prática do *putting-out* – a sub-contratação de trabalhadores autônomos ou de pequenas empresas de confecção em países periféricos (Barreira, 1999). A Benetton, por exemplo, alcançou notório sucesso de mercado ao adotar o *putting-out*, sendo, ao lado da Nike, celebrada como modelo de “flexibilidade de produção” e de “estratégia competitiva” (Armando, 2003: 41).

Ao se utilizar do trabalho domiciliar e de pequenas unidades fabris espalhadas pelo Terceiro Mundo, o *putting-out* fragmenta a força de trabalho eliminando qualquer possibilidade de articulação entre os trabalhadores. Age como mais um solvente sindical pós-moderno. Não apenas pela separação física dos trabalhadores mas também pela solidão e competição que incita. Acredito que esta é uma questão que merece investigação. É bastante razoável pensar que a costureira, que trabalha sozinha em casa para a grande multinacional, tem seu potencial político amputado tanto por estar espacialmente apartada de suas colegas, quanto por estar psicologicamente distante de seus vizinhos. Ela não é uma idiota; sua visão de mundo não é necessariamente acrítica; mas seu convívio cotidiano trivializa-se pelo simples desconhecimento que tem dos laços de solidariedade que se forjam no universo da produção. Sua insatisfação pode ser compartilhada mas não organizada. Ela pode ter uma explosão de revolta mas esta será sempre limitada e pontual.

Além disso, ela tem de produzir bem e bastante para se manter no mercado. Desde a manhã, quando acorda, seu cotidiano já é de constante competição. Uma vida cotidiana muito dura; marcada, na maioria das vezes, pela dupla jornada e que não permite maiores vôos políticos porque, como nos lembra Eric Hobsbawm, “... as tentativas de criar organizações permanentes de massa a partir de grupos não-organizados (‘os desempregados’, os opositores do recrutamento compulsório, os consumidores, ou mesmo grupos mais coesos do ponto de

vista existencial, como os negros e as mulheres) (...) [fracassaram] quase universalmente” (Hobsbawm, 1987: 402).

Diante de um quadro como o descrito acima, marcado por uma crescente competitividade e por uma grave desmobilização política, é difícil deixar de vislumbrar a recíproca indiferença das multidões. Uma dimensão coletiva da realidade parece, diante de nossos olhos, esvaziar-se a passos largos. Algo que corresponde a um processo mais geral de declínio do espaço público e da política *stricto sensu*, tal como aponta Richard Sennett (Sennett, 2002). Esse quadro, portanto, nos impõe uma discussão acerca do papel que o individualismo desempenha na sociedade contemporânea.

1 – Individualismo ou Individualismos?

Em seu controvertido *O Tempo das Tribos*, Michel Maffesoli defende a tese de que na pós-modernidade o individualismo estaria em franco declínio. O autor argumenta inicialmente que um determinado tipo de sensibilidade, “um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com os outros”, predomina em cada época histórica. Desta forma, seria possível perceber, na sociedade contemporânea, a “passagem da ‘polis ao thiasé’, da ordem política [que privilegia os indivíduos e os contratos] à ordem da fusão [que privilegia a afetividade e a sensibilidade]” (Maffesoli, 1987: 101).

Na tentativa de esclarecer sua posição, Maffesoli propõe uma **nova comunhão dos santos** como imagem desta passagem:

“Na sua origem, o mundo cristão é uma nebulosa de pequenas entidades esparsas por todo o império romano. Do fervilhamento assim induzido emana, então, esta linda teoria da ‘comunhão dos santos’. Ligação flexível e firme, ao mesmo tempo, que assegura a solidez do corpo eclesial. É esta efervescência grupal com seu *ethos* específico que vai dar origem à civilização que conhecemos. Podemos imaginar que hoje estejamos sendo confrontados com uma forma de ‘comunhão dos santos’. As agências informáticas, as redes sexuais, as diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um *ethos* em formação. É isto que delimita esse novo espírito do tempo que podemos chamar de socialidade” (Maffesoli, 1987: 103).

Sua hipótese central é a de que a “ética da simpatia”, responsável pela expansão do cristianismo e que esteve em baixa durante o período do contratualismo moderno, estaria assumindo uma nova posição de destaque. Isto porque, segundo o autor, os grandes modelos ideológicos estariam em crise. Com isso, o racionalismo perderia seu domínio – abrindo espaço para o gosto, o afeto e o sentimento. Conseqüentemente, o individualismo, elemento primordial dos cálculos racionais da antiga ordem política, deixaria de fazer sentido no mundo do tátil e do sensível da ordem da fusão.

Apesar de ser bastante interessante, a tese do autor contém uma fragilidade básica: não especificar **que tipo de individualismo** estaria em declínio. A partir de autores como Georg Simmel, Louis Dumont e Richard Sennett, sabemos que é mister referir-se a “**individualismos**” ao invés de “**individualismo**”. Isto porque esses autores conseguiram mapear dois tipos bem definidos de individualismos.

O primeiro deles é aquele que Georg Simmel chamou de **individualismo quantitativo**. É o individualismo iluminista, jurídico, liberal, universal, codificado na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Em última análise, é o individualismo do cálculo racional e da cidadania que concebe liberdade individual como direito civil. Segundo Louis Dumont, é o individualismo do **indivíduo-no-mundo**, ou seja, do homem atravessado por questões impostas pelos embates políticos *stricto sensu* de seu tempo.

O segundo tipo, por sua vez, foi denominado por Georg Simmel como **individualismo qualitativo**. É o individualismo romântico, psicológico, conservador, cioso das especificidades e resistente a qualquer tipo de codificação, posto que está irrepetivelmente impresso na alma e na sensibilidade de cada homem. É o individualismo “irracionalista” e nacionalista que concebe liberdade individual como autonomia em relação às instituições políticas, às realidades vulgares e aos outros indivíduos. É, portanto, nos termos de Louis Dumont, o individualismo do **indivíduo-fora-do-mundo**, isto é, do homem envolto em problemáticas etéreas e egocêntricas.⁴⁹

Esses individualismos – francês e alemão, respectivamente – demonstram que a análise de Maffesoli acerca do “declínio do individualismo” na sociedade contemporânea é insatisfatória. Está bastante claro que a pós-modernidade tem revelado uma tensão significativa entre os dois modelos de individualismo.

O panorama, anteriormente exposto, de competitividade e desmobilização política, nos mostra claramente que o modelo francês de individualismo quantitativo está em crise. Em

⁴⁹ Sobre esta tipologia dos individualismos, ver Simmel, 1979 e 1998; Dumont, 2000 e Sennett, 2002.

contrapartida, o modelo alemão de individualismo qualitativo avança na direção de um domínio quase inédito.

Quando Bastos resolveu “viver de trambique”, abandonando a carreira de “Che Ghevara” em prol dos divertimentos sexuais de seu consultório, uma inversão de individualismos se operou. A luta revolucionária do indivíduo-no-mundo foi deixada de escanteio. É óbvio que a trajetória de Bastos e de seus amigos é uma caricatura, mas ela é de grande utilidade para ilustrar os caminhos percorridos pela sociedade brasileira desde o fim do regime militar. Vinte e um anos depois do fim da Ditadura, ficou claro que a redemocratização não foi capaz de promover uma efetiva expansão da cidadania política. Especialmente a partir da década de 1990, momento no qual o individualismo qualitativo recrudescerá sobremaneira.

2 – Hedonismo e Consumismo:

Em seu *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*, Colin Campbell nos lembra que a Revolução Industrial foi acompanhada por uma Revolução do Consumo. A primeira vista, a afirmação parece óbvia, já que uma expansão da produção forçosamente provocaria uma expansão do consumo de igual proporção. Mas a explicação não é tão simples. A Revolução do Consumo no século XVIII não foi gerada pelo advento da produção industrial. Campbell localiza sua origem numa “nova propensão para o consumo” proveniente “de mudanças em valores e atitudes, estando de algum modo relacionada a inovações tais como a ascensão da moda moderna, o amor romântico e o romance” (Campbell, 2001: 283).

No entanto, o autor demonstra que historiadores, sociólogos e economistas não foram capazes de explicar essa revolução satisfatoriamente e que essa incapacidade provém da falta de uma teoria adequada para dar conta do consumismo moderno. Como explicar a inesgotável criação de necessidades que tanto caracteriza o consumismo moderno? “A solução adotada [pelo autor] foi voltar-se para um modelo hedonista da ação humana e, evitando o hábito enganador de tratar essa palavra como sinônimo de utilidade, focalizar esse aspecto da conduta humana em que o prazer e não a satisfação é o objetivo” (Campbell, 2001: 284).

Desta forma, Campbell pôde diferenciar o hedonismo moderno do tradicional. Enquanto este último se concentra na obtenção/repetição de prazeres sensoriais, o hedonismo moderno se baseia em prazeres idealizados “como uma qualidade potencial de toda experiência”. Todavia,

com o intuito de extrair prazer da vida, o hedonista deve substituir realidades por ilusões e, por meio de suas emoções, manipular estímulos ilusivos para criar seu próprio ambiente aprazível.

Assim sendo, como os interesses individuais concentram-se nas idealizações construídas em torno de um determinado produto, a novidade passa a ser uma necessidade constante. Além disso, como o prazer da idealização rivaliza com o prazer do consumo em si mesmo, “a desilusão é necessariamente concomitante à compra e ao uso dos bens” (Campbell, 2001: 284). Cria-se, portanto, um ciclo interminável onde idealizações sobre determinada novidade forjam expectativas de compra, que informam aquisições de bens, que geram desilusões e novos anseios precariamente atendidos por outras novidades passíveis de idealização.

Mas o fato de que a Revolução do Consumo se caracterizou pela aquisição de bens de luxo por parte das classes médias inglesas nos apresenta um paradoxo. Se estas classes eram fervorosas seguidoras do puritanismo ascético, como elas poderiam ser responsáveis por uma Revolução do Consumo de base hedonista?

Campbell começa a resolver esse enigma nos lembrando de que a análise de Max Weber acerca da ética protestante não abordou as transformações ocorridas no protestantismo ao longo do século XVIII. Depois de examinar a reação arminiana ao puritanismo, os argumentos dos teólogos platonistas da Universidade de Cambridge e a teodicéia de Leibniz, Campbell demonstra a existência de uma nova ética religiosa: a da benevolência.

Na ética da benevolência houve uma estreita ligação entre virtude e sentimentalismo. Uma profunda sensibilidade caritativa começou a ser vista como sinal de salvação. Esta ética, com o declínio das crenças escatológicas, começou a se converter em sentimentalismo puro e simples, através de um deslocamento do significado espiritual da sensibilidade para os prazeres que a mesma acarreta.

O autor também nos chama a atenção de que a idéia de que o hedonismo moderno é filho do hedonismo aristocrático está equivocada. Seu argumento é o de que a ética e o hedonismo aristocrático são de natureza tradicional. O que significa dizer que o estoicismo demonstrativo de virilidade – impermeável às manifestações de emotividade –, e as normas “amaneiradas” e “voltadas para fora” de etiqueta são valores aristocráticos que **não influenciaram o moderno hedonismo introspectivo**.

A única influência aristocrática sobre o hedonismo e o consumismo modernos foi a posse de padrões estéticos. Para Campbell, a burguesia aspirante, ao desenvolver sua estética própria,

concluiu o processo de mudança que seu modelo ético sofria desde o século XVIII. Processo concluído com o advento do romantismo, onde se operou a transição da teodicéia da benevolência para a teodicéia da criatividade.

Nessa nova teodicéia, o artista prova seu “gênio” obtendo e garantindo prazer aos outros. São dois lados da mesma moeda. Por um lado, em nome da arte e do prazer, o artista abdica do conforto e mergulha no exílio interior da boemia. O cálculo racional, que priorizaria o bem-estar material, é deixado de lado em prol da opção “irracional” dos prazeres e percalços econômicos da vida boêmia. Por outro lado, sua missão é transformar o mundo através da arte, mas isso só poderá ocorrer se ele for capaz de criar “produtos culturais que redundem em prazer para os outros” (Campbell, 2001: 287).

Com o romantismo, então, o prazer se converte naquele “grande princípio elementar da vida” ou, em outras palavras, no meio primordial de se alcançar a verdade. Mas não um prazer qualquer. O prazer aristocrático, sensorial, repetido e monótono não é o objeto de busca do hedonista moderno, e sim o prazer imaginativo, auto-ilusivo, emocional e sentimental dos poetas.

Mas a tese de Campbell não é apenas a de que o romantismo influenciou decisivamente o consumismo moderno:

“... também é sustentado que o romantismo, mais ou menos nos dois séculos (...) [seguintes], continuou a operarno sentido de suplantar as forças do tradicionalismo e proporcionar um impulso renovado à dinâmica do consumismo. Esse fato geral se pode observar na íntima associação, tanto no tempo como no espaço, do romantismo – especialmente na sua forma social do boemismo – com um surto dinâmico do consumismo cultural. Paris, por exemplo, tanto é o lar espiritual do boemismo como a histórica capital mundial da moda, enquanto a Califórnia, considerada há muito o lugar das mais avançadas experiências do consumismo, foi o centro dos movimentos boêmios tanto *beat* como *hippie*, das décadas de 1950 e 60. De fato, tomando um mais longo espaço de tempo no relato, é possível discernir uma estreita correspondência entre as explosões do boemismo e os períodos de arrancada criativa do consumidor. Além de sua associação inicial no início do século XX, podem-se observar tais conexões nas décadas de 1890, de 1920 e de 1960, os ‘travessos noventa’, a ‘era do *jazz*’ e os ‘badalativos sessenta’, todas revelando essencialmente os mesmos aspectos característicos. Cada um desses períodos testemunhou uma ‘revolução moral’, em que ‘um novo espírito de prazer’ surgia para desafiar o que era identificado

com um restritivo ‘puritanismo’, um espírito mais patente entre os jovens instruídos, que procuraram prazer e auto-expressão por meio do álcool, das drogas, do sexo e da arte, enquanto um intenso idealismo moral andava de mãos dadas com um irrestrito comercialismo” (Campbell, 2001: 288-289).

Mas, da mesma forma que o individualismo qualitativo não substituiu o individualismo quantitativo, a ética romântica não suplantou a ética protestante. Na verdade, entre ambas existe uma delicada combinação entre tensão e simbiose. Ambas, apesar das diferenças e divergências, combinaram-se na formação da atual sociedade capitalista. De certa forma, a alma moderna é, ao mesmo tempo, protestante e “quantitativamente” individualista, por um lado; romântica e “qualitativamente” individualista”, por outro.⁵⁰

II) A noção de “egocentrismo” em Narcóticos Anônimos:

A noção de “egocentrismo” é uma representação que desempenha importante papel na programação de doze passos. Ela é bastante influenciada por certas concepções do pensamento médico e psicológico acerca do consumo considerado abusivo de drogas. Estudos sobre o comportamento aditivo têm tentado demonstrar que, dependendo do tipo de droga de escolha, as atividades de busca da droga tornam-se dominantes na vida do adito, fazendo com que ele empregue suas maiores energias e a maior parte de seu tempo em criar estratégias de acesso à droga (segundo Grund, isto seria particularmente verdadeiro no caso de drogas ilegais). Com isso, as relações inter-pessoais seriam relegadas a um plano secundário (Milby, 1988). Isto geraria um efeito retroativo onde busca de drogas favoreceria comportamentos considerados individualistas e a solidão provocada contribuiria para nova busca de drogas.

Esta visão médica é reproduzida pela “literatura de recuperação”. No *Texto Básico* do NA, por exemplo, são inúmeras as passagens em que a noção de “egocentrismo” é associada a busca obsessiva de droga. Nas reuniões abertas que presenciei, as referências a comportamentos considerados “egocêntricos” também foram uma constante:

“Na época da ativa, não contava com ninguém... nem com o pessoal da ativa. Sempre tinha um que ‘vacilava’ comigo”! (Tommy, 37 anos, cabelereiro, em reunião aberta).

⁵⁰ Campbell demonstra a complementaridade dos modelos éticos protestante e romântico ao analisar o papel desempenhado por estes na moderna educação familiar.

Courtney, 26 anos, estudante, vai mais além afirmando a existência de uma espécie de “encontro de egoístas”:

“Cada um se ajudava. [Courtney se refere aos seus amigos da época em que usava drogas ilegais.] Mas, cada um se ajudava porque sabia que podia precisar de ajuda depois. Aquilo ali não era amizade, não. Era um bando de egoístas que andava junto. Se tivesse que zoar alguém; zoava mesmo. Se alguém tivesse que me zoar; zoava também. (...) [fulana], por exemplo. Não era minha melhor amiga? Não quis nem saber; traí [com seu namorado]. Aquilo ali era a doença da adicção. Era o egocentrismo. Mas tudo isso aí é que nem uma estrada. Lá no começo, todo mundo é companheiro, é irmão. Depois, é meio que cada um por si. Quanto mais se aprofunda a doença, mais rola a s(...) [traição]. Então, tudo depende da insanidade. Quando alguém precisa de ajuda... beleza. Depois, se cobra o preço” (Courtney, 26 anos, estudante).

Estudos antropológicos, no entanto, têm constatado diferentes tipos de sociabilidade no consumo de drogas em sociedades complexas. Em seu *Um abraço para todos os amigos*, Anônio Rafael Barbosa afirma, por exemplo, que, mesmo sendo comum o consumo individual de cocaína no Rio de Janeiro, “é sintomático que a iniciação no seu uso seja, quase sempre, por intermédio de um grupo” (Barbosa, 1998: 42).

Em sua tese de doutorado, o professor Gilberto Velho igualmente constata um uso “coletivo” de drogas. Mais do que isso, seu trabalho demonstrou que as drogas podem se tornar um importante elemento de socialização e, em alguns momentos, de diferenciação de estilos de vida e, portanto, de hierarquização social (Velho, 1998).

Isto significa que, ao associar “adicção ativa” a egocentrismo, o membro do NA mobiliza o objeto-drogadição a favor dos pressupostos do programa terapêutico. Ao substituir o objeto pela representação, ocorre um ajuste da vida a um guia prático que o leva a lutar contra o que considera comportamentos “egocêntricos”.

Como vimos porém, é um equívoco referir-se a individualismo. Não deve ser diferente com o termo “egocentrismo”. Está claro, portanto, que o conceito de “egocentrismo” e o convite proposto pelo NA no sentido de abandoná-lo revelam uma característica fundamental dos doze passos: a tensão entre individualismo quantitativo e individualismo qualitativo. Um exemplo desta tensão pode ser encontrado no 12ºPasso do NA:

“Tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procurámos transmitir esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas actividades” (*Isto Resulta – Como e Porquê*, p. 114).

Sem sombra de dúvidas, este passo demonstra uma substancial influência protestante. Seu espírito “baseia-se no princípio do serviço abnegado”.⁵¹

Isto fica bastante claro quando analisamos a questão da **partilha** em NA. Nas partilhas, os membros expõem seus medos, suas esperanças, suas angústias, suas vitórias pessoais e, o que é mais importante de tudo, sua experiência pessoal de “adicção ativa” e “passiva”. Em outras palavras, durante o tempo que tem para falar nas reuniões do grupo, o membro expõe suas experiências pessoais na época em que ainda usava, o seu “fundo do poço”, a sua forma pessoal de interpretar os doze passos, as suas auto-críticas, as dificuldades inerentes ao processo de recuperação e seu modo particular de lidar com elas. Na partilha, por conseguinte, uma certa tecnologia de recuperação é abnegadamente repartida.

A importância desta socialização pode ser exemplificada pelo compartilhamento do “fundo do poço”. Luiz Ferri de Barros, num estudo sobre Alcoólicos Anônimos, analisa a dinâmica existente entre “antigos” e “novatos” em grupos de auto-ajuda. Os “antigos” são respeitados pela experiência acumulada. Eles são portadores de uma tecnologia cuja sofisticação é obra do tempo. Já o “novato”:

“... é um elemento de memória para todos os presentes. Quem chega pela primeira vez numa sala de recuperação, normalmente apresenta-se (...) desorientado, cheio de problemas, muitas vezes embriagado. A pessoa que vai procurar o grupo está no auge de seu alcoolismo. O contraste entre seu estado e o estado dos que estão em abstinência, em recuperação, reforça (...) a determinação de continuar sem beber entre os membros do grupo” (Barros, 1997).

O grupo de NA, portanto, é um lugar de memória do “fundo do poço”, da tecnologia de recuperação desenvolvida a partir dos doze passos e do próprio grupo em si mesmo. Um lugar de memória que aposta na profunda imbricação entre trajetória pessoal e coletividade. Isto significa que o NA é *locus* de individualismo quantitativo. Em Narcóticos Anônimos, indivíduos

⁵¹ *Isto Resulta – Como e Porquê*, p. 118.

procuram soluções para problemas vistos como individuais – a “perda de identidade”, a “adição ativa”, o “descontrole” o “egocentrismo”, etc. Mas, para tornar essas soluções possíveis é importante contribuir com seu quinhão pessoal de participação “cidadã”:

“Sim, estamos atraindo novos membros. Mais e mais adictos estão encontrando Narcóticos Anônimos. Mas como estamos tratando nossos mais novos membros, quando eles chegam exaustos de suas lutas com a adicção? Entramos em contato com os recém-chegados que estão sozinhos em nossas reuniões, confusos e inseguros? Estamos dispostos a dar-lhes uma carona para as reuniões? Damos atenção ao adicto que ainda sofre? Damos o número de nossos telefones? Estamos dispostos a atender um chamado (...), mesmo que isto signifique levantar de nossas camas confortáveis no meio da noite? Trabalharíamos com alguém que tem uma orientação sexual diferente ou é de outra cultura? Somos generosos para doar o nosso tempo?” (*Só Por Hoje*, p. 96.)⁵²

Questionamentos, como os presentes em *Só Por Hoje*, apontam para que individualismo é valorizado no NA. Na verdade, em Narcóticos Anônimos, o individualismo puritano, ascético e ativista, mais do que valorizado, é concebido como meio de “recuperação”. Por outro lado, o individualismo romântico, hedonista e introspectivo é rotulado como “egocêntrico” e visto como obstáculo para a “recuperação”.

III) Ascetismo numa sociedade hedonista / consumista:

Uma noção muito cara aos grupos de Narcóticos Anônimos é a idéia de que pensamento e comportamento andam de mãos sempre dadas. Logo, o deslocamento de trajetória, como vimos, deve implicar numa conversão estrutural de vida, ou seja, em transformações que abarquem cosmovisões e práticas concretas:

“Como a nossa doença envolve muito mais factores do que apenas o óbvio uso de drogas, a recuperação implica também algo mais do que (...) abstinência de drogas. **A solução para o nosso problema é constituída por uma profunda mudança na nossa maneira de**

⁵² Durante a pesquisa, presenciei o ingresso de três novos membros do NA. Em todas as ocasiões, os membros que já freqüentavam há mais tempo a “irmandade” fizeram questão de receber da melhor forma possível o “novato”. Dirigiram-lhes palavras de incentivo, deram-lhes seus telefones e tapinhas nas costas.

pensar e no nosso comportamento. Precisamos de mudar a forma como vemos o mundo, o papel que nele desempenhamos, e as nossas atitudes” (*Isto Resulta – Como e Porquê*, p. 37s; g. m.).

Como vimos no capítulo anterior, ao incorporar, a seu repertório de representações, estigmas como os que estabelecem equivalências entre “adição” e “doença”, o NA propõe um caminho bastante concreto de deslocamento de trajetória ou de “libertação” (“recuperação”). Nessa proposta de “libertação”/“recuperação”, Narcóticos Anônimos bebem da fonte do protestantismo ascético. Assim sendo, rejeitam certos valores da sociedade contemporânea construídos a partir da ética romântica.

Ernest Gellner desenvolveu uma interessante metáfora sobre o “homem modular”. O homem modular comporta-se como o móvel modular que é montado e remontado, agrupado e reagrupado, inúmeras vezes. Isto significa dizer que o móvel modular não exige do comprador o compromisso estético característico da mobília tradicional. Enquanto as mudanças de configuração na mobília clássica custam caro, a mobília modular caracteriza-se pela fluidez, pela flexibilidade e pela falta de compromisso (Gellner, 1996: 88-89). O homem modular, por sua vez, é igualmente fluido. Ele, além de não se prender a compromissos estáveis – já que estes demandam esforço, vontade – tem por hábito viver de acordo com o constante ir e vir dos sentimentos, com a modularidade das emoções. Característica, aliás, herdada de nossos genes românticos. Já em Narcóticos Anônimos, a herança genética calvinista é notória:

“Aprendemos a **experimentar sentimentos** e compreendemos que **não nos podem prejudicar, se não agimos em função deles”** (*Para o recém chegado*, g. m.).

No NA o deslocamento de trajetória é concebido como um “ir além dos sentimentos e do desejo”. É por isso que para um membro do NA é inconcebível a existência de “homens de duas peças”:

“Eu tento levar a vida da forma mais coerente possível. Eu não posso ser um cara legal aqui no grupo e em casa não prestar pra nada. Do mesmo jeito, se eu tenho o compromisso de chegar aqui nas reuniões na hora, não posso atrasar quando marco de sair com meus amigos. Eu tento aplicar o programa em todos os aspectos da minha

vida. Eu não sou de duas peças, eu sou de peça única. É claro que, às vezes, eu não consigo. Sabe, de vez em quando bate aquela preguiça, né? Mas vou tentando” (Richard, em reunião aberta).

Essa luta ascética por contra confortáveis modularidades, típica do calvinismo em seu esforço buscar coerência através do metódico controle de todos os aspectos da vida, é a mesma de Jennifer:

“A recuperação exige coerência. Se eu me dedico ao grupo, tento me dedicar à galera. Se tento ser honesta comigo mesma, devo ser honesta com os outros” (Jennifer, em reunião aberta).

As lutas de Richard e Jennifer por viver coerentemente, superando seus eventuais sentimentos bons ou ruins, expressam tensões existentes entre a ética protestante e a ética romântica. Enquanto na sociedade contemporânea somos convidados a permanentemente nos sentirmos bem; a espiritualidade ascética do NA propõe este algo bem diverso: “ir além do desejo”. Numa sociedade de consumo como a nossa, somos compelidos a consumir e a nos divertir. Em Narcóticos Anônimos, é a estabilidade da vontade que é valorizada. Ao invés da modularidade; coerência de vida.

No entanto, é mister observar que este quadro não é, de forma alguma, simples. Mark Renton, personagem de Ewan McGregor no filme *Trainspotting*, de Danny Boyle, nos fornece uma fantástica amostra desta complexidade:

“Escolha vida. Escolha um emprego. Escolha uma carreira. Escolha uma família. Escolha uma p[...] de uma televisão grande, escolha máquinas de lavar, carros, *CD player* e abridores de lata elétricos. Escolha boa saúde, colesterol baixo e seguro dentário. Escolha prestações fixas para pagar. Escolha sua primeira casa. Escolha seus amigos. Escolha roupas para o lazer com bagagem combinando. Escolha um terno de alfaiate em vez das p[...] dos fabricados. Escolha masturbar-se num domingo de manhã pensando em que p[...] você é. Escolha sentar-se naquele sofá e assistir programas de auditório idiotizantes que esmagam o espírito, enfiando porcarias goela adentro. Escolha apodrecer no fim de tudo, (...) [gastar] seu resto numa casa miserável, envergonhando os pirralhos egoístas que você gerou e vão te substituir. Escolha seu futuro. Escolha vida... Mas porque eu iria fazer uma coisa dessas?

Eu escolhi não escolher a vida. Eu escolhi outra coisa. E as razões? Não há razões! Quem precisa de razão quando você tem heroína?” (Boyle, 1996.)

Seu desprezo pela sociedade de consumo demonstra que a rejeição ao consumismo da sociedade de consumo está longe de ser uma exclusividade dos membros do NA. Aliás, estudos sobre movimentos culturais, que apostaram no consumo de drogas como elemento de crítica social, revelam que tais movimentos mantiveram posições ambíguas em relação ao consumismo inerente à sociedade burguesa (refiro-me aos estudos já citados sobre *hippies* e *punks*).⁵³

Em seu estudo sobre o espírito do consumismo moderno, Colin Campbell nos lembra que muitos autores românticos nutriam profunda aversão ao consumismo. O autor defende a posição de que é demonstrativo da **ironia da ação social** o fato de que o consumismo moderno deitou raízes na ética romântica. Trata-se quase que de um tiro pela culatra: em nenhum momento passou pela cabeça dos românticos do século XIX a possibilidade de que suas concepções estéticas e seus estilos boêmios de vida influenciariam decisivamente a construção do espírito consumista de nossa era.

Algo semelhante aconteceu na década de 1960. É o que pensa Eric Hobsbawm ao afirmar que a luta de boa parte da geração dos anos 60 não se deu “em nome de outro padrão de ordenação da sociedade, (...) mas em nome da ilimitada autonomia do desejo humano. (...) Paradoxalmente, os que se rebelavam contra as convenções e restrições partilhavam as crenças sobre as quais se erguia a sociedade de consumo de massa...” (Hobsbawm, 1995: 327).

É razoável supor, portanto, que a rejeição dos membros do NA aos valores consumistas da sociedade contemporânea tenha uma dupla matriz: de um lado, tensões residuais entre ética protestante e ética romântica, entre individualismos quantitativos e qualitativos e, de outro, visões de mundo, igualmente residuais, ligadas à época de “adicação ativa”. Novamente, Erving Goffman nos ajuda a esclarecer esta questão ao afirmar que, muitas vezes, o indivíduo estigmatizado é estimulado a

“... tornar-se um crítico da cena social, um observador das relações humanas. Ele pode ser levado a colocar entre parênteses um conjunto de interações sociais casuais para examinar o que elas contém em matéria em matéria de temas gerais. Ele pode tornar-se ‘consciente da situação’ enquanto os normais presentes estão espontaneamente envolvidos na situação...” (Goffman, 1988: 122).

⁵³ Ver página 36, nota nº21.

Esta pretensa capacidade de interpretar alternativamente as relações sociais é algo com o qual muitos membros do NA se orgulham. Mark, por exemplo, gostava de dizer que os “adictos” têm uma perspicácia sobre os acontecimentos do mundo sem paralelo. É óbvio, que esta é uma construção, muito ligada ao próprio estigma que marca o universo das drogas, como nos ensina Goffman. Mas esta construção justifica o ar de orgulho com o qual muitos membros do NA afirmaram, durante a pesquisa, ter “largado as drogas”, ter “abandonado algumas convicções insanas”, mas não ter perdido a capacidade que tinham de “criticar o que estava errado”. Algo revelador de algumas obviedades. A primeira delas é que, por mais que o estigma que cerca o universo das drogas seja poderoso e eficaz, ele não é totalitário. A segunda é que a aceitação tanto do estigma enquanto elemento estruturante da identidade pessoal, quanto do sistema de classificação proposto pelo NA, não se faz sem reservas:

“A sociedade é filha da p(...)! Antes somos um bando de marginais, agora ‘eles’ querem que a gente consuma tudo o que ‘eles’ mandam. Outro dia eu tava com quinhentos reais na carteira. Fruto do meu trabalho! Podia comprar um monte de coisa. Mas eu pensei: ‘Pra quê? Eu não preciso de tudo isso. Esta não é minha realidade. Pô, eu não saí da insanidade da droga pra entrar na insanidade da sociedade!’ Fui até o banco e depusitei a grana” (Jimmy, 45 anos, professor).

Mas a terceira é a mais importante: a crítica ao espírito do consumismo moderno, ao hedonismo contemporâneo, ao individualismo qualitativo, à desmobilização pós-moderna pode ser formulada também com base **em elementos da trajetória de vida anterior ao ingresso no NA**. Portanto, Mark Renton, em todo seu desprezo à sociedade de consumo, mostra que, na mecânica newtoniana das acusações de desvio e dos estigmas sociais, toda ação gera reação, ainda que não de mesma proporção.

Conclusão

Erving Goffman nos lembra que:

“O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do *desacreditado*, no segundo com a do *desacreditável*. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações” (Goffman, 1988: 14).

Efetivamente, o anonimato dos grupos de NA contribui para a manutenção do *status* de **desacreditável**, tão importante para pessoas que tiveram suas trajetórias marcadas por estigmas diversos. Além disso, o convívio com pessoas que passaram por experiências semelhantes de estigmatização é um mecanismo primordial para a auto-estima do membro de NA:

“Sabendo por experiência própria o que se sente quando se tem este estigma em particular, algumas (...) [pessoas] podem instruí-lo quanto aos artifícios da relação [social] e fornecer-lhe um círculo de lamentação no qual ele possa refugiar-se em busca de apoio moral e do conforto de sentir-se em sua casa, em seu ambiente, aceito como uma criatura que realmente é igual a qualquer outra normal” (Goffman, 1988: 29).

No entanto, algumas observações sobre Narcóticos Anônimos não podem ser evitadas. A primeira delas, como foi exposto no capítulo I da presente dissertação, é que essa entidade tem como origem o AA que, por sua vez, deita profundas raízes nos movimentos de temperança do século XIX e da primeira metade do século XX. Isto significa que o programa de doze passos do NA foi profundamente influenciado pelo cruzadismo/empreendedorismo moral que tanto ajudou para a deterioração da identidade pessoal de cada membro da entidade. Em outras palavras, a reconstrução da identidade deteriorada é feita pela admissão do estigma, pela introjeção da acusação de desvio.

Isto fica bastante nítido quando consideramos o conceito basilar de toda a programação terapêutica do NA. A “adição” é a noção que melhor demonstra que a reconstrução da identidade se dá através da aceitação do estigma conferido pela sociedade. Ao se perceber como “adicto”, como um “desviado”, como uma pessoa incompleta e “estragada” (nas palavras de

Goffman), o membro do NA começa a se sentir “liberto” do estigma – um paradoxo do maior interesse para nós historiadores e cientistas sociais.

É importante notar, porém, que esse esforço por enquadrar-se não deve ser julgado fria e apressadamente. Como nos lembra Goffman, o que existe de mais estratégico na vida de alguém sob o signo do estigma é a **aceitação**, a **auto-imagem**, a (re)construção da identidade social real. Para tanto, os meios acabam tendo um valor absolutamente secundário em vista dos fins.

Nesse intento, é estratégico pontuar a auto-biografia pela noção de “fundo do poço”. Este se converte no primeiro divisor de águas que confere sentido à trajetória de vida de cada membro do NA. É aquele momento em que subjetivamente o estigma foi percebido e sentido como poderoso em demasia. Foi o momento, portanto, em que todas as fichas foram apostadas na mudança de rota; em que todas as esperanças foram colocadas no deslocamento de trajetória.

Daí ocorre o **verdadeiro divisor de águas**: o ingresso no NA que, em última análise, significa aceitar o estigma, aceitar um sistema de classificação socialmente imposto. Não basta, porém, aceitar. Para construir uma nova identidade é necessário destruir a anterior, mesmo que isso implique em olhar para o passado e não se reconhecer; manipular a própria história de vida e mostrar perplexidade “por não saber mais o que era”. A destruição, no entanto, não restringe-se apenas à memória, mas também a ambientes, pessoas e hábitos. Lugares valorizados pela memória afetiva, velhas amizades, gostos cultivados com carinho; tudo isso é abandonado em prol do deslocamento de trajetória.

E nessa mudança radical de cosmovisão e de comportamento, o vácuo criado é preenchido prontamente por um “Poder Superior”. Introduce-se, nesse momento, o membro do NA naquilo que talvez seja uma grande novidade para ele, mas que é muito bem conhecido pela sociedade capitalista: a ética protestante.

A partir desse momento, o deslocamento de trajetória é guiado por um metódico controle de vida que proporcione o instrumental ascético necessário à sobrevivência numa sociedade onde a ética do trabalho está cada vez mais revigorada. A pregação puritana, de que o trabalho profissional constitui o caminho por excelência ao céu, mostra toda sua força nas representações de “adição passiva” formuladas pelo NA. O trabalho leva ao céu e, de quebra, livra o homem do “flagelo da adição”, é o que a “literatura de recuperação” e o depoimento dos membros do NA deixam transparecer.

É digno de nota que um discurso como esse é quase uma benção para os ouvidos de empresários e consultores empresariais que, no atual contexto de desmobilização política, não se cansam de afirmar que agora é hora de investir no capital intelectual, em detrimento desta coisa “anacrônica” chamada sindicato – a privatização das tarefas modernizantes e emancipatórias, nos termos de Zygmunt Bauman.

Portanto, está bastante claro que, num certo sentido, existem profundas convergências entre as representações sociais formuladas no interior de Narcóticos Anônimos e a revigorada ética do trabalho que impera em nossos dias.

Mas o NA não reproduz apenas estigmas sociais relacionados ao consumo de drogas e os parâmetros ascéticos do protestantismo calvinista. **Narcóticos Anônimos constituem um fenômeno de complexidade maior do que simplesmente isso, posto que manifesta as ambigüidades existentes entre as bases espirituais da sociedade capitalista e seus respectivos tipos de individualismo.**

A representação de “egocentrismo” presente no NA, por exemplo, constitui uma severa rejeição aos valores éticos românticos que formaram o hedonismo e consumismo modernos. Ao hedonismo e ao consumismo, as representações sociais formuladas no interior de Narcóticos Anônimos contrapõem uma ascese de corte metodista. Ao individualismo qualitativo do romantismo, o NA responde com uma valorização do individualismo quantitativo do *Leviatã*, da Revolução Francesa e do liberalismo econômico.

Concretamente, o NA faz isso através da valorização de uma ascese de caráter metodista, como vimos, mas também por meio de um senso de comunidade. Senso este, um tanto incomum numa época como a que vivenciamos atualmente, caracterizada por um considerável crescimento de “multidões reciprocamente indiferentes”. Marc Augé interpreta o esvaziamento pós-moderno da dimensão comunitária da vida social como sendo um processo em que **lugares antropológicos** se convertem em verdadeiros **não-lugares**. Para o autor, o lugar antropológico é **identitário, relacional e histórico**. Em outras palavras, é “constitutivo da identidade individual”, relacional (pois, seguindo Michel de Certeau, no lugar são definidas as posições dos indivíduos em suas relações de coexistência) e histórico (o lugar antropológico é um “lugar de memória” coletiva e identitária) (Augé, 1994: 52-53).

Narcóticos Anônimos constituem um exemplo de lugar antropológico. Uma sala de NA é ao mesmo tempo identitária, relacional e histórica. Nela é possível reconstruir tanto a identidade

pessoal (ainda que através de uma manipulação biográfica que incorpore estigmas responsáveis pela deterioração da identidade anterior ao ingresso na entidade), quanto grupal (“adictos em recuperação”). Neste espaço também é possível definir posições individuais em relações de coexistência (“recém ingressado”, “veterano”, “padrinho de NA”, etc.).

Deve-se frisar novamente, todavia, que o NA constitui um “lugar antropológico” que, de certa forma, tem seu potencial amputado pela constante incorporação de estigmas sociais e de práticas ascéticas que impossibilitam a criação de um modelo mais humano de atendimento à drogadição. Um modelo capaz de aproveitar leituras críticas de mundo formuladas ainda na época da chamada “adicação ativa”. Um modelo capaz de formar pessoas autônomas e criativas, que conseguem buscar a felicidade pessoal em caminhos alternativos ao estigma admitido, ao controle metódico de vida, ao sorriso quase *botox* e teleguiado.

Repetindo o que já foi afirmado na introdução deste trabalho, a problemática das drogas, nas suas mais diversas dimensões, em especial no que tange à drogadição, traz consigo valiosas lições acerca da estrutura e dos infortúnios da sociedade capitalista (Bucher, 1996: 46). Portanto, estudá-la é, em última análise, empreender uma acurada análise da sociedade capitalista que nos garanta subsídios para a mudança social. Para Marcel Hicter, membro do Ministério da Educação da Bélgica, “um problema como este (o das drogas) (...), não pode ser resolvido a não ser que se adote uma nova política que abranja inteiramente essa sociedade, desde sua organização e seus objetivos até sua escala de valores”. Hicter se refere a uma mudança de caráter geral que crie uma “sociedade baseada na realização plena do homem e não na produção e no consumo de coisas”. Nem que isso represente “enfrentar a corrente das forças objetivas e tentar mudar, através da vontade humana, o que alguns pretendem apresentar como o curso da história”.⁵⁴ A análise do NA e de suas representações sociais parece confirmar as palavras de Marcel Hicter, na medida em que demonstra as limitações de uma tecnologia terapêutica que expressa estigmas sociais, acusações de desvio, violências simbólicas e conflitos entre as bases éticas que forjaram o espírito dos individualismos contemporâneos.

⁵⁴ Texto sem nenhuma referência bibliográfica citado por Kalina **et alii**. *Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999, p. 19.

Anexos

Anexo I

PASSOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

- 1 – Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
- 2 – Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
- 3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
- 4 – Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5 – Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
- 6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7 – Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
- 8 – Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
- 9 – Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.
- 10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
- 11 – Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
- 12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Anexo II

TRADIÇÕES DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

- 1 – Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de AA.
- 2 – Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum – um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.
- 3 – Para ser membro de AA, o único requisito é o desejo de parar de beber.
- 4 – Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a AA em seu conjunto.
- 5 – Cada Grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
- 6 – Nenhum Grupo de AA deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de AA a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial.
- 7 – Todos os Grupos de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
- 8 – Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
- 9 – AA jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
- 10 – Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, AA jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
- 11 – Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
- 12 – O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

Anexo III

PASSOS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

- 1 – Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
- 2 – Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
- 3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, *da maneira como nós O compreendíamos*.
- 4 – Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5 – Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
- 6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7 – Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
- 8 – Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.
- 9 – Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
- 10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
- 11 – Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, *da maneira como nós O compreendíamos*, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.
- 12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Anexo IV

TRADIÇÕES DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

- 1 – O nosso bem estar comum deve vir em primeiro lugar, à recuperação individual depende da unidade de NA.
- 2 – Para nosso propósito comum existe uma única autoridade: um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.
- 3 – O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.
- 4 – Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.
- 5 – Cada grupo tem apenas um propósito primordial que é levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.
- 6 – Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio nos desviem de nosso propósito primordial.
- 7 – Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora.
- 8 – Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.
- 9 – NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros de serviço ou comitês diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.
- 10 – Narcóticos Anônimos não tem opiniões sobre questões alheias; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.
- 11 – Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádios e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.
- 12 – O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidade.

Anexo V

PERGUNTAS DO FOLHETO *SOU UM ADICTO?*

1. Alguma vez você já usou drogas sozinho?
2. Alguma vez você substituiu uma droga por outra, pensando que uma em particular era o problema?
3. Alguma vez você manipulou ou mentiu ao médico para obter drogas que necessitam de receita?
4. Você já roubou drogas ou roubou para conseguir drogas?
5. Você usa regularmente uma droga quando acorda ou quando vai dormir?
6. Você já usou uma droga para rebater os efeitos de outra?
7. Você evita pessoas ou lugares que não aprovam o seu consumo de drogas?
8. Você já usou uma droga sem saber o que era ou quais eram seus efeitos?
9. Alguma vez o seu desempenho no trabalho ou na escola foi prejudicado pelo seu consumo de drogas?
10. Alguma vez você foi preso em consequência do seu uso de drogas?
11. Alguma vez você mentiu sobre o quê ou quanto você usava?
12. Você coloca a compra de drogas à frente de suas responsabilidades?
13. Você já tentou parar ou controlar seu uso de drogas?
14. Você já esteve na prisão, hospital ou centro de reabilitação devido a seu uso?
15. O uso de drogas interfere em seu sono ou alimentação?
16. A idéia de ficar sem drogas o assusta?
17. Você acha impossível viver sem drogas?
18. Em algum momento você questionou sua sanidade?
19. O consumo de drogas está tornando sua vida infeliz em casa?
20. Você já pensou que não conseguiria se adequar ou se divertir sem drogas?
21. Você já se sentiu na defensiva, culpado ou envergonhado por seu uso de drogas?
22. Você pensa muito em drogas?
23. Você já teve medos irracionais ou indefiníveis?
24. O uso de drogas afetou seus relacionamentos sexuais?

25. Você já tomou drogas que não eram de sua preferência?
26. Alguma vez você usou drogas devido a dor emocional ou “stress”?
27. Você já teve uma “overdose”?
28. Você continua usando, apesar das conseqüências negativas?
29. Você pensa que talvez possa ter problemas com drogas?

Bibliografia

Fontes Primárias

- CARDOSO, Ricardo Muniz M. (2005). **Caderno de Pesquisa de Campo** (manuscrito).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (s/d). “Manual de Longo Alcance” (arquivo .DOC recebido por e-mail).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1990). **Livreto Branco**. Van Nuys, World Service Office.
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1991). **Sou um adicto?** Van Nuys, World Service Office (IP N°7-BR).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1993a). **Livreto do Grupo**. Van Nuys, World Service Office.
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1993b). **Para o recém-chegado**. Van Nuys, World Service Office (IP N°16-BR).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1993c). **Texto Básico**. Chatsworth, NAWS, Inc. (tradução da quinta edição do livro **Narcotics Anonymous**).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1994). **O Quarto Passo em Narcóticos Anônimos**. Van Nuys, World Service Office (IP N°10-PO).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1995). **Manual de Hospitais & Instituições**, fevereiro de 1995 (sem maiores informações bibliográficas).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1996a). **Manual de Procedimentos do CSR Brasil**, outubro de 1996 (sem maiores informações bibliográficas).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1996b). **Quadro de Custódios do Serviço Mundial Boletim n°13**. Disponível no website <http://www.na.org.br> (captura em 30 de setembro de 2003).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1996c). **Quadro de Custódios do Serviço Mundial Boletim n°17**. Disponível no website <http://www.na.org.br> (captura em 30 de setembro de 2003).
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (1998). **Isto Resulta – Como e Porquê**. Chatsworth, NAWS, Inc.
- NARCÓTICOS ANÔNIMOS (2000). **Só Por Hoje: meditações diárias para adictos em recuperação**. Van Nuys, World Service Office.
- RENATA S. (s/d.) “Partilha de Serviço”. *In: Só Por Hoje: Boletim Informativo da Região Brasil de NA*. Porto Alegre, Sub-Comitê de Informação ao Público do CSR Brasil.

Fontes Secundárias

- ARAÚJO, Roberto (2001). “Tráfico de drogas, economías ilícitas y sociedad en la Amazonia Occidental”. *In: Revista Internacional de Ciencias Sociales. Nº169: Narcotráfico: dimensiones económicas y sociales.*
- ARMANDO, Eduardo (2003). **Competitividade Internacional em Têxteis.** São Paulo, Faculdade de Economia, Administração de Contabilidade da USP (dissertação de mestrado).
- AUGÉ, Marc (1994). **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas, Papirus.
- BABOR, Thomas F. (1994). “Controvérsias sociais, científicas e médicas na definição do álcool e das drogas”. *In: EDWARDS, Griffith & LADER, Malcolm. A Natureza da Dependência de Drogas.* Porto Alegre, Artes Médicas, pp. 35-55.
- BARBOSA, Antônio R. (1998) **Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro.** Niterói, EDUFF.
- BARREIRA, José (1999). “Confronto: necessidade de modernização tecnológica e gestão das indústrias de confecção em Londrina”. *In: Geografia.* Londrina, Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, v. 8, nº1, jan./jun. de 1999, pp. 49 – 64.
- BARROS, Luiz Ferri de (1997). “Prudência, memória e *docilitas* na recuperação do alcoolismo”. *In: Mirandum – Estudos e Seminários.* São Paulo, Ano I, Nº2, maio/agosto de 1997. Disponível no website <http://www.hottopos.com> (captura em 25/10/2002).
- BATISTA, Nilo (1985). “A penalização do prazer”. *In: SABINA, Maria (org.). Maconha em debate.* São Paulo, Brasiliense.
- BATISTA, Vera (1997). **Drogas e criminalização da juventude pobre no Rio de Janeiro.** Niterói, UFF.
- BAUMAN, Zygmunt (1997). **Ética pós-moderna.** São Paulo, Paulus.
- _____ (2001). **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BECKER, Howard S. (1997). **Outsiders.** Nova York, Free Press.
- BERRIDGE, Virginia (1994). “Dependência: história dos conceitos e teorias”. *In: EDWARDS, Griffith & LADER, Malcolm. A Natureza da Dependência de Drogas.* Porto Alegre,

Artes Médicas, pp. 13-31.

BIVAR, Antônio (1988). **O que é punk**. São Paulo, Brasiliense.

BOLLON, Patrice (1993). **A moral da máscara: merveillieux, zazous, dandis, punks, etc.** Rio de Janeiro, Rocco.

BOURDIEU, Pierre (2005). “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (coords.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 7ªed; pp. 183-191.

BOURDIEU, Pierre & EAGLETON, Terry (1996). “A *Doxa* e a Vida Cotidiana: uma entrevista”. In: ZIZEK, Slavoj. **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro, Contraponto; pp. 265-278.

BOYLE, Danny (1996). **Trainspotting**. UK.

BUCHER, Richard (1996). **Drogas e sociedade nos tempos da AIDS**. Brasília, Ed. UnB.

_____ (1999). **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre, Artes Médicas.

BUCHER, Richard & COSTA, Priscila F. (1988). “Modelos de atendimento aos usuários de drogas”. In: BUCHER, Richard. **As drogas e a vida**. São Paulo, EPU, pp. 69-80.

BURNS, John E. (1995). **O caminho dos doze passos: o tratamento de dependência de álcool e outras drogas**. São Paulo, Loyola.

CAIAFA, Janice (1985). **Movimento punk na cidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CAMPBELL, Colin (2001). **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Rio de Janeiro, Rocco.

CARDOSO, Ciro F. (2000). “Introdução: uma opinião sobre as Representações Sociais”. In: CARDOSO, C. F. S. & MALERBA, Jurandir (orgs.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, Papirus; pp. 9-39.

CARDOSO, Monica (2001). **Flores e alfinetes: um ensaio analítico dos movimentos hippie e punk através do cinema**. Rio de Janeiro, FACHA.

CARNEIRO, Henrique (2005). **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas**. Rio de Janeiro, Elsevier.

- CARVALHO, Salo de (1997). **A política criminal de drogas no Brasil: do discurso oficial às razões da descriminalização**. Niterói, Luam.
- CORBIN, Alain (1997). “Gritos e cochichos”. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada. Volume 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 563-611.
- CROSS, Charles R. (2002). **Mais pesado que o céu: uma biografia de Kurt Cobain**. São Paulo, Globo.
- DUMONT, Louis (2000). **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro, Rocco.
- DURKHEIM, Émile (1987). **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- ENGELS, Friedrich (1981). **La situación de la clase obrera en Inglaterra**. *In*: **Escritos de Juventud**. México, Fondo de Cultura Económica.
- ESSINGER, Silvio (1999). **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo, 34.
- FURTADO, Jorge (1995). **A Comédia da Vida Privada: Apenas Bons Amigos**. Brasil, Rede Globo de Televisão.
- GAMBARINI, Maria Angélica (1990). “Alcoólicos Anônimos”. *In*: RAMOS, Sérgio de Paula & BERTOLOTE, José Manoel. **Alcoolismo Hoje**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- GARCIA, Ângela Maria (2003). **E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo**. Niterói, UFF (dissertação de mestrado).
- GELLNER, Ernest (1996). **Condições da Liberdade: a sociedade civil e seus rivais**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- GEFFRAY, Christian (2001). “Brasil: el tráfico de drogas en el Estado federado de Rondônia”. *In*: **Revista Internacional de Ciencias Sociales. Nº169: Narcotráfico: dimensiones económicas y sociales**.
- GIDDENS, Anthony (2002). **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, Zahar.
- GOFFMAN, Erving (1988). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara, 4ªed.

- GUIMARÃES, Maria B. P. (2001). **Spiritus contra spiritus. Aspectos rituais e simbólicos dos grupos de Alcoólicos Anônimos (A. A.)**. Juiz de Fora, UFJF (dissertação de mestrado).
- GURFINKEL, Decio (1995). **A pulsão e seu objeto-droga**. Petrópolis, Vozes.
- HERMANN, Kai & RIECK, Horst (2002). **Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída...** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 39ªed.
- HOBSBAWM, Eric (1987). **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____ (1994). **A era das Revoluções: Europa 1789 – 1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____ (1995). **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo, Companhia das Letras.
- KALINA, Eduardo *et alii* (1999). **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- KARAM, Maria Lúcia (2000). “Legislação brasileira sobre drogas: história recente – a criminalização da diferença”. *In*: ACSELRAD, Gilberta (org.). **Avessos do prazer: drogas, AIDS e direitos humanos**. Rio de Janeiro, Fiocruz.
- KOPP, Pierre (1998). **A Economia da Droga**. Bauru, EDUSC.
- LAZO, Donald M. (1989). **Alcoolismo: o que você precisa saber**. São Paulo, Paulinas / REINDAL.
- LEEDS, Elizabeth (1999). “Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local”. *In*: ZALUAR, Alba. & SOUZA, Marcos Alvito (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro, FGV.
- MACHADO, Lia O. (1995). “Movimento de dinheiro e tráfico de drogas na Amazônia”. *In*: RIBEIRO, Mauríades & SEIBEL, Sérgio D. (orgs.). **Drogas: hegemonia do cinismo**. São Paulo, Memorial.
- MacRAE, Edward (2001). “Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos”. *In*: SEIBEL, Sergio D. & TOSCANO JR., Alfredo. **Dependência de drogas**. São Paulo, Atheneu, pp. 25-34.

- MAFFESOLI, Michel (1987). **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas**. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- MASCARENHAS, Eduardo (1990). **Alcoolismo, drogas e grupos de ajuda mútua**. São Paulo, Siciliano.
- MASUR, Jandira (1985). **O que é toxicomania**. São Paulo, Brasiliense.
- _____ (2004). **O que é alcoolismo**. São Paulo, Brasiliense.
- MATOS, Maria Lucia G. de (s/d.). “Dependência Química: um fenômeno complexo – entrevista com Eliana Freire”. In: <http://www.amaivos.uol.com.br> (captura em 15 de dezembro de 2004).
- MILBY, Jesse B. (1988). **A dependência de drogas e seu tratamento**. São Paulo, Pioneira / EDUSP.
- NASCIMENTO, Dilene R. do (1996). “A doença como objeto da História”. In: SOIHET, Rachel. **Revisitando o N.U.P.E.H.C.** Niterói, Programa de Pós-Graduação em História – UFF; Arrabalde, nº4.
- OLIEVENSTEIN, Claude *et alii* (1990). **A Clínica do Toxicômano: a falta da falta**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- PAES, Maria H. S. (1997). **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. São Paulo, Ática.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. (1983). **O que é contracultura**. São Paulo, Brasiliense.
- PROCÓPIO, Argemiro (1999). **O Brasil no mundo das drogas**. Petrópolis, Vozes.
- ROCCO, Rogério (1996). **O que é legalização das drogas**. São Paulo, Brasiliense.
- SANTIAGO, Jésus (2001). **A Droga do Toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- SEMERARO, Giovanni (2001). **Gramsci e a Sociedade Civil: cultura e educação para a democracia**. Petrópolis, Vozes, 2ªed.
- SENNETT, Richard (2002). **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 8ªed.

- SILVA, Viviane Dutra (2004). “Mídia e Compulsão: um estudo sobre a sociedade de consumo e o resgate do autocontrole na era do desençaixe”. Niterói, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFF (projeto de Mestrado gentilmente cedido pela autora).
- SIMMEL, Georg (1979). “A metrópole e a vida mental”. *In: VELHO, Octavio Guilherme (org.). O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____ (1998). “O indivíduo e a liberdade”. *In: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.). Simmel e a modernidade*. Brasília, Editora UnB.
- SOUZA, Marcelo de (1995). “O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre ‘ordem’ e ‘desordem’”. *In: Cadernos de Geociências*, nº13. Rio de Janeiro, IBGE, janeiro/março de 1995.
- SOUZA, Marcos Alvito (1998). **As cores de Acari**. São Paulo, USP.
- SPARANO, Marco (1998). **A criminalização da maconha – uma abordagem histórica**. Niterói, UFF.
- _____ (2002). **A repressão às drogas nas páginas de Veja (1968 – 1982)**. Niterói, UFF (dissertação de mestrado).
- STEIMAN, Rebeca (1995). **O mapa da droga**. Rio de Janeiro, UFRJ.
- TOSCANO JR., Alfredo (2001). “Um breve histórico sobre o uso de drogas”. *In: SEIBEL, Sergio D. & TOSCANO JR., Alfredo. Dependência de drogas*. São Paulo, Atheneu, pp. 7-23.
- TOTUGUI, Márcia L. (1988). “Visão histórica e antropológica do consumo de drogas”. *In: BUCHER, Richard. As drogas e a vida*. São Paulo, EPU, pp. 1-7.
- VELHO, Gilberto (1998). **Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro, FGV.
- _____ (1999). “Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea”. *In: Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade complexa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 6ªed, pp. 55-64.
- _____ (2003). “Dimensão cultural e política do mundo das drogas”. *In: Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ªed, pp. 84-89.

VESPUCCI, Emanuel Ferraz & VESPUCCI, Ricardo (1999). **O revólver que sempre dispara: os dependentes de drogas e os caminhos da recuperação, numa abordagem clínica.** São Paulo, Casa Amarela.

VIZZOLTO, Salete Maria (1987). **A droga, a escola e a prevenção.** Petrópolis, Vozes.

WEBER, Max (2004). **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo, Companhia das Letras.

WUSTHOF, Roberto (1991). **O que é prevenção de drogas.** São Paulo, Brasiliense.

ZALUAR, Alba (1985). **A Máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo, Brasiliense.

_____ (1994a). “A polícia e a comunidade: paradoxos da (in)convivência”. *In: Condomínio do diabo.* Rio de Janeiro, Revan/UFRJ.

_____ (1994b). **Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos.** São Paulo, Brasiliense.

_____ (2001a). “Violencia, dinero fácil y justicia en el Brasil: 1980 – 1995”. *In: Revista Internacional de Ciencias Sociales. N°169: Narcotráfico: dimensiones económicas y sociales.*

_____ (2001b). “Violencia en Río de Janeiro: estilos de ocio, consumo y tráfico de drogas”. *In: Revista Internacional de Ciencias Sociales. N°169: Narcotráfico: dimensiones económicas y sociales.*